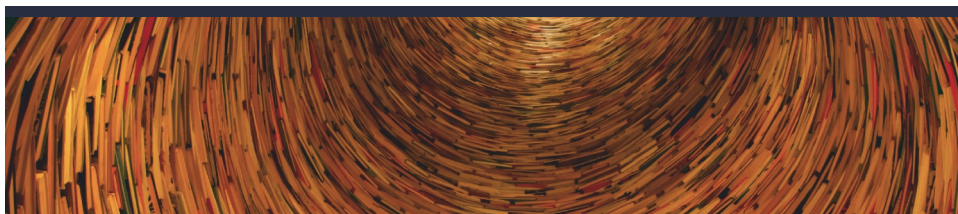


Justyna Wiśniewska

**AS PERÍFRASES VERBAIS ITERATIVAS
NO PORTUGUÊS EUROPEU**



Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej

**AS PERÍFRASES VERBAIS ITERATIVAS
NO PORTUGUÊS EUROPEU**

Justyna Wiśniewska

**AS PERÍFRASES VERBAIS ITERATIVAS
NO PORTUGUÊS EUROPEU**

Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej
Lublin 2021

Revisão científica
Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Revisão
Lino Matos

Redação técnica
Agnieszka Muchowska

Capa
Krzysztof Trojnar

Paginação e Composição
Agnieszka Muchowska

© Wydawnictwo UMCS, Lublin 2021

ISBN 978-83-227-9521-7

Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej
20-031 Lublin, ul. Idziego Radziszewskiego 11
Telefone 81 537 53 04
www.wydawnictwo.umcs.lublin.pl
e-mail: sekretariat@wydawnictwo.umcs.lublin.pl

Departamento comercial
Telefone/Fax 81 537 53 02
Livraria: www.wydawnictwo.umcs.eu
e-mail: wydawnictwo@umcs.eu

Impressão
„Elpil”, ul. Artyleryjska 11, 08-110 Siedlce

Índice

Introdução	7
1. Breves considerações sobre o aspeto verbal	11
1.1. Aspeto gramatical e aspeto lexical	19
1.2. Composicionalidade do aspeto verbal	27
1.3. O valor aspetual de iteratividade	31
1.4. Conclusão.	34
2. Algumas questões sobre as perífrases verbais em português . . .	37
2.1. Conceito da perífrase verbal.	38
2.2. Componentes da perífrase verbal: infinitivo, preposição, gerúndio, particípio passado.	43
2.3. Classificação das perífrases verbais	47
2.4. Sobre a gramaticalização	51
2.5. Critérios de auxiliaridade.	53
2.6. Conclusão.	59
3. As perífrases verbais como marcadores do valor aspetual de iteratividade.	61
3.1. A perífrase verbal <i>voltar a + infinitivo</i>	62
3.2. A perífrase verbal <i>andar a + infinitivo</i>	67
3.3. A perífrase verbal <i>costumar + infinitivo</i>	74
3.4. A perífrase verbal <i>começar a + infinitivo</i>	76
3.5. A perífrase verbal <i>continuar a + infinitivo</i>	80
3.6. A perífrase verbal <i>estar a + infinitivo</i>	82
3.7. A perífrase verbal <i>ir + gerúndio</i>	86
3.8. Conclusão	90

4. O mundo das perífrases em uso	93
Atividade 1	95
Atividade 2	96
Atividade 3	97
Atividade 4	98
Atividade 5	99
Atividade 6	100
Atividade 7	101
Atividade 8	102
Bibliografia	105
Anexo	111
Peryfrazy werbalne iteratywne w wariacie europejskim języka portugalskiego	117
Streszczenie	117
Iterative verbal periphrases in European Portuguese.	119
Abstract	119

Introdução

O presente estudo pretende, ainda que de forma simples, descrever sob o ponto de vista linguístico o funcionamento das perífrases verbais que exprimem o valor aspetual de iteratividade no português europeu¹. Propomos ao leitor o aprofundamento de um dos fenómenos linguísticos, constituintes do sistema gramatical da língua², nomeadamente, as construções perifrásticas que são de uso bem frequente em português. Vale a pena já no início mencionar que as perífrases verbais são estruturas gramaticais às quais se deveria dedicar ainda mais atenção nas gramáticas normativas e/ou descritivas³. O nosso intento é uma análise

¹ O presente estudo constitui o aprofundamento e o desenvolvimento de um capítulo sobre as perífrases verbais iterativas do livro *As estratégias gramaticais de expressão da iteratividade em português* publicado em 2014. Este trabalho pretende ter um duplo objetivo – apresentar uma análise das perífrases verbais que expressam o valor de iteratividade e de propô-la como subsídio para o ensino de português como língua não-materna.

² O sistema gramatical de uma língua faz parte da sua organização que é efetuada pelas unidades e categorias gramaticais. A estrutura gramatical da língua como um sistema é um conjunto de significados gramaticais abstratos e dos seus recursos que constituem a base sem a qual a língua não pode funcionar. Como destaca Polański (2003: 208) o sistema gramatical é um conjunto sistematizado de morfemas e regras gramaticais de uma língua dada. É um conjunto de regras de uma língua que determina as maneiras da coocorrência entre os elementos linguísticos (lexicais, gramaticais) presentes nessa língua em unidades linguísticas superiores (enunciados).

³ Gramática descritiva como o seu próprio nome indica, descreve as propriedades gramaticais de uma língua determinada num dado momento. O objetivo principal consiste em elaborar um conjunto de regras de uma língua. Para

de diferentes perífrases verbais, na certeza de que a observação de um conjunto de exemplos pode esclarecer o uso e o valor iterativo expresso pelas construções em questão. Definimos a perífrase verbal como uma construção complexa e composta por um verbo auxiliar que é o portador do significado gramatical (pessoa, modo, tempo, aspeto), por um verbo principal (também chamado auxiliado) que transmite a informação lexical. Entre os dois constituintes pode ocorrer também uma preposição se tivermos em conta algumas perífrases verbais em que o verbo principal está na forma do infinitivo.

a gramática em questão, a língua é o meio de comunicação entre os seus falantes e descreve os seus mecanismos de organização e funcionamento em determinado contexto. A gramática descritiva não parte da norma para descrever uma língua mas observa a língua que os falantes dela usam em diversas situações para descrever como é a língua. Os níveis de análise da gramática descritiva são: fonética (“é a disciplina científica que se ocupa dos sons da fala humana, do modo como esses sons são produzidos pelos locutores e como são percebidos pelos ouvintes” (Faria *et al.*, 2005: 115)); fonologia (estuda os sistemas sonoros das línguas. “A fonologia responde ao desafio: como é que o falante-ouvinte consegue reconhecer (...) o conjunto de cerca de duas dezenas que constituem as unidades pertinentes, ou seja, aquelas unidades que funcionam na língua como unidades do sistema e permitem a comunicação? E como as propriedades fonéticas que todos os sons possuem são utilizadas pelos falantes na transmissão de uma mensagem?” (Faria *et al.*, 2005: 171)); morfologia (estuda a estrutura interna das palavras e os processos da sua formação e flexão); sintaxe (estuda a estrutura da frase, ou seja, os seus grupos constituintes e as funções por eles desempenhados, também estuda as relações que se estabelecem entre as frases no discurso/texto).

A gramática normativa limita-se a apresentar uma norma de comportamento linguístico de acordo com a repetida definição “arte de falar e escrever corretamente” (Mattoso Câmara, ([1970]2001: 11). Desta forma podemos dizer que a gramática normativa estabelece e determina os usos corretos e incorretos de uma língua dada. Assim, a conceção da gramática normativa consiste em determinar as formas que deveriam ser usadas pela comunidade dada.

Retomando a afirmação de Mattoso Câmara ([1970]2001: 15) a gramática descritiva “faz parte da linguística pura”. A gramática normativa, segundo o linguista, tem “um lugar à parte, imposto por injunções práticas dentro da sociedade” (Mattoso Câmara, [1970] 2001: 15). A seguir podemos ler que a gramática normativa depende da linguística sincrónica ou gramática descritiva.

Tendo em conta o nosso objeto de estudo e os objetivos da investigação que estamos a realizar, apresentamos as seguintes hipóteses prévias de trabalho, que, serão, posteriormente, discutidas:

- Vários fatores, nomeadamente, as características do verbo auxiliar, as propriedades do verbo principal, as classes aspetuais do predicado verbal, as propriedades da preposição, a pluralidade do sujeito ou do complemento, entre outros, interferem no valor aspetual de iteratividade e também nos outros valores aspetuais.
- As perífrases verbais de marcação aspetual podem realizar vários tipos de repetição.

O presente estudo está organizado em quatro capítulos, sendo que o corpo principal do trabalho é desenvolvido nos capítulos 2 e 3.

Pelo facto deste trabalho ser um estudo que abrange a problemática relativa à categoria verbal do aspeto, nomeadamente a iteratividade é um dos valores aspetuais específicos, impõe-se a presença dum primeiro capítulo dedicado à exposição dos conceitos da mesma. Embora seja um capítulo necessariamente breve, tentaremos expor algumas informações concretas sobre a categoria em questão.

O segundo capítulo centra-se nas próprias perífrases verbais e compreende seis subcapítulos, o primeiro dos quais, se desenvolve em torno do conceito da perífrase verbal. Por seu turno, as seguintes secções focam-se em alguns aspetos relacionados com as construções perifrásticas, nomeadamente, componentes da perífrase verbal e, por fim, a auxiliaridade e gramaticalização.

O terceiro capítulo encerra com a descrição das perífrases submetidas à análise de ocorrências verbo auxiliar + preposição + infinitivo, verbo auxiliar + infinitivo, verbo auxiliar (verbo de movimento) + gerúndio. No capítulo em questão serão evidenciadas compatibilidades/incompatibilidades dos verbos auxiliares com os tipos de predicados verbais propostos por Vendler. Também observaremos a influência dos constituintes dos enunciados nos contextos dados no valor aspetual de iteratividade expresso pelas perífrases verbais em análise.

Para terminar as nossas considerações, propomos, no capítulo quatro, um conjunto de atividades que de uma certa forma ilustra os usos

e valores expressos pelas perífrases destacadas no estudo. A proposta de atividades sobre perífrases verbais envolve vários aspetos, p.ex.: reconhecer que existem diferentes tipos de sequências verbais; identificar as perífrases verbais, saber distinguir os enunciados com os auxiliares dos enunciados sem auxiliares, entre outros.

As análises apresentadas no presente estudo baseiam-se no *corpus* que é constituído por diferentes textos escritos sobretudo literários⁴. Alguns enunciados foram, por nós, construídos e verificados com os falantes nativos. Os exemplos são seguidos, entre parênteses, da abreviatura do título da obra e do número da página. Todos os exemplos que ocorrem na análise são assinalados em itálico. Em cada capítulo a numeração dos exemplos é autónoma. Para facilitar a leitura, palavras estrangeiras surgem também em itálico.

O presente trabalho segue o Acordo Ortográfico de 1990, ainda assim, mantivemos a grafia original da bibliografia consultada, pelo que as citações estão conforme as fontes consultadas e citadas.

Para terminar esta parte introdutória, esperamos que o conteúdo proposto neste livro também se apresente como um suporte para professores e aprendentes no contexto do ensino de português como língua estrangeira, sendo útil tanto para o elaborador de materiais didáticos como para o professor e o aluno.

⁴ A bibliografia das obras de estudo citadas e das obras de que foram retirados os exemplos encontra-se na parte final do estudo.

1. Breves considerações sobre o aspeto verbal

Como o presente estudo consiste na análise de um dos valores⁵ aspetuais, nomeadamente, um valor de iteratividade, no primeiro capítulo aproximamos do leitor as noções relacionadas com a categoria verbal do aspeto. Tal como destacam os linguistas (entre outros, Cunha e Cintra, Mateus *et al.*) o aspeto é uma das categorias verbais junto com as categorias do número, da pessoa, do tempo, do modo e da voz. Na linguística europeia, os estudos sobre o aspeto encontram-se bem desenvolvidos⁶. Há muitos trabalhos que se referem a esta problemática, servindo-se de uma terminologia muito abundante e muito variada. Há fortes divergências⁷ na definição da categoria em questão, das

⁵ O termo valor, implícito na própria designação da disciplina axiologia (do grego *axia* – que significa valor), é muito importante em linguística funcional. “A noção de valor pressupõe que: 1. Cada unidade tem uma identidade própria que lhe advém da sua função no processo de comunicação, de acordo com as relações de oposição que estabelece com as outras unidades comutáveis com ela; 2. Cada unidade pressupõe um consenso entre todos os que comunicam numa língua determinada” (Lopes citada em Osório, 2004: 34).

⁶ Para uma discussão mais aprofundada acerca da categoria do aspeto em português, consultar o trabalho de Hlibowicka-Węglarz (1998). No estudo *Processos de expressão do Aspetto na Língua Portuguesa*, a linguista apresenta, de maneira detalhada, os meios de expressão da categoria do aspeto em português e no capítulo quatro compara os mesmos com os recursos de expressão do aspeto em polaco.

⁷ A este propósito Castilho (1968: 39) observa “em verdade são tão díspares os conceitos de aspeto na rica bibliografia existente que um exaustivo levantamento analítico dêste ponto nos levaria a todo um variado corpo de doutrinas linguísticas; quem se lançasse a tal empresa encontraria pela frente problemas muito

suas classes e subclasses. Às vezes, os linguistas diferentes tratam do mesmo assunto, mas as conclusões das análises diferenciam-se umas das outras, até, se opõem. Basta referir aqui a distinção entre *Aktionsart* (modo de ação) e *Aspekt*, a distinção que foi introduzida nas línguas eslavas e depois entrou também na terminologia da linguística geral. Evidentemente, o paralelismo que se encontra nas línguas eslavas não se dá em todas as línguas, por isso, esta distinção resulta às vezes inadequada. Portanto, sublinhamos que não é nosso objetivo de apresentar o trabalho exaustivo sobre o aspeto ou de resolver as questões que levantam problemas no estudo sobre esta categoria verbal. Como o aspeto foi inicialmente associado às línguas eslavas, também não queríamos comparar o aspeto das línguas eslavas com o do português. Apenas, pretendemos apresentar os resultados e propostas escolhidas das questões associadas ao estudo do aspeto, tendo em conta os trabalhos de Comrie (1976) e particularmente os dos estudiosos portugueses ou dos linguistas que trataram do aspeto verbal em português.

Vejam, a título de exemplo, algumas definições de aspeto.

Cunha e Cintra ([1984]2014: 495) propõem a seguinte explicação do termo aspeto: “designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição”.

Por sua vez, Mateus *et al.* (2004: 129) mencionam que o aspeto “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação”.

Em Castilho (1968: 14) podemos ler que “o aspecto é a visão objectiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento. É pois a definição espacial do processo”.

complexos, e os menores não lhe adviriam daqueles autores que emitem logo de entrada sua opinião acerca dessa categoria. Pois dentre a centena de autores que pudemos consultar, nada raros são os que, esquecidos de que a conceituação do aspeto está longe de ser matéria pacífica, põem-se logo a enumerar seus casos, forçando o leitor a deduzir por conta própria aquela conceituação”.

Outro linguista, Travaglia ([1985] 2014: 43) define o aspeto como “uma categoria verbal de TEMPO, não-déitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e a da realização da situação⁸”.

Nestas definições, apesar de serem diferentes, podemos destacar os elementos em comum: o aspeto refere-se à situação em si, indicando o grau de desenvolvimento da situação, ou seja, começo, meio e fim e, a sua duração; é um tempo interno à situação. Para completar as informações acima apresentadas, citamos uma proposta de Comrie (1976) que define o aspeto como a categoria gramatical do verbo que permite abordar de maneiras diferentes a constituição temporal interna da situação analisada⁹, o tempo gramatical localiza a situação no tempo exterior, o aspeto especifica a estrutura temporal interna da situação analisada¹⁰. Portanto, o tempo e o aspeto são duas categorias gramaticais diferentes. Citamos o que constata a este propósito Oliveira e Silva (2019: 449) “o tempo está associado à localização da situação, quer relativamente ao tempo da enunciação, quer a outro tempo marcado linguisticamente. O aspeto, por sua vez, diz respeito à estrutura temporal interna da situação, sendo relevantes distinções entre presença ou ausência de dinamismo, de telicidade ou de duração, entre outras”.

As duas categorias em questão inter-relacionam-se e interdependem¹¹. Basta dar como exemplo os verbos conjugados no pretérito perfeito simples que veiculam a informação temporal e aspetual. Se tomarmos

⁸ O próprio linguista marca a palavra tempo em maiúsculas, a possível explicação é que o linguista refere o aspeto como tempo interno da situação descrita e não como uma categoria déitica.

⁹ *Aspect are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation* (Comrie, 1976: 3).

¹⁰ *Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other timepoint, but rather with the internal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation – internal time (aspect) and the situation – external time (tense)* (Comrie, 1976: 5).

¹¹ “uma mesma forma verbal, através dos seus morfemas flexionais, exprime valores referenciais das categorias gramaticais tempo e aspecto (...) os marcadores básicos dos valores temporais – os tempos verbais – são igualmente marcadores de valores aspectuais” (Campos, 1991: 305).

em consideração a forma *partiu*, compreendemos que a desinência *-iu* acumula os valores de passado e do aspeto perfeitivo.

Quando referimos a categoria verbal do aspeto, logo pensamos na oposição aspetual, que é do conhecimento comum e é esta que se dá entre perfeitivo, que mostra uma situação como um todo acabado, e imperfetivo¹², que apresenta uma situação em curso. A título de exemplo, citamos os enunciados abaixo que corroboram o que acaba de ser dito:

(1) *A Maria leu o livro*

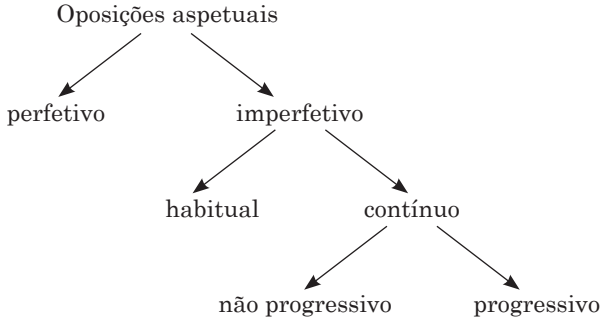
(2) *A Maria lia o livro.*

Baseando-nos nisso, formulamos a seguinte confirmação: o mesmo acontecimento de *ler o livro* é visto de duas perspetivas diferentes. A primeira situação descrita pode ter a interpretação de ser concluída e acabada enquanto a segunda é apresentada em desenvolvimento, não é acabada¹³. A distinção da oposição perfeitivo *vs* imperfetivo é descrita por Comrie (1976: 4) da seguinte forma: enquanto o perfeitivo perspetiva a situação de fora, com início, meio e fim englobados num todo, o imperfetivo olha a situação de dentro, focalizando uma das suas partes internas. Sobre as oposições aspetuais que se realizam nas línguas¹⁴, os dados que refere Comrie (1976) são os seguintes, conforme o esquema 1 demonstra:

¹² Oliveira (2005: 368) afirma o seguinte: "uma das grandes oposições aspectuais é exatamente **Imperfeitivo/Perfeitivo** de que são exemplo respectivamente *A Maria está a comer a maçã* e *A Maria esteve doente*, pois no primeiro caso o evento não está completo e no segundo é apresentado como tal". [destaques da própria autora]

¹³ Grzegorzcykowa (1997: 26) no âmbito da semântica cognitiva, destaca que o aspeto imperfetivo perspetiva um acontecimento de acordo com a conceção de tempo do passado para o futuro com um ponto em movimento "nós". A linguista explica que é diferente com o aspeto perfeitivo, que traça o fenómeno do ponto de vista dos eventos prontos que virão do futuro.

¹⁴ Em polaco, os linguistas referem que o aspeto de um verbo é relacionado com o seu significado. Wróbel (2001: 137) diz que adquirimos o valor aspetual de um verbo junto com um dado verbo. Grzegorzcykowa (1997: 25–26) sublinha que o aspeto verbal é uma categoria gramatical com a função classificatória, ou



Esquema 1. Classificação das oposições aspetuais (Comrie, 1976: 25).

O esquema acima exposto evidencia que nesta oposição *perfetivo vs imperfetivo*, é o *imperfetivo* que se subclassifica em subtipos distintos, nomeadamente, *habitual* e *contínuo*. Enquanto o *habitual* descreve um acontecimento que ocorre geralmente num determinado período de tempo (p.ex.: *Todos os dias a Maria lia o livro*), o segundo subtipo representa uma situação em curso, durante determinado período de tempo (p.ex.: *A Maria estava a ler o livro*). Como podemos observar no esquema acima, Comrie (1976) ainda subdivide o *imperfetivo contínuo* em *não progressivo* (p.ex.: *Todos os dias, quando a Maria lia o livro, o marido dela ouvia música*) e *progressivo* (p.ex.: *Todos os dias, quando a Maria lia o livro, o marido dela estava a ouvir música*). Segundo Comrie (1976) a forma *progressiva* ocorre com os predicados que possuem o traço semântico [+dinâmico] uma vez que as características de verbos que sejam estados, seriam incompatíveis com a noção de *progressividade*. A classificação das oposições aspetuais de Comrie (1976) costuma ser considerada como básica para os estudos do aspeto.

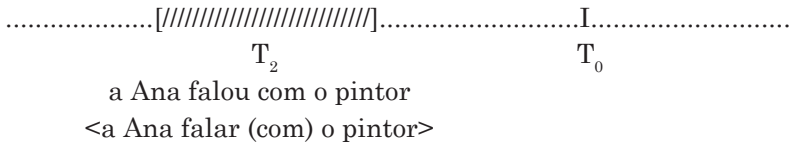
seja, todos os verbos eslavos têm o aspeto, tal como o substantivo tem o género. Os valores desta categoria (*perfetivo vs imperfetivo*) são expressos lexicalmente, por exemplo, (*brać – wziąć*) ou pela morfologia derivacional, com prefixos (*pisać – napisać*) ou sufixos (*dać – dawać*). Portanto, nas línguas eslavas existe o sistema de pares aspetuais em que um dos verbos é *perfetivo* e o outro *imperfetivo*.

No entanto, a título ilustrativo, aproximamos do leitor duas propostas dos estudiosos portugueses¹⁵.

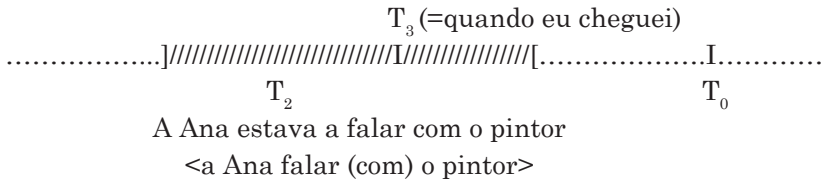
Consideramos necessário mencionar os trabalhos de Campos (1984, 1991, 1994, 1997) que contribuíram para o desenvolvimento da categoria do tempo e aspeto em português. Também o nosso estudo se enquadra na teoria proposta pela linguista. A autora sublinha a importância que se atribui ao tempo gramatical em português, dizendo que a língua portuguesa “organiza o sistema verbal em torno do eixo temporal” (Campos, 1997: 11). Nos trabalhos da linguista, encontramos vários exemplos que ilustram as considerações da autora. Citando o exemplo seguinte *O Gil está a ler o último romance de X*, Campos (1991) explica que a situação linguística é construída como estando em curso no dado momento de enunciação (T₀). Portanto,

¹⁵ Tal como já mencionamos, existem vários estudos dedicados ao aspeto verbal. No Brasil, os trabalhos de referência são os de Castilho (1968). Apesar destes trabalhos não serem recentes, constituem até hoje o ponto de partida para muitos linguistas. Castilho (1968) propõe quatro valores e relaciona-os com os aspetos que considera típicos da língua portuguesa. Propõe os seguintes valores, o de duração, de completamento, de repetição e de negação da duração e do completamento. Se ação verbal indica uma duração, isto equivale ao aspeto imperfetivo; se ação verbal é acabada, temos o aspeto perfetivo; se o acontecimento se repete, temos o aspeto iterativo. O linguista sublinha que o aspeto imperfetivo envolve o aspeto imperfetivo inceptivo que abrange o inceptivo propriamente dito, ou seja, este que indica o início da ação e inceptivo incoativo que indica o começo da ação com a mudança de estado. O linguista enumera também outros aspetos do imperfetivo, nomeadamente, o aspeto imperfetivo cursivo em que se pode distinguir dois subtipos, o aspeto imperfetivo cursivo, que apresenta um acontecimento no seu desenvolvimento, e o aspeto cursivo progressivo que indica o desenvolvimento gradual de uma situação descrita. E último neste grupo, o aspeto imperfetivo terminativo apresenta duração de que se conhece o término. O perfetivo tem a ver com a situação acabada e compreende três subtipos: o perfetivo pontual, que é aquele que não dura, representado por um ponto; o perfetivo resultativo, que indica o resultado de um evento e o perfetivo cessativo, que decorre da ação expressa pelo verbo e admite a interrupção da situação apresentada. O aspeto iterativo consiste na repetição da situação descrita. O iterativo, segundo o linguista, compreende o aspeto iterativo imperfetivo e o aspeto iterativo perfetivo. Para Castilho, este aspeto é, então, intermediário entre o perfetivo e o imperfetivo. O aspeto indeterminado caracteriza-se por não ser nem perfetivo nem imperfetivo.

no mesmo enunciado há também o valor aspetual, que como afirma a linguista, “diz respeito à forma como o acontecimento é estruturado linguisticamente e não à sua localização cronológica (Campos, 1991: 301). Quanto à estrutura linguística das situações descritas, Campos (1991) menciona que um acontecimento linguístico pode ser construído como um todo fechado e neste caso o enunciado tem o valor perfetivo ou um acontecimento linguístico pode ser construído como estando a decorrer e o enunciado, neste caso, ganha o valor imperfetivo. Campos (1991) apresenta exemplos que ilustram a afirmação feita. Retomemos, agora, os dois enunciados que explicam os dois valores aspetuais: *A Ana falou com o pintor* e *A Ana estava a falar com o pintor*. A autora apresenta graficamente esses dois exemplos. O primeiro enunciado é apresentado de maneira seguinte:



Tal como constata Campos (1991) o acontecimento linguístico acima apresenta a sequência de instantes (T_2) como um intervalo fechado. Abaixo segue o diagrama do segundo exemplo, em que o acontecimento linguístico é perspectivado a partir de ponto diferente que o acontecimento construído no primeiro enunciado:



Portanto uma situação descrita é apresentada como em curso, ou seja, “como estando a decorrer em T_3 (quando eu cheguei). Não havendo

construção dos primeiro e último pontos da sequência de instantes como um intervalo aberto” (Campos, 1991: 304).

Os estudos sobre o aspeto de Campos baseiam-se no quadro da teoria das operações enunciativas de Culioli. No artigo *Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais* Campos (1994) aproxima dos conceitos básicos e imprescindíveis na abordagem da teoria enunciativa que servem também para explicar a construção dos valores aspetuais. Enumera os seguintes conceitos: de noção, de ocorrência e de operação de localização. Segundo a linguista, a noção predicativa é “um sistema de propriedades físico-culturais, que estruturam um domínio nocional (...) A ocorrência da noção é construída pela passagem da noção a uma materialidade acessível ao linguista, com a indissociável localização num sistema referencial definido pelos parâmetros. A operação de localização é, como a noção, um primitivo teórico constitutivo da actividade da linguagem” (Campos, 1994: 79). A linguista destaca que na construção dos valores aspetuais é preciso ter em conta três planos: o plano da noção (no qual se definem e estruturam propriedades semânticas primitivas), o plano sintático-semântico (em que se constrói a relação predicativa) e o plano das operações enunciativas (em que se constroem determinações nominais e verbais, dando origem ao enunciado (Campos, 1994: 80).

Duarte (1992) propõe, em vez dos conceitos perfetivo e imperfetivo, o valor acabado e inacabado. A linguista define o primeiro de maneira seguinte: “a descrição de um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , tem como ponto de referência a fronteira final de I_t ” (Duarte, 1992: 98). O valor inacabado descreve “um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , tem como ponto de referência um m_t interno a I_t (*op. cit.*: 98). A autora apresenta a sistematização dos valores aspetuais, enumerando os seguintes: pontual (incoativo, causativo, inceptivo, conclusivo, cessativo), durativo (cursivo, permansivo, iterativo, frequentativo, habitual, gnómico). Na 6ª edição da *Gramática da Língua Portuguesa*, Oliveira (2004: 129) sublinha que “o aspecto fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação”.

1.1. Aspeto gramatical e aspeto lexical

Tradicionalmente, quando falamos do aspeto, distinguimos o aspeto gramatical de aspeto lexical (modo de ação, *Aktionsart*)¹⁶.

O aspeto gramatical corresponde às oposições expressas pelas formas verbais que ocorrem no enunciado (Hlibowicka-Węglarz, 1998: 31). No entanto, o aspeto lexical designa a natureza aspetual do predicado, ou seja, consiste, particularmente, no próprio lexema verbal e tal como afirma Cunha (2013: 587) é usado “para designar as diferentes classes aspetuais das situações, opondo-se por vezes ao termo “aspeto”, que designa tipicamente os mecanismos de cariz morfológico que permitem perspetivar de maneiras diferentes uma mesma classe aspetual”. Sendo assim, podemos dizer que o aspeto em português tem ao seu dispor de expressão os meios gramaticais e lexicais. Em primeiro lugar, falaremos dos recursos gramaticais. Já acima mencionamos um dos recursos que é considerado principal na expressão do aspeto, nomeadamente, os tempos verbais. Outros processos gramaticais de destaque são as perífrases verbais e adverbiais aspetuais.

Como o primeiro recurso veremos os tempos gramaticais, e a propósito disso, apresentamos um paradigma de exemplos:

(3) *A Maria escreve cartas para os pais dela.*

(4) *A Maria escreveu a carta para os pais dela.*

(5) *A Maria escrevia cartas para os pais dela.*

(6) *Quando voltei do cinema, a Maria já tinha escrito a carta para os pais dela.*

(7) *Ultimamente a Maria tem escrito cartas para os pais dela.*

Assim, o infinitivo *escrever* no exemplo (3) ocorre no presente do indicativo¹⁷. Portanto o enunciado pode ser interpretado como uma

¹⁶ Mateus *et al.* (1992) propõem substituir esta distinção aspeto gramatical e lexical por expressão gramatical e expressão lexical.

¹⁷ O presente do indicativo pode ser usado para referir um facto atual, para enunciar ações e estados permanentes, para indicar uma ação habitual, entre outros valores (Cunha e Cintra, [1984] 2014: 560–561).

situação habitual, ou seja, estamos perante uma ocorrência de eventos do mesmo tipo que têm lugar num intervalo de tempo não delimitado, mas esta ocorrência inclui o momento da enunciação. Os três exemplos seguintes apresentam acontecimentos no passado, mas também evidenciam algumas diferenças. Portanto, o enunciado (4) em que ocorre o pretérito perfeito simples “predica um estado de coisas sobre sujeito sintático, projetado no passado, com valor acabado” (Correia, 2012: 246)¹⁸. No exemplo a seguir (5) a ocorrência do pretérito imperfeito descreve a situação como não concluída. Cunha e Cintra ([1984]2014: 564–565) observam que o imperfeito designa “um facto passado, inacabado. Encerra uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal (...)”¹⁹. Relativamente ao pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito, acresce referir que nos exemplos acima citados (4) e (5) a oposição aspetual básica perfeito *vs* imperfeito, é uma distinção ao nível do aspeto gramatical, não influenciada pelo valor aspetual lexical por expressar noções aspetuais codificadas em elementos gramaticais, tais como a flexão verbal. Como ficou demonstrado, a distinção perfeito *vs* imperfeito é marcada no passado, pela divisão entre pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito.

O exemplo (6) ilustra um caso em que, a interpretação depende da segunda frase, a situação de *escrever um livro* indica um processo

¹⁸ Correia (2012: 249) no subcapítulo *Algumas características dos tempos gramaticais no PE* menciona que o pretérito perfeito simples é um tempo privilegiado na expressão do passado. Também refere que sob o ponto de vista aspetual, as sequências podem ter ou não valor perfeito e esses valores dependem da combinação com adverbiais [+/- durativos]. A linguista refere que relativamente à oposição acima proposta, é preciso partir de uma análise que abrange a ocorrência do pretérito perfeito simples com o SNs. E como destaca Correia (2012: 249), propondo dois exemplos *X comeu uma/a maçã* e *X comeu maçãs*, no primeiro exemplo é construído um estado resultante e no segundo exemplo observamos “uma sucessividade de eventos, não sendo necessariamente construído um estado resultante”. Portanto, o exemplo (4) citado acima apresenta um acontecimento descrito como acabado, construindo um estado resultante.

¹⁹ Nas gramáticas do português podemos ver que o pretérito imperfeito pode expressar vários valores, p.ex.: pode servir para indicar uma ação passada habitual ou repetida, para referir factos passados percebidos como durativos ou permanentes ou para atenuar um pedido (imperfeito de cortesia), entre outros.

que ocorreu antes de outro também passado. No último enunciado (7), estamos perante o tempo pretérito perfeito composto²⁰ que como destaca Correia (2012: 250) é um marcador que inclui o momento da enunciação e “marca exclusivamente valores não perfeitivos, ao associar-se, preferencialmente, a adverbiais [+durativo]”. A linguista sublinha que “depende da classe de predicados a que se associa, desencadeia valores de continuidade ou valores de iteratividade”. Portanto, tomando em consideração o exemplo (7) a situação apresentada pode ser considerada, ao nosso ver, durativo-iterativa e resulta, neste contexto, da ocorrência das propriedades do verbo principal com a quantificação do objeto direto.

Como evidenciam os exemplos, os tempos aqui apresentados são portadores dos seguintes valores: o pretérito imperfeito interpreta os processos como imperfeitivos e pode ser representado como um intervalo aberto; o pretérito perfeito simples interpreta os processos como perfeitivos, descrevendo-os de maneira global como totalidade; o pretérito perfeito composto é o tempo imperfeitivo e descreve as situações em curso ou a sua repetição; o pretérito mais-que-perfeito é o tempo relativo e exprime o valor aspetual perfeitivo; o presente é o tempo gramatical atemporal e pode exprimir vários valores entre os quais se destaca o valor habitual aqui apresentado.

O segundo recurso gramatical constituem-no as perífrases verbais. As construções em questão expressam matizes que só um simples verbo não é capaz de transmitir. Batoréo (1989b: 18) quando refere as diferenças entre o sistema aspetual polaco e português diz que “a língua portuguesa encontra expressão para as suas oposições aspectuais, principalmente, nos meios sintáticos, tendo ao seu dispor uma grande gama de construções perifrásticas”. Portanto, esta afirmação permite-nos constatar que as perífrases verbais constituem um dos recursos mais importantes na expressão da categoria verbal do aspeto.

Como analisaremos as perífrases nos capítulos a seguir, apresentaremos abaixo alguns exemplos a título ilustrativo:

²⁰ Os trabalhos de destaque sobre o pretérito perfeito composto são da autoria de Campos (1984, 1987 e outros).

- (8) *O Pedro acabou de sair de casa.*
(9) *A Ana está a estudar francês.*
(10) *A Maria continua a trabalhar nesta empresa.*

No enunciado (8) a perífrase verbal indica uma situação recém-concluída, assumindo um valor aspetual conclusivo. O verbo auxiliar *acabar* caracteriza-se pelo traço semântico (-durativo) e combina-se com todos os tipos de predicados verbais. Entretanto, nos exemplos (9) e (10), os verbos auxiliares são durativos, então podem descrever situações que se prolongam no tempo. No enunciado (9), a perífrase assume o valor aspetual cursivo, que mostra a ação no seu desenvolvimento enquanto a construção perifrástica no exemplo (10) expressa o valor permansivo. Podemos dizer que a classe semântica de toda a perífrase verbal depende do verbo auxiliar, que é constituinte fundamental de cada construção perifrástica. Como evidenciam estes três exemplos, o valor aspetual de toda a construção é uma configuração dos valores aspetuais de todos os constituintes presentes num enunciado.

Os adverbiais constituem o último grupo, que também desempenha uma função importante na determinação da natureza aspetual de todo o enunciado. Hlibowicka-Węglarz (1998: 52) cita dois exemplos que evidenciam a interação dos adverbiais no valor global do enunciado:

- (11) *A Maria leu o livro numa hora.*
(12) *A Maria leu o livro durante uma hora.*

Como explica a autora, no enunciado (11) estamos perante um evento prolongado que se realiza em três fases: começa, desenvolve-se e acaba no tempo determinado pelo adverbial *numa hora*. Pode dizer-se também que *o livro está lido*, o que corresponde a um estado resultante do evento referido. O adverbial temporal *numa hora*, com certeza, completa a informação aspetual da forma verbal com a qual coocorre.

No exemplo (12), observamos a ocorrência do adverbial durativo *durante uma hora*, que também desempenha a função importante no valor aspetual de todo o enunciado. Ao contrário do exemplo (11), este

enunciado não nos transmite a informação sobre o resultado da situação descrita. O adverbial *durante uma hora* evidencia que *a Maria estava a ler o livro*, mas não se recebe a informação se acabou de ler o livro ou não.

Vejam-se ainda exemplos com os adverbiais de frequência para ver como este tipo do adverbial pode influir no valor global do enunciado:

(13) *Na semana passada o meu marido telefonou-me várias vezes.*

(14) *Durante quinze anos, todos os dias, de manhã, a Maria lia o jornal.*

O exemplo (13) apresenta a situação descrita que ocorre com alguma frequência. O tempo gramatical pretérito perfeito simples que se caracteriza por ser terminado e perfetivo, através desta ocorrência com o adverbial de frequência, ganha o valor frequentativo. No exemplo (14) estamos perante o período de tempo longo durante o qual a situação descrita de *ler o jornal*, repete-se muitas vezes com alguma regularidade e desta maneira, todo o enunciado ganha o valor habitual. Assim, observa-se que para definir o valor aspetual de um dado enunciado, temos de analisar as propriedades semânticas, neste caso, de um adverbial e do predicado, para depois ver as propriedades contextuais de todo o enunciado.

O aspeto lexical, como já ficou mencionado, decorre do significado da natureza lexical dos predicados verbais – o significado que lhe é inerente. O próprio valor aspetual do lexema verbal constitui um dos modos de expressão do aspeto lexical²¹. Nos estudos do aspeto verbal, o conceito de

²¹ Como afirma a linguista Hlibowicka-Węglarz (1998), a língua portuguesa encontra vários processos lexicais para expressar o aspeto verbal. A autora menciona as seguintes estratégias lexicais para expressar o aspeto em português: – as classes aspetuais a que os predicados pertencem (p.ex.: *desmaiar* = ação ponto *vs cantar* = ação durativa), – a morfologia derivacional (p. ex.: *saltar* = dar saltos *vs saltitar* = dar saltos pequenos e frequentes), – a repetição do verbo (p.ex.: *ele trabalha, trabalha e não se lhe vê nada* = ele trabalha muito e sem resultado). No presente estudo não abordaremos a questão da formação de palavras através da morfologia derivacional. Apenas, concentramo-nos no primeiro recurso, ou seja, as classes aspetuais dos predicados verbais, porque

Aktionsart levou os linguistas a estabelecer as tipologias aspetuais dos predicados verbais. Na linguística geral, a proposta de Vendler (1967) é tomada como ponto de referência na classificação dos predicados verbais²² e costuma ser aplicada também ao estudo do aspeto em português. Vendler (1967) distingue quatro classes de predicados verbais²³ que são caracterizados segundo os seguintes parâmetros: dinamicidade / estado, telicidade / atelicidade, duratividade / instantaneidade. À cada classe aspetual atribui-se os parâmetros apropriados (ou a falta deles). Veja-se abaixo o quadro com a classificação dos predicados verbais com os três parâmetros: dinamicidade, telicidade, duratividade:

Tabela 1. Classificação dos predicados verbais com os três parâmetros: dinamicidade, telicidade, duratividade.

Classes aspetuais de predicados verbais	Dinamicidade	Telicidade	Duratividade	Exemplos
<i>States</i>	–	–	+	<i>have, like, want, believe</i>
<i>Activities</i>	+	–	+	<i>sleep, sing, walk, tell stories</i>
<i>Accomplishments</i>	+	+	+	<i>build a house, paint a picture</i>
<i>Achievements</i>	+	+	–	<i>start, recognize, notice</i>

a análise das mesmas é imprescindível para evidenciarmos um valor de iteratividade expresso pelas perífrases verbais.

²² Na linguística geral, existem várias classificações de predicados verbais, entre outras, a de Moens (1987). Existem também propostas de tipologias para a classificação aspetual de predicados verbais em português, entre outros, a de Santos (1991). Santos (1991: 392–393) classifica os predicados verbais em oito classes: estados (*possuir, amar*), mudanças (*descobrir, reconhecer*), atividades (*correr, procurar*), picos (*morrer, fechar*), obras (*produzir, construir*), aquisições (*conhecer, ficar*), estados prolongados (*viver, morar*), séries (*tossir, gritar*).

²³ A classificação semântica dos predicados verbais de Vendler baseia-se na classificação das expressões predicativas.

As classes *states* (estados, as situações estáticas, p.ex.: *have, like, want, believe*), *activities* (atividades, as situações dinâmicas que não chegam ao fim natural, p.ex.: *sleep, sing, walk, tell stories*), *accomplishments* (eventos prolongados: as situações dinâmicas que tendem ao fim natural, p.ex.: *build a house, paint a picture*), *achievements* (eventos instantâneos: as situações dinâmicas instantâneas, p.ex.: *start, recognize, notice*) foram distinguidas com base em dois critérios: a possibilidade de expressar uma forma progressiva e de ocorrer com advérbiais *for* + marcador de tempo (*for two hours* ‘duas horas, por duas horas’) e *in* + modificador de tempo (*in two hours* ‘durante duas horas’)²⁴. Na literatura, um dos testes diagnósticos que diferencia as classes de verbos é aquele com os advérbios citados. Apenas *activity* (atividades) e *accomplishments* (eventos prolongados) podem ser usados no sentido de progressividade p.ex.: *John is running. (O João está a correr). John is building a house (O João está a construir uma casa)*. *States* e *activity* são compatíveis com os advérbiais durativos *for an hour*, p.ex.: *She was happy for a year (Ela ficou feliz por um ano), Peter swam for an hour (O Pedro nadou por uma hora)*. Por sua vez, *accomplishments* e *achievements* são compatíveis com os advérbiais como *in an hour*, p.ex.: *The clothes dried in ten minutes. She washed the dishes in an hour. (As roupas secaram em dez minutos. Ela lavou os pratos numa hora)*. E os *achievements* ocorrem com modificadores como *at the moment*, p.ex.: *At the moment John recognized Peter (Neste momento, o João reconheceu o Pedro)*.

Outros pesquisadores apontam que o que falta na dita classificação são os verbos semelfativos (tal grupo é distinguido por Smith, 1993) e delimitativos (tal grupo é mencionado por Flier, 1985).

Retomando o conteúdo do quadro acima citado, podemos agrupar quatro classes aspetuais em dois tipos de situações, ou seja, situações dinâmicas (eventos instantâneos, eventos prolongados e atividades) e situações não dinâmicas (estados).

²⁴ Baseamo-nos, na descrição da ocorrência dos advérbios com as classes de predicados verbais de inglês nos trabalhos de Smith (1993), Dowty (1979). Os exemplos em inglês vêm dos trabalhos destes autores.

Como se pode verificar, apresentando os exemplos da língua portuguesa, os eventos instantâneos expressam situações pontuais em que não se pode distinguir as fases como o início, o desenvolvimento ou fim. Citamos alguns verbos que são considerados os eventos instantâneos: *nascer, morrer, desmaiar, chegar, sair*. Tal como ficou exposto, os eventos instantâneos são apenas compatíveis com os adverbiais temporais pontuais, p.ex.: *O Pedro chegou às cinco horas*. Então, usando na mesma frase um adverbial durativo *durante duas horas* observamos a incompatibilidade do adverbial que expressa a duração com o verbo *chegar* que é de curta duração.

Aos eventos prolongados associa-se a duração delimitada. Neste tipo de situações é possível distinguir três tipos de fases ao contrário dos eventos instantâneos: o início, o decorrer de uma situação e o final de uma situação. Os eventos prolongados ocorrem com muita frequência com os adverbiais que expressam “em X tempo”, p.ex.: *O meu amigo escreveu o livro em cinco dias. O menino almoçou num quarto de hora*.

As atividades são situações dinâmicas a que se associa duração ilimitada, ou seja, são as situações caracterizadas como indefinidamente prolongadas no tempo que lhes é associado, p.ex.: *Escreveu durante toda a noite. A Maria estuda português há cinco anos*. Como evidenciam os exemplos, as atividades ocorrem com expressões adverbiais durativas. Os exemplos das atividades: *ler, correr, nadar* etc.

Os estados constituem um exemplo das situações não dinâmicas e homogêneas na duração temporal que lhes é atribuída. Os estados não admitem nem mudança nem desenvolvimento e ocorrem ao longo de um período indefinido de tempo. Encontramos nas gramáticas os exemplos de verbos estativos que exprimem estados, p. ex.: *haver Há muita gente no cinema*; verbos de posse, p.ex.: *ter, pertencer Tenho um novo carro*; verbos epistémicos, p.ex.: *saber O Pedro sabe falar polaco*; verbos perceptivos, p.ex.: *ver A Maria viu o acidente na rua*; verbos psicológicos, p.ex.: *gostar Eu gosto deste bolo de chocolate*; verbos copulativos, *ser, estar, ficar Depois do exame, ficou cansado*.

A proposta da classificação dos predicados verbais de Vendler servir-nos-á na análise das perífrases verbais iterativas no capítulo 3. A sua importância para o estudo de aspeto torna-se bem evidente se nós

analisarmos, por exemplo, os dois valores aspetuais expressos pelo pretérito perfeito composto (verbo principal: estado – valor durativo; verbo principal: evento – valor iterativo). Podemos dizer que o tipo do predicado verbal é um dos fatores que nos permite analisar os valores aspetuais que um dado enunciado pode expressar.

1.2. Composicionalidade do aspeto verbal

Tal como foi evidenciado no subcapítulo anterior, no que diz respeito à informação aspetual de uma frase Raposo *et al.* (2013: 587) constatam que esta “é dada por duas vias distintas: uma de natureza lexical e outra de cariz gramatical”. Hlibowicka-Węglarz (1998: 9) defende que “enquanto o aspecto pertence à semântica, a distinção de dois termos: aspecto lexical e aspecto gramatical pertence à tipologia e refere-se apenas a diferentes categorias de marcas formais do mesmo aspecto semântico”. Sendo assim, o aspeto verbal depende de vários constituintes do enunciado e da inter-relação entre eles, ou seja, da natureza aspetual do predicado verbal, dos valores representados pelos morfemas de tempos verbais e também dos valores expressos pelas perífrases verbais ou adverbiais. Portanto, parece importante citar agora Mateus *et al.* (2004: 133) que sublinham o seguinte: “pode veicular-se informação aspectual muito semelhante recorrendo a diferentes processos linguísticos”. Em termos muito simples, o que se diz é que “o aspeto, em português, se encontra na dependência de um conjunto vasto e complexo de fatores, não surpreende que uma mesma propriedade aspetual possa ser alcançada recorrendo a meios muito diferentes” (Raposo *et al.*, 2013: 587). Os exemplos que se seguem pretendem ser uma ilustração das afirmações feitas acima:

(15) *O Pedro tem saído todos os dias.*

(16) *Na semana passada o meu marido telefonou-me várias vezes.*

(17) *Ela voltou a ler este livro.*

(18) *Ele saltitou durante uma hora.*

Dos exemplos apresentados, verifica-se que uma leitura iterativa pode ser conseguida através dos meios linguísticos muito diversos: desta forma, em (15) a iteratividade resulta do próprio tempo pretérito perfeito composto; em (16) depende da inter-relação do tempo passado com a coocorrência com um adverbial frequencial *várias vezes*; em (17) deriva da utilização do verbo auxiliar que introduz diretamente o valor aspetual em questão, e em (18) é a iteração associada ao sufixo *-it-*. Voltemos ainda ao exemplo (15), em que ocorre pretérito perfeito composto, para explicar em que consiste a interdependência e inter-relação aspetual entre os constituintes do enunciado. De acordo com a conceção de Campos (1991), quando o pretérito perfeito composto ocorre com os verbos que pertencem à classe de estados, o enunciado ganha o valor de continuidade (aspeto durativo) o que podemos observar nos dois seguintes exemplos em que ocorrem os verbos estativos: *ter* e *pensar*.

(19) *Desde que a escola abriu, têm tido muitas inscrições.* (PSF: 72)

(20) *Tenho pensado muito na nossa última conversa...* (HD: 151)

Nestes exemplos, o acontecimento prolonga-se, sem interrupção, até ao momento de enunciação (T_0), incluindo-o. Quando esse tempo se combina com os verbos de valor não estativo, o pretérito perfeito composto marca a construção de valor iterativo²⁵.

(21) *Ultimamente tenho trabalhado de mais. Estou estafado.* (PSF: 72)

(22) *Tenho estudado muito.* (FN)

Em (21) – (22) os verbos (*trabalhar*, *estudar*) combinados com o pretérito perfeito composto expressam ocorrências de um mesmo acontecimento que se sucedem um número indefinido de vezes. Para uma maior facilidade de leitura, repete-se os enunciados (20) *Tenho pensado muito na nossa última conversa...* (HD: 151) e (21) *Ultimamente*

²⁵ Castilho (1968) menciona que o aspeto é durativo quando o predicado relevante é atélico e iterativo quando é télico.

tenho trabalhado de mais. Estou estafado. (PSF: 72). Retomando os dois exemplos, um com a ocorrência do verbo estativo [-dinâmico] e outro com a ocorrência do verbo não estativo [+dinâmico], representemos os valores durativo e iterativo pelos diagramas seguintes (20) e (21):

(20)

.....]//////////I[.....
 pensar T₀

(21)

.....][...][...][...][...][...][...][...][...I[.....
 trabalhar T₀

Comparando os diagramas acima, vemos que em (21), os intervalos sucedem-se apresentando a classe teoricamente infinita de acontecimentos enquanto em (20), com os verbos estativos, observamos o acontecimento singular e homogêneo.

A partir da proposta feita acima sobre os dois valores aspetuais expressos pelo tempo em questão, retomemos e refletimos ainda os enunciados abaixo citados:

(23) a. *Tenho pensado muito na nossa última conversa...* (HD: 151)b. *Tenho pensado muitas vezes na nossa última conversa.* (FN)(24) *Tenho-me encontrado várias vezes com a Maria.* (FN)

Em regra geral, repetimos que o pretérito perfeito composto ao ocorrer com o verbo estativo, exprime o valor de continuidade, o que evidencia o enunciado (23a). Como vemos, o mesmo enunciado, se for determinado por um adverbial frequencial permite a interpretação iterativa. Neste caso concreto, através da ocorrência do adverbial frequencial *muitas vezes* com o verbo estativo *pensar*, o enunciado ganha a leitura iterativa. No enunciado (24) o adverbial de frequência sublinha apenas o valor aspetual de iteratividade. O verbo *encontrar-se* não pertence a classe aspetual de estados, sem presença do adverbial também expressa a iteratividade. Apresentando esses exemplos concretos (23a) e (23b),

verifica-se que o valor aspetual depende do aspeto gramatical, do aspeto lexical e de outros elementos presentes no enunciado. Os exemplos seguintes mostram como a quantificação do objeto direto pode influir na ocorrência dos valores aspetuais deste tempo verbal.

Comparemos ainda, a título de exemplo, os enunciados transcritos abaixo:

- (25) a. *O João tem comido maçãs / * uma maçã / * duas maçãs.*
 b. *O João tem comido duas maçãs por dia.*

Em (25a) verifica-se que o pretérito perfeito composto exige um objeto direto indeterminado que permita interpretação iterativa da situação descrita. A ocorrência de um objeto direto determinado torna este enunciado inaceitável e incorreto (*O João tem comido uma maçã / duas maçãs*). A frase torna-se aceitável e desaparece a má formação se a quantificação dos acontecimentos construídos atribuir ao enunciado um valor de iteratividade. A combinação de um objeto direto determinado (*uma maçã / duas maçãs*) com um adverbial frequencial (*por dia*), neste caso concreto, atribui ao enunciado uma leitura iterativa. Deste modo, verifica-se que a determinação do objeto interfere no valor aspetual da situação descrita²⁶.

A partir do que ficou exposto e seguindo Cunha (2013) podemos afirmar que

“o aspeto é obtido composicionalmente²⁷, ou seja, a partir de uma complexa teia de dependências mútuas e bidirecionais entre os variados componentes que nele tomam parte. Cada componente portador de informação aspetual colabora decisivamente, em estreita cooperação com todos os outros, para o estabelecimento da configuração aspetual final das situações” (Cunha, 2013: 588).

²⁶ Para a leitura mais aprofundada, vejam-se, entre outros, os trabalhos de Campos (1997) e Hlibowicka-Węglarz (1998).

²⁷ Campos (1994: 77) diz que „o princípio de composicionalidade parece reger toda a actividade da linguagem na sua manifestação nas línguas naturais. Nos estudos sobre a categoria aspecto, este princípio é particularmente sublinhado ao pretender-se ir para além de uma descrição/enumeração de formas e valores contextualizados”.

Assim sendo, sublinhamos que o valor aspetual de todo o enunciado é estabelecido pela coocorrência e inter-relação de todos os constituintes que participam na configuração do valor aspetual, entre outros, predicado, os seus argumentos, tempo verbal, adverbiais em que surgem todos estes elementos. O aspeto verbal encontra em cada língua as suas estratégias de expressão. Relativamente à língua portuguesa, Mateus *et al.* (1992: 95) enumeram os seguintes processos de expressão do aspeto: processos lexicais (classes aspetuais: estados, p.ex.: *morar*; processos, p.ex.: *comer*; eventos, p.ex.: *abrir*; formação de palavras: $V \Rightarrow V$ *descongelar*, $ADJ \Rightarrow V$ *alourar*, $N \Rightarrow V$ *amanhecer*) e processos gramaticais (formas verbais: *andou/andava*; verbos aspetuais: *acabar*, *continuar*; adverbiais: *freqüentemente*, *já*).

1.3. O valor aspetual de iteratividade

Partimos do princípio de que a iteratividade pertence à categoria linguística do aspeto. Esse valor é uma das variantes do valor aspetual durativo²⁸, indicando que um estado de coisas, localizado num dado intervalo de tempo, ocorre *n vezes* nesse intervalo. Para as situações se poderem repetir, é necessário que estas ocorram nos intervalos que se caracterizam pela duração. Uma ação múltipla pode repetir-se com intervalos maiores ou formar uma série de ações que aparecem, diretamente, uma atrás da outra, ou com intervalos muito curtos (p. ex.: *palpitar*, *gaguejar*). Podemos dizer que a iteratividade é da interpretação de uma certa situação que se repete mais do que uma vez. A questão que se coloca aqui é a de saber quais são os tipos diferentes de repetição de que o português dispõe? Recorremos a três reflexões de diferentes linguistas sobre a pergunta feita²⁹.

²⁸ “(...) na verdade, as noções de repetição e de hábito, como já recordara Yvon, não são outra coisa senão aspectos acessórios da ideia de duração” (Boléo, 1936: 15).

²⁹ Relativamente aos auxiliares que expressam a iteratividade, Almeida (1980: 109) refere dois grupos: os iterativos simples, destacando as perífrases seguintes

Cunha (2013: 586) distingue três tipos de repetições:

- “repetição simples, em que uma situação é quantificada num âmbito temporal particular e relativamente delimitado, mas em que cada uma das suas realizações é encarada autonomamente”, p.ex.: *No ano passado, a Paula foi ao teatro {{três/poucas/várias/muitas} vezes/frequentemente}*”. Assim, cada ida da Paula constitui um evento que se repete num período determinado.
- “a iteração, que se obtém quando uma situação é repetida numa porção espaço-temporal delimitada, mas sendo o conjunto dessas repetições perspectivado como um evento único, p.ex.: *O João espirrou durante meia hora*”. A repetição pode ser perspectivada como um único evento.
- “a repetição habitual, obtida tipicamente com o verbo no presente ou no imperfeito do indicativo, e que representa um padrão de repetição da situação suficientemente relevante a ponto de poder ser considerado como uma propriedade característica da entidade representada pelo sujeito gramatical, p.ex.: *O Zé fuma charutos*.” Assim, podemos dizer que o Zé é fumador de charutos.

Por sua vez, Wachowicz (2003) destaca que quando alguma situação se repete pelo menos mais de uma vez, isso remete a um amplo leque de possibilidades. A linguista distingue os seguintes tipos de repetição:

- repetição determinada de situações, p.ex.: *O João comeu duas maçãs*.
- repetição indeterminada, p.ex.: *O João comeu maçãs*.
- repetição frequencial, p.ex.: *O João comeu uma maçã por semana*.
- a interpretação habitual, p.ex.: *O João come maçãs*.

Duarte (1992: 97), no capítulo dedicado à categoria aspeto, tomando em conta a intensidade de repetição define o valor aspetual iterativo, frequentativo e habitual, começando desde a variante mais atenuada. Assim, a autora sublinha que o valor aspetual iterativo demonstra que uma situação descrita, localizada num dado intervalo de tempo, ocorre *n* vezes nesse intervalo. O valor aspetual frequentativo corresponde a um estado de coisas, localizado num dado intervalo de tempo, que ocorre um

voltar a + infinitivo e *tornar a + infinitivo* e os iterativos frequentativos apresentando o exemplo de *costumar + infinitivo*.

número significativo de vezes neste tempo e em intervalos anteriores a dado intervalo. E, finalmente o valor aspetual habitual, segundo a autora, designa um estado de coisas que ocorre num dado intervalo de tempo, em intervalos anteriores adjacentes a este e, provavelmente, em intervalos posteriores adjacentes a este, sendo apresentado como um comportamento ou característica habitual de um dos participantes no estado de coisas descrito. Este valor expressa a situação que foi repetida tantas vezes que, finalmente, se tornou habitual.

Se nos centrarmos agora nas propostas referidas acima, verificamos que o português possui vários processos para a expressão de repetição. Também observamos vários tipos de repetição, uma repetição simples, frequencial ou até habitual. Parece-nos importante neste momento desenvolver a questão da iteratividade e habitualidade, dois padrões de repetição muitas vezes confundidos na teoria linguística do aspeto. Na tentativa de caracterizar formalmente estes dois mecanismos para a expressão da repetição, seguiremos muito de perto o trabalho de Comrie (1976). O linguista aponta que um enunciado pode ser de aspeto habitual ou habitual iterativo. Comrie (1976) não explica se o aspeto iterativo é uma das interpretações possíveis do aspeto habitual ou se compartilham as características aspetuais comuns, pois apenas afirma que uma frase pode ser habitual iterativa. De acordo com Comrie (1976) o que caracteriza a habitualidade, é a descrição de uma situação num período prolongado de tempo. Como é que podemos perceber as palavras de Comrie (1976)? O acontecimento referido deve ser visto como uma característica de todo o período em que se desenvolve a situação descrita e não como uma propriedade acidental do momento. Por outras palavras, podemos atribuir o termo habitualidade às situações que se prolongam de modo indefinido no tempo. No que diz respeito a outro conceito que Comrie (1976) destaca, nomeadamente, ao iterativo, na perspetiva do próprio linguista, o iterativo refere-se a uma pluralidade de ações. Muitas vezes nas frases nas quais detetamos um valor de iteratividade ocorrem os adverbiais frequentativos que permitem a leitura em questão.

Por sua vez, o linguista português Cunha (2006) destaca as diferenças entre a frequência e habitualidade. Relativamente a estes dois conceitos, Cunha (2006: 339–340) refere que enquanto as construções de

habitualidade “decorrem em intervalos de tempo obrigatoriamente longos e preferencialmente não delimitados”, as construções frequentativas “dão conta de diversos padrões de simples repetição de eventualidades”. É uma das diferenças entre os dois conceitos em causa. Para Cunha (2006: 338) as estruturas de frequência admitem a presença de pausas entre os acontecimentos que se repetem e surgem “em períodos de tempo de extensão bastante variável”. As configurações de habitualidade, segundo Cunha (2006: 346) “mais do que quantificarem sobre situações, exprimem propriedades gerais, o que significa que tanto o número concreto de eventos que as integram quanto o grau de frequência em que estas ocorrem não se revelam indicadores particularmente relevantes para o seu licenciamento”. A partir das formulações *supra*, parece pertinente afirmar que a quantidade e a repetição das situações descritas, são duas características comuns das configurações frequentativas e habituais. Partindo desta afirmação, podemos considerar de forma geral que as situações de carácter habitual são iterativas. Uma situação tem de se repetir várias vezes num período de tempo longo para ganhar o valor de habitualidade.

Parece ser possível concluir que a iteratividade é um dos valores específicos da categoria do aspeto. Refere-se à repetição de eventos da mesma natureza semântica, envolvendo a interpretação de vários tipos de repetição: as situações habituais, frequenciais ou de repetição simples, entre outros. Como o valor de iteratividade pertence à categoria semântica do aspeto que se caracteriza pela composicionalidade, no capítulo 3 tentamos evidenciar quais os fatores que influenciam o valor aspetual de iteratividade das perífrases analisadas.

1.4. Conclusão

O breve esboço sobre o aspeto verbal permite-nos concluir que é uma categoria gramatical bem complexa. Como não foi o nosso objetivo de abordar o assunto em causa de maneira detalhada, focamos a nossa atenção numa das características que se atribui ao aspeto, nomeadamente, o carácter composicional. O aspeto define a estrutura

temporal interna de uma situação descrita, pois, o nosso objetivo foi o de demonstrar como todos os constituintes de um enunciado influenciam esta estrutura interna. Podemos dizer que para identificar o valor aspetual de um enunciado dado, precisamos de avaliar as ocorrências e coocorrências entre todos os constituintes de uma situação descrita. Convém igualmente referir que o sistema aspetual da língua portuguesa está estritamente ligado ao sistema temporal. O tempo e aspeto são geralmente associados um ao outro, portanto, a oposição aspetual perfeito e imperfeito realiza-se através dos tempos gramaticais. Para terminar o presente capítulo, definimos o termo de iteratividade como um dos valores aspetuais que exprime a repetição. Tendo em conta os estudos de linguistas diferentes (p.ex.: Cunha 2013, Wachowicz 2003), destacamos vários tipos de repetição que podem ser identificados nas situações descritas, p.ex.: repetição frequencial, repetição habitual.

2. Algumas questões sobre as perífrases verbais em português

A área linguística Ibero-Românica é a mais produtiva das áreas românicas na formação de perífrases, sendo usados vários auxiliares (Squartini, 1998: 24). Desta forma, podemos dizer que o português é uma das línguas que apresenta mais abundância de construções e riqueza de nuances, pelo que o seu uso é muito frequente na língua oral e na língua escrita. Sem dúvida, tomando em conta esta abundância e frequente utilização, as perífrases verbais provocam importantes problemas na hora de especificar os seus limites perante os outros tipos de construções, tais como p.ex.: locuções verbais.

O presente capítulo constitui uma descrição do ponto de vista teórico da problemática que envolve as construções perifrásticas³⁰ no português europeu. Pretendemos demonstrar que há vários fatores que concorrem para a definição da perífrase verbal. Ao longo deste capítulo, serão abordadas as questões de auxiliaridade e gramaticalização. Serão também apresentados componentes das perífrases verbais e a classificação das mesmas. No entanto, para que possamos submeter à discussão os fenómenos linguísticos que acabámos de destacar, é preciso definir a própria perífrase verbal e eis de que começaremos as nossas considerações.

³⁰ Ao longo do trabalho vamos usar os termos construção perifrástica, estrutura perifrástica como os sinónimos da palavra perífrase verbal.

2.1. Conceito da perífrase verbal

Na presente secção, num primeiro momento, fazemos uma brevíssima revisão bibliográfica, da qual se salientarão os elementos que se utilizam no trabalho. Em consequência da apresentação realizada, propomos a nossa definição da perífrase verbal. No segundo ponto desta secção, a partir de propostas desenvolvidas na literatura sobre as perífrases na língua portuguesa (tendo sobretudo como suporte os textos de Gómez Torrego (1999), Oliveira (2013) entre outros), propor-se-á uma análise de algumas propriedades que permitem caracterizar as construções perifrásticas e ao mesmo tempo diferenciá-las da locução verbal e dos tempos compostos.

Hoje em dia, existem vários estudos relativos à problemática das perífrases verbais³¹. Assim, partindo de diferentes propostas de análise das perífrases e tendo em conta o facto da perífrase verbal ser um complexo verbal – unidade de dois verbos que formam a unidade superior, em que os dois elementos funcionam juntamente e são inseparáveis, consideraremos a seguir, em termos gerais as propostas de Barroso (1994), Gómez Torrego (1999) e Raposo *et al.* (2013).

Barroso (1994: 13) percebe a perífrase verbal como um “sistema complementar constituído, formalmente, por verbo auxiliar (= verbo morfemático) + uma forma nominal do verbo principal”, podendo ou não ocorrer uma preposição. Nessa estrutura,

o primeiro elemento (o verbo auxiliar) assume os morfemas de tempo, modo, pessoa e número, funcionando ele mesmo como um todo morfemático graças ao processo (complexo) de gramaticalização a que foi (ou é) submetido; o segundo (o verbo auxiliado), pelo contrário, nunca se flexiona e só pode aparecer numa das suas três formas nominais: infinitivo, gerúndio e participípio (Barroso, 1994: 59).

No outro lugar Barroso (1994) explica que a perífrase reúne, quase sempre, duas formas verbais, uma flexionada (morfemas de tempo, modo, voz, pessoa e número) e outra não flexionada (infinitivo,

³¹ A título de exemplo, é de referir os trabalhos sobre verbos auxiliares ou perífrases verbais dos linguistas seguintes: Alzamora (2018), Mateus *et al.* (2004), Pontes (1971), Barroso (1994), Hernández Alonso (1986), Allarcos Llorach (1996), entre outros.

gerúndio ou participípio), constituindo um verdadeiro sintagma verbal, semântica, paradigmática e sintagmaticamente delimitado, e uma unidade constante aos níveis da ‘norma’ e do ‘sistema’ e que tem por função expressar uma modalidade, ou seja, um valor sistemático de natureza, ou modal, ou temporal, ou aspectual, ou diatética (Barroso, 1994: 71).

Por sua vez, Gómez Torrego (1999), propõe uma definição que descreve uma perífrase verbal de maneira seguinte:

[u]na perífrasis verbal es la unión de dos o más verbos que constituyen un solo ‘núcleo’ del predicado. El primer verbo, llamado ‘auxiliar’, comporta las informaciones morfológicas de número y persona, y se conjuga en todas (o en parte de) las formas o tiempos de la conjugación. El segundo verbo, llamado ‘principal’ o ‘auxiliado’, debe aparecer en infinitivo, gerúndio o participípio, es decir, en una forma no personal. (...) hablamos de perífrasis verbales de infinitivo, de gerúndio y de participípio (Gómez Torrego, 1999: 3325).

As citações *supra* demasiado longas apontam para algumas questões importantes. Primeiramente, percebe-se que uma perífrase verbal é um conjunto composto e complexo. Em segundo lugar, note-se que é um tipo de construção em que os seus constituintes formam uma unidade funcional que serve para expressar diferentes valores e funções.

Na mais recente gramática descritiva *Gramática do Português* (2013) podemos ler que:

As perífrases verbais são, pois, grupos verbais complexos, internamente coesos, funcionando como se fossem um só verbo, mas com uma distribuição de funções clara: a componente descritiva, incluindo a seleção dos argumentos, cabe ao verbo pleno; a expressão dos valores TMA (ou a expressão da voz, no caso do verbo *ser*) cabe ao verbo ou aos verbos auxiliares. Nas frases com verbos auxiliares, é a perífrase verbal no seu todo, e não apenas o verbo pleno, que funciona como núcleo semântico do sintagma verbal e da oração (Raposo *et al.*, 2013: 1226).

Entendemos perífrase³² na aceção dos estudiosos *supra* como uma composição sintático-semântica de um verbo auxiliar (verbo flexionado)

³² Dietrich (1983: 35–36) define de maneira seguinte a perífrase verbal: *una combinación de, al menos, dos unidades lingüísticas autónomas que de un modo*

e um verbo principal (numa forma verbal não flexionada) no infinitivo (com ou sem preposição), no particípio passado ou gerúndio, isto é, uma estrutura, que expressa valores temporais, aspetuais ou modais. Do ponto de vista formal defendemos com Pottier (1976) que na perífrase verbal há uma incidência direta, isto é, sem preposição entre o verbo auxiliar e auxiliado, ou indireta, com tal conetivo entre os dois elementos mencionados. Dizíamos, então, que o primeiro elemento da perífrase verbal, ou seja, o chamado verbo auxiliar é na forma pessoal e o segundo elemento, o verbo principal ou também chamado verbo auxiliado ocorre na forma não pessoal (nominal)³³.

Tal como já foi mencionado, há certos conceitos que precisam de ser clarificados se quisermos ter uma compreensão mais aprofundada do fenómeno das perífrases verbais; os exemplos mais flagrantes de uma certa confusão consistem em diferenciar uma perífrase verbal de uma locução verbal e tempos compostos³⁴. Neste momento, surge uma pergunta: como os linguistas propõem definir quatro conceitos: perífrase verbal, locução verbal e tempo composto? Abaixo apresentamos uma breve discussão, centrando-nos nos estudos mais recentes sobre a dita questão.

determinado forman una unidad. Aquí se supone que los dos elementos así unidos no están al mismo nivel desde el punto de vista del contenido, sino que uno o varios están subordinados al otro o a los otros. Mattoso Câmara (1979:167) considera a perífrase verbal como um processo de composição morfológica na base de uma locução, ou seja, dois vocábulos fonológicos que se associam numa unidade lexical superior. Na aceção de Rojo (1974: 27): “perífrase verbal é formada por um verbo na forma pessoal, o auxiliar, um verbo na forma não pessoal (nominal), o auxiliado e, em alguns casos, um elemento de ligação entre eles”. Nesta proposta, refere-se o aspeto sintático de uma perífrase verbal. Para completar esta definição, de acordo com Pontes (1971: 37–38) nas perífrases verbais, o primeiro elemento (um verbo na forma pessoal, o auxiliar) é marcado morfológicamente e veicula valores de pessoa, tempo e aspeto, enquanto que o segundo elemento (o auxiliado) se encontra no infinitivo, no particípio passado ou no gerúndio.

³³ Benveniste (1974: 128) destaca a função de cada elemento da perífrase: o auxiliante tem a função de flexão e o auxiliado a função de denotação. Allarcos Llorach (1996: 259) constata que o verbo auxiliar é uma forma verbal com morfema de pessoa e outro chamado auxiliado está na forma de infinitivo, gerúndio ou particípio.

³⁴ Para maior aprofundamento da diferença entre os conceitos em questão, ver Alzamora (2018: 93–110).

O termo locução verbal³⁵ é usado por vários linguistas como o sinónimo da perífrase verbal. A título de exemplo, Cunha e Cintra ([1984] 2014: 495) no capítulo „Verbos auxiliares e o seu emprego” usam o termo de locuções verbais³⁶, fazendo referência às perífrases. A sua descrição, tal como indicado no título do capítulo *supra* referido, baseia-se no uso dos verbos auxiliares, classificados em cinco grupos (verbos auxiliares dos tempos compostos, verbo auxiliar da passiva, verbos auxiliares temporais, aspetuais e modais). Os autores usam também a designação de complexo verbal para se referir a um conjunto de um verbo auxiliar e um verbo principal.

Há linguistas, entre outros, Bechara ([1961] 1999), que tal como Cintra e Cunha ([1984] 2014) usa o nome de locução verbal, para se referir à perífrase verbal. O autor apresenta a seguinte proposta da locução verbal: „combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal: *hei de estudar, estou estudando, tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal dando origem aos chamados aspectos do verbo. Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de, em, por, a, para*)” (Bechara, [1961] 1999: 230). A partir desta citação, podemos deduzir que este linguista considera locução verbal, perífrase verbal e tempo composto como sinónimos, situando *supra* entre duas perífrases verbais

³⁵ No dicionário de Crystal (1988), locução é o “termo usado na Gramática tradicional indicando um conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como uma só entidade, como se, combinadas, formassem um elemento novo.” Crystal (1988) menciona as “locuções verbais” (como *começar a fazer*), em oposição aos tradicionalmente chamados “tempos compostos”. De acordo com este dicionário a locução verbal é o sinónimo da perífrase verbal.

³⁶ Almeida (1963) propõe três grupos de locuções verbais: a) locuções verbais que indicam passividade com o verbo auxiliar *ser* e o particípio passado do verbo principal; b) locuções verbais que indicam linguagem projetada com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e o infinitivo impessoal do verbo principal ligados pela preposição *de*; c) locuções verbais que indicam continuidade, frequência ou reiteração de ação com o verbo auxiliar *estar* seguido do gerúndio ou do infinitivo impessoal do verbo principal através da preposição *a*; d) locuções verbais que indicam começo ou desenvolvimento gradual de ação com os verbos auxiliares *ir* e *vir* junto do gerúndio do verbo principal para exprimir começo ou desenvolvimento gradual da ação.

hei de estudar, estou estudando, o tempo composto – pretérito perfeito composto.

Na *Gramática do Português* (2013), no capítulo sobre o tempo verbal, Oliveira (2013) explica que os tempos compostos „são construídos com o verbo auxiliar *ter* num tempo finito e o particípio passado do verbo pleno” (Oliveira, 2013: 527). Embora a autora defina o tempo composto, a seguir Oliveira (2013) considera que „os tempos compostos” constituem, na realidade, um tipo de perífrase verbal, sendo assim denominados e distinguidos das demais perífrases por, em contextos adequados, estabelecerem diretamente relações temporais com „tempos simples”, podendo haver alternância entre eles” (Oliveira, 2013: 527–528).

Esta última proposta, parece-nos evidenciar, de maneira bastante clara, a distinção entre uma perífrase verbal e um tempo composto. Oliveira (2013) estabelece o critério de delimitação do verbo auxiliar, considerando o verbo *ter* como o constituinte de todos os tempos compostos. Apesar dos tempos compostos, no sentido amplo, constituírem „um tipo de perífrases verbais” (os tempos compostos são estruturas analíticas formadas por dois elementos), indicam relações temporais com os tempos simples.

A partir da proposta de Gómez Torrego (1999) é importante verificar o aspeto sintático do verbo principal para considerar uma construção verbal como perífrase. De acordo com Gómez Torrego (1999) *si a dicha carga verbal se le añade carga ‘nominal’ (en los infinitivos), ‘adjetival’ en los participios y gerúndios, y ‘adverbial’ en los gerúndios, no debemos hablar de perífrasis verbal, pues esas formas no personales se subordinan al verbo anterior como lo hacen los sustantivos y pronombres en el caso del infinitivo, y los adjetivos y adverbios en el caso de participios y gerúndios* (Gómez Torrego, 1999: 3326). Desta forma o linguista define as características sintáticas das perífrases, distinguindo-as, das locuções verbais, que são unidades constituídas por várias palavras cujo centro sempre é um verbo, e que funcionam como uma só unidade sintática, insegmentável (um só núcleo do predicado), e por ser uma só unidade lexical fixa (Gómez Torrego, 1999: 3342).

Destas citações, podemos deduzir que há linguistas que usam o conceito de locução verbal ou complexo verbal e referem, nestes conjuntos verbais,

os auxiliares que ocorrem na construção das perífrases verbais e/ou nos tempos compostos. Parece-nos que o termo locução verbal, em sentido amplo, abrange vários tipos de construções compostas. Também nos parece que os termos perífrase verbal e tempo composto foram bem determinados por Oliveira (2013) que destaca que o auxiliar *ter* constitui um elemento necessário dos tempos compostos. A linguista sublinha que podemos considerar os tempos compostos como os tipos de perífrases verbais, no sentido de serem estruturas analíticas, compostas por dois elementos, mas não nos podemos esquecer de um constituinte que é comum para os tempos compostos, nomeadamente o verbo auxiliar *ter*.

2.2. Componentes da perífrase verbal: infinitivo, preposição, gerúndio, particípio passado.

O valor da perífrase depende dos seus elementos constitutivos e da combinação dos valores que cada um representa. O verbo principal pode encontrar-se nas seguintes formas nominais³⁷: no infinitivo, no particípio passado ou no gerúndio. Consideremos, em primeiro lugar o infinitivo que “apresenta o processo verbal em potência; exprime a ideia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo” (Cunha e Cintra, [1984] 2014: 604). O infinitivo³⁸ não pode exprimir por si o tempo o que afirma Campos (1998: 217) sublinhando que é „neutro quanto à referência temporal”. Entre o verbo auxiliar e o verbo auxiliado que está na forma do infinitivo pode ocorrer uma das preposições (p.ex.: *a, de, por*) que também contribui para a significação do enunciado. Como podemos ler em Sousa (2007a: 173) o aparecimento das preposições nas línguas

³⁷ Cunha e Cintra ([1984] 2014: 603) destacam que „a expressão *formas nominais* equivale a *formas verbais não finitas*” [destaque de autores]

³⁸ A língua portuguesa distingue dois tipos de infinitivo: pessoal e impessoal. O infinitivo impessoal (não flexionado) não apresenta marcas nem de pessoa nem de número enquanto o infinitivo pessoal (flexionado) possui desinências para as três pessoas do plural e para a segunda pessoa do singular. Nas perífrases verbais ocorre o infinitivo impessoal.

românicas, surge associado ao desaparecimento das flexões nominais de caso. Desta forma, o português é uma língua que não manifesta morfologia casual aos nomes e utiliza preposições para realizar os casos. Como a preposição *a* ocorre em algumas das perífrases em análise (p.ex.: *andar a + infinitivo*; *continuar a + infinitivo*), retomamos aqui as características da mesma. Mateus *et al.* (2004: 395–396) indicam as seguintes propriedades de *a*: preposição locativa; preposição que introduz um SN Meta no sentido de Beneficiário; preposição de tempo e preposição participante de certas perífrases verbais, com valor aspetual durativo. Cunha e Cintra ([1984]2014: 694) enquadram a preposição *a* (tal como todas as preposições) em dois valores: movimento e situação, distinguindo nestes valores três significados: espaço, tempo e noção.

O gerúndio, como já foi mencionado, é uma forma nominal ou também chamada forma verbal não finita (Cunha e Cintra, [1984] 2014). Caracterizando a forma do gerúndio³⁹, podemos atribuir-lhe a característica de dinamicidade pois, é a forma de caráter dinâmico. O português dispõe de duas formas de gerúndio: o gerúndio simples e composto. No que diz respeito ao valor temporal⁴⁰, o gerúndio simples, como sublinham Cunha e Cintra ([1984]2014: 613) „expressa uma ação, que pode ser imediatamente anterior (2) ou posterior à do verbo da oração principal (3), ou contemporâneo dela (4)”. A forma composta do gerúndio marca um valor temporal de anterioridade, como se pode observar nos exemplos (7) e (9). O gerúndio pode também exprimir causa (1), tempo (2), condição (3), modo (4) e pode substituir uma oração coordenada começada pela conjunção *e* (5).

- (1) *Sabendo* que vinhas, fiquei em casa.
= como sabia que vinhas, fiquei em casa.
- (2) *Saindo* de casa, encontrei a Rita.
= Quando saí de casa, encontrei a Rita.

³⁹ Para o estudo mais detalhado sobre o gerúndio, ver p.ex.: o trabalho de Hricsina (2014).

⁴⁰ Segundo Cunha e Cintra ([1984]2014: 613), o valor temporal do gerúndio „depende quase sempre da sua colocação na frase”.

- (3) *Tendo* febre, toma estes comprimidos.
= Se tiveres febre, toma estes comprimidos.
- (4) Entretinha-me *ouvindo* música.
= Entretinha-me com música.
- (5) Os chapéus voavam com o vento *e davam* reviravoltas no ar.
= Os chapéus voavam com o vento, *dando* reviravoltas no ar.
- (6) *Tendo dito* tudo o que tinha a dizer, foi-se embora sem mais demora.
- (7) *Tenho perdido* o controlo da carrinha, o Pedro foi embater no muro.

Quanto ao valor aspetual, a forma simples do gerúndio indica uma ação a decorrer (8) enquanto a forma composta denota uma ação terminada e concluída (9), o que se pode ver nos enunciados abaixo citados:

- (8) *Estando* com dores de cabeça, a Ana foi-se deitar.
- (9) *Tendo estado* toda a manhã com dores da cabeça, não pude ir ter contigo como tinha combinado⁴¹.

Retomando a posição de Alzamora (2018: 28) „quando se analisam os valores marcados pelo gerúndio, deverá ter-se em conta as duas categorias (Tempo e Aspeto) e, no caso das perífrases verbais, observa-se que, nestas construções, há uma sobreposição do valor aspetual em relação aos valores temporais: [*e]n las perífrasis verbales de gerundio en portugués también prevalece el valor aspectual continuativo, es decir, de desarrollo de la acción, progresión y continuidad* (Markič, 2011: 139 citada em Alzamora, 2018: 28). Aparecem mais comumente, como auxiliares, *estar, andar, ficar, continuar, ir, vir, viver e acabar*⁴².

Nas perífrases verbais portuguesas quando ocorre o gerúndio é sempre a forma simples dele. O gerúndio, como a forma auxiliada

⁴¹ Os exemplos 1 – 9 foram retirados da *Gramática ativa 2* (GA: 58).

⁴² Cunha e Cintra ([1984]2014: 497) notam que a construção *estar* ou *andar* + *gerúndio* é preferida no Brasil, é mais antiga no idioma, ainda tem vitalidade em dialetos centro-meridionais de Portugal, nos Açores e nos países africanos de língua portuguesa. No português europeu, predomina, hoje em dia, a construção *estar a* + *infinitivo* ou *andar a* + *infinitivo*.

não é de uso muito frequente no português europeu. Até podemos dizer que o português europeu é a língua do infinitivo o que confirma, dum certo modo, Squartini (1998: 33) constatando o seguinte: “no português europeu padrão, a forma infinitiva substituiu a forma gerundial” (...).

O participio passado transmite-nos a seguinte informação: “participa do significado de um verbo” (Lopes, [1971]1972: 306). A título ilustrativo, apresentaremos as propostas de alguns linguistas sobre a questão do participio passado. Em Cunha e Cintra ([1984]2014: 694) podemos ler que o participio “apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências -a de feminino e -s de plural”. Por sua vez, Mateus *et al.* (2004) confirmam que é “uma forma morfológica ligada ao verbo mas com funções nominais, adjetivais ou adverbiais”. Sob o ponto de vista da sua função no sistema verbal, esta é interpretada na tradição gramatical portuguesa (entre outros, Cunha e Cintra) como sendo muito importante, permitindo a formação dos tempos compostos que expressam o aspeto concluído da situação verbal descrita. De acordo com Campos (1997), o participio passado como auxiliado pode exprimir, igualmente, um estado resultante (p.ex.: *o pássaro está ferido*), ou uma situação contínua ou iterada (p.ex.: *o Pedro tem estado doente, o comboio tem chegado atrasado*). O participio passado junta-se ao verbo auxiliar diretamente sem se combinar com a preposição de ligação.

O valor global da construção perifrástica constitui uma configuração dos valores expressos por todos os seus elementos constitutivos, então pelo verbo auxiliar e verbo auxiliado que pode estar numa das formas acima apresentadas: infinitivo, gerúndio, participio passado. Em resumo as perífrases verbais de infinitivo são as mais numerosas e as mais variadas, tanto do ponto de vista morfológico como significativo. Ocorre do ponto de vista formal tanto a incidência direta (*vou viajar*) como indireta (*acabou de almoçar*). Esta ocorre em maior número e com predominância das preposições *a* e *de* como conetivos entre o auxiliar e o verbo principal.

2.3. Classificação das perífrases verbais

Tendo em conta a função expressa pelas perífrases verbais, tradicionalmente evidenciam-se três grupos, nomeadamente temporais, modais e aspetuais⁴³. Há vários linguistas que trataram desta problemática. Em Mateus *et al.* (2004: 145–146, 315, 408) aquilo que encontramos é exatamente uma descrição de diferentes verbos auxiliares que podem assumir os valores modais, temporais e aspetuais. As autoras quando referem os valores aspetuais das perífrases verbais, destacam que os auxiliares *estar a*, *começar a*, entre outros, são os verbos de operação aspetual. Como sublinham Mateus *et al.* (2004: 151) estes “assumem uma perspetiva dinâmica em que ocorre uma conversão de um determinado tipo de situação num outro, através de uma operação de transição”. As autoras concluem as suas considerações, apresentando uma tabela com as alterações aspetuais mais importantes efetuadas pelos operadores aspetuais, enumerando os seguintes: *estar a*, *andar a*, *começar a*, *continuar a*, *deixar de*, *parar de*, *acabar de*. Outro dos valores referidos, o modal é este que expressa atitude e opiniões dos falantes. Como referem as linguistas, há vários recursos gramaticais que servem para exprimir os aspetos modais, enumerando, entre outros os verbos *poder*, *dever*, *ter de*, que assumem os valores de possibilidade, probabilidade, obrigação. No último grupo, verbos temporais, que indicam localização no tempo encontramos p.ex.: a construção *ir + infinitivo*, que expressa a intenção de efetuar uma ação, com a certeza de que se realiza. Os três valores identificados por Mateus *et al.* (2004) são fundamentais na descrição das perífrases verbais.

Para completar a classificação que acabamos de apresentar, queríamos ainda destacar a proposta feita por Barroso (2000: 93). Este autor refere os seguintes valores⁴⁴:

- perífrases verbais modais
- perífrases verbais situadoras

⁴³ Drzazgowska (2011) apresenta a seguinte classificação: as perífrases verbais aspetuais com os auxiliares durativos, as perífrases verbais aspetuais com os auxiliares pontuais, as perífrases temporais e modais.

⁴⁴ Barroso (2000: 93) destaca também perífrases diatéticas: *ser + participio flexionado* (passiva de ação), *estar + participio flexionado* (passiva de estado).

- perífrases verbais temporo-aspetuais
- perífrases verbais aspetuais

Abordaremos em breve cada um do grupo acima mencionado⁴⁵.

Perífrases verbais modais

Entre as perífrases verbais modais que expressam a atitude ou opinião de um falante, o linguista destaca as seguintes construções:

haver de + infinitivo (intenção em relação ao futuro, sem um prazo determinado, p.ex.: *Hei-de ir ver este filme*).

ter de + infinitivo, (obrigação, p.ex.: *Tenho de ir ao médico*).

ter que + infinitivo (forte necessidade, p.ex.: *Tens que tomar estes medicamentos de 5 em cinco horas*).

dever + infinitivo (obrigação moral, p.ex.: *Devemos pensar em outros*; probabilidade, p.ex.: *Este verão não deve chover*).

poder + infinitivo (possibilidade, p.ex.: *No domingo não posso ir consigo ao teatro*; permissão, p.ex.: *Posso usar a tua caneta?*; proibição, p.ex.: *Não podes sair agora do trabalho*).

querer + infinitivo (volição, p.ex.: *Queria ir ao Porto*).

precisar de + infinitivo (necessidade, p.ex.: *Preciso de ir ao centro comercial*).

ficar de + infinitivo (promessa, p.ex.: *Ficou de vir connosco à porta do teatro*)⁴⁶.

Perífrases verbais situadoras

A título de exemplo citamos algumas perífrases que Barroso (2000) chama situadoras. Abaixo seguem alguns exemplos da proposta do linguista:

⁴⁵ Na classificação proposta por Barroso (2000) introduzimos algumas modificações, nomeadamente, a título ilustrativo dos valores que as perífrases dadas exprimem, decidimos apresentar exemplos que explicassem os valores que as perífrases podem assumir. Também introduzimos algumas alterações na descrição dos valores, ou acrescentamos outros p.ex.: os valores do *poder* ou *continuar a*, entre outros.

⁴⁶ Entre as perífrases modais Barroso (2000) destaca também *necessitar de + infinitivo* (necessidade), *haver que + infinitivo*, apenas de uso impessoal (intenção, futuro modalizado).

começar por + infinitivo (alinhamento ou ordenação no princípio, p.ex.: *Eles começaram por lhe agradecer*).

acabar por + infinitivo (alinhamento ou ordenação no fim, p.ex.: *O Pedro acabou por desistir do exame*).

terminar por + infinitivo (alinhamento ou ordenação no fim, p.ex.: *Terminei por não ir ao cinema*).

vir a + infinitivo (disposição resultante, p.ex.: *O chefe veio a descobrir as mentiras dum dos seus empregados*).

chegar a + infinitivo (disposição resultante, p.ex.: *O Pedro chegou a visitá-lo antes dele partir para o estrangeiro*)⁴⁷.

Perífrases verbais temporo-aspetuais

As mais conhecidas construções da leitura temporo-aspetual são estas que podemos observar abaixo:

ir + infinitivo (prospetividade ou futuro próximo, p.ex.: *Hoje vamos almoçar na cantina*).

acabar de + infinitivo (passado recente, p.ex.: *Acabei de chegar a casa, ainda não jantei*).

Perífrases verbais aspetuais

O grupo das perífrases verbais aspetuais é o mais abrangente quanto ao número das perífrases verbais e também aos valores expressos. Vejam-se alguns exemplos dos mesmos:

estar a + infinitivo (progressividade, situação em curso, p.ex.: *Ele está a estudar*).

andar a + infinitivo (duratividade, frequência, entre outros, p.ex.: *Ela anda a nadar. Ela anda a nadar às quartas-feiras*).

⁴⁷ Neste grupo o autor enumera também as seguintes perífrases verbais: *começar + gerúndio* (alinhamento ou ordenação no princípio), *princípios + gerúndio* (alinhamento ou ordenação no princípio), *princípios por + infinitivo* (alinhamento ou a ordenação no princípio), *acabar + gerúndio* (alinhamento ou ordenação no fim), *terminar + gerúndio* (alinhamento ou ordenação no fim). No grupo das perífrases temporo-aspetuais Barroso (2000) destaca ainda *ter + participio passado*, *haver + participio passado*. E, por fim, entre as perífrases aspetuais, entre outras, menciona *continuar por + infinitivo*, *ficar por + infinitivo*, de valor inceptivo *princípios a + infinitivo*, *recomeçar a + infinitivo*, *romper a + infinitivo*, *deitar-se a + infinitivo*, *pegar a + infinitivo*, *largar a + infinitivo*, *entrar a + infinitivo*, *meter-se a + infinitivo*, *desandar a + infinitivo*.

ir + gerúndio (o valor frequentativo gradual, p.ex.: *Vamos subindo esta árvore*).

continuar a + infinitivo (duratividade e permanência, p.ex.: *Continua a chover*).

ficar a + infinitivo (permanência, segundo Barroso (2000) visão parcializadora extensiva, p.ex.: *Fiquei toda a noite a estudar*).

estar para + infinitivo (situação quase realizada, p.ex.: *Estava para falar contigo quando veio o nosso chefe*).

começar a + infinitivo (início da situação, p.ex.: *Começamos a trabalhar na empresa de seguros*).

pôr-se a + infinitivo (valor inceptivo, p.ex.: *O professor pôs-se a falar com os seus alunos*).

passar a + infinitivo (valor inceptivo, p.ex.: *Quando resolveu todos os seus problemas, passou a ser muito mais paciente*).

desatar a + infinitivo (valor inceptivo/incoativo, p.ex.: *Depois de perderem os pais na praia, as crianças desatarem a chorar*).

acabar de + infinitivo (valor conclusivo, p.ex.: *Acabei de sair do hospital*).
terminar de + infinitivo (valor conclusivo, p.ex.: *Terminei de pagar todas as faturas*).

parar de + infinitivo (interrupção no desenvolvimento de uma ação verbal, p.ex.: *A Maria parou de escrever a carta*).

cessar de + infinitivo (interrupção no desenvolvimento de uma ação verbal, p.ex.: *Cessou de chover às 15h*).

deixar de + infinitivo (interrupção no desenvolvimento de uma ação verbal com nuances de abandono, p.ex.: *Deixei de fumar*).

voltar a + infinitivo (repetição simples, p.ex.: *Voltei a ler este livro*).

tornar a + infinitivo (repetição simples, p.ex.: *Tornou a acender o candeeiro da sala*).

estar por + infinitivo (ação que deveria ser realizada mas não foi, p.ex.: *A cama está por fazer*).

É curioso reparar que alguns dos verbos auxiliares surgem em dois grupos ou até três. É o caso do verbo *acabar* que coocorrendo com a preposição *de* pode exprimir o valor temporal de uma ação recém passada, o valor aspetual de uma ação concluída e com a preposição *por* pertence, de acordo com Barroso (2000) às perífrases situadoras. A situação parecida ocorre com o auxiliar *começar* que quando se combina com a preposição *a* representa as perífrases verbais aspetuais e quando ocorre com a preposição *por* é uma perífrase situadora. Comparando as duas propostas da classificação, uma de Mateus *et al.* (2004) e outra de Barroso (2000), é de notar que Barroso (2000) propõe o grupo das

perífrases temporo-aspetuais incluindo as construções que podem assumir duas interpretações uma temporal e outra aspetual enquanto as autoras referem os dois grupos separados: temporal e aspetual. Podemos, então, concluir que a proposta de Barroso (2000) completa a outra e parece descrever os tipos das perífrases de maneira mais detalhada.

2.4. Sobre a gramaticalização

Quando abordamos a problemática das perífrases verbais, é necessário refletirmos também sobre o processo de gramaticalização. No nosso contexto, trata-se da gramaticalização dos verbos auxiliares. Como os linguistas definem o conceito em causa? Limitamo-nos apenas a apresentar as definições que contribuíram para o desenvolvimento de alguns pontos do presente estudo. Para Squartini (1998: 1) é “um processo gradual que resulta da transformação de um item lexical independente num morfema gramatical”⁴⁸. Por sua vez Barroso (1994: 56) explica que “a gramaticalização é um fenómeno que consiste essencialmente na transformação de um significante de significação objetiva (*lexema* ou *semantema*) num significante de significação meramente gramatical (*catagorema* ou *morfema*), ou, por outras palavras, a transferência de um significado léxico para um significado instrumental”. Barroso (1994: 69) distingue cinco fases no processo de gramaticalização das perífrases verbais. As perífrases *costumar + infinitivo*, *dever + infinitivo* (entre outras) são consideradas perífrases da primeira fase enquanto *começar a + infinitivo*, *continuar a + infinitivo* (entre outras) são consideradas construções da segunda fase. As perífrases *andar a + infinitivo* e *ir + infinitivo* são consideradas perífrases da terceira fase, isto é, o verbo auxiliar perdeu total ou quase totalmente os seus semas caracterizadores, mas fora do contexto perifrástico funcionam como verbos plenos. As perífrases *estar + participio* e *estar a + infinitivo* são integradas na

⁴⁸ *Is currently defined as a gradual process leading to the transformation of an independent lexical item into a grammatical morpheme (...)* (Squartini, 1998: 1).

quarta fase de gramaticalização, isto é, o autor considera que os verbos estão absolutamente gramaticalizados. Esta opinião sobre a perda dos valores do verbo auxiliar é sublinhada por vários linguistas. Tal como Barroso (1994) fala da perda dos semas pelo auxiliar (p. ex.: o verbo auxiliar *andar a* perdeu semas de movimento), é também essa a conclusão que podemos observar em Lobato Pinheiro (1975). Para a autora, o verbo auxiliar perde o seu significado e esta perda efetua-se no processo de gramaticalização ao qual é submetido o verbo. Lobato Pinheiro (1975: 30–31) refere que “quanto maior a gramaticalização, mais completa será a perda do sentido concreto do verbo”. Outros linguistas falam do enfraquecimento lexical dos verbos auxiliares, é o caso de Squartini (1998). Como exemplo podemos mencionar o auxiliar *começar a* que mantém o valor semântico original e não demonstra as propriedades de um verbo semanticamente enfraquecido.

Relativamente ao esvaziamento de significado lexical Mateus *et al.* (2004: 311–315) referem os semiauxiliares aspetuais, dando os exemplos dos mesmos (*ir* seguido de infinitivo, *começar a*, *continuar a*, *tornar a*, entre outros). Os semiauxiliares, segundo as autoras, são aqueles verbos que não respondem afirmativamente a todos os critérios de auxiliaridade. Tendo em conta o esvaziamento dos verbos, em Mateus *et al.* (2004: 311–312) discute-se a questão dos verbos principais e dos verbos leves. Vejamos como resulta a proposta das autoras. As linguistas apresentam, entre outros, os seguintes exemplos: *O João deu um livro à Maria* e *O João deu uma contribuição decisiva para o debate*. Analisando as propriedades do verbo *dar* na primeira frase, estamos perante o verbo principal que é autónomo e preserva todo o seu significado lexical. A situação do verbo *dar* no segundo enunciado é diferente. As autoras sublinham que o verbo em questão sofre do processo de gramaticalização “que permite que o centro semântico da frase se desloque para a expressão nominal”. As linguistas observam também que “o esvaziamento lexical dos verbos leves não é total, sendo preservada a grelha argumental”.

Como podemos ver, há linguistas que determinam o processo de gramaticalização como a perda do significado lexical, outros usam o termo enfraquecimento lexical. Seguindo a linha de Sousa (2007a: 175) a gramaticalização é “um processo gradual de transformação de uma forma

independente num morfema gramatical”. Sendo assim, esta transformação faz com que os auxiliares preservem alguns traços de persistência com os verbos plenos, ou seja, “os verbos auxiliares mantêm a dimensão semântica TMA (tempo, modo aspeto) do verbo pleno correspondente” (Raposo *et al.*, 2013: 1228). Por exemplo, o verbo pleno e autónomo *andar* marca uma duratividade e ocorrendo como verbo auxiliar apresenta uma sucessividade e continuidade das situações descritas. O mesmo ocorre com os verbos plenos *estar* e *ficar* que representam atividades contínuas e durativas, tal como no seu uso auxiliar.

Podemos, então, dizer que a gramaticalização é uma passagem de uma unidade independente para uma unidade gramatical maior em que persiste o valor semântico original de uma unidade autónoma.

2.5. Critérios de auxiliaridade

Nesta secção apresentamos algumas propostas de classificação dos verbos auxiliares⁴⁹, uma vez que esta questão é pertinente para a descrição das perífrases verbais. Sendo assim, há linguistas que propõem os critérios para delimitar o verbo auxiliar. Pontes (1971: 31) destaca como critérios⁵⁰ na análise do auxiliar o seu comportamento sintático e o critério da evolução semântica que envolve o critério de gramaticalização. A linguista diz que „algumas formas sintéticas latinas foram substituídas, nas línguas modernas, por formas analíticas.

⁴⁹ Raposo (2013: 1254–1255) apresenta uma divisão dos verbos em verbos auxiliares, semiauxiliares e “quase auxiliares”. Como auxiliares destaca *ter*, *ser*, *estar a*, *ficar a*, *ir + infinitivo* e auxiliares aspetuais com a preposição *de* ou com o gerúndio: *acabar de*, *deixar de*, *ir + gerúndio*, *vir + gerúndio*. Os verbos semiauxiliares são os verbos aspetuais com a preposição *a*: *andar a*, *chegar a*, *começar a*, *continuar a*, *passar a*, *tornar a*, *voltar a* enquanto os verbos “quase auxiliares”: *querer* e *parecer*. No presente estudo usamos o termo verbo auxiliar de acordo com a proposta de Cunha e Cintra, ou seja, verbos auxiliares dos tempos compostos, verbos auxiliares temporais ou aspetuais.

⁵⁰ Lobato Pinheiro (1975: 29–30) refere os critérios semânticos, morfológicos, prosódicos, de frequência, de ocorrência, operacionais ou formais.

A estas foi dado o nome de formas compostas do verbo. A partir destas, analisaram-se as outras. Como naquelas formas havia o auxiliar evoluído de sentido, esta passou a ser a definição de auxiliar”. No que diz respeito ao critério sintático, a autora diz que “se o auxiliar e o principal têm entre eles um tal vínculo de subordinação que os faz funcionar como uma unidade, temos um sintagma” (Pontes, 1971: 32). Então, se o verbo principal pode ser desdobrado numa outra oração, não temos perífrases verbais. Do ponto de vista sintático, o verbo auxiliar e o verbo principal formam uma unidade inseparável.

Pontes (1971: 17–18) refere também que „apenas no tocante ao verbo Ter (e Haver) existe concordância entre os gramáticos, mas quanto a Ser e Estar, não. Verifica-se também maior concordância em considerar o verbo Ser do que Estar como formador de TC”. A linguista distingue três tipos de auxiliares: do primeiro grupo fazem parte os auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e *estar* sublinhando que os dois primeiros formam os tempos compostos; no segundo grupo a autora apresenta os verbos *ir*, *vir* e *andar* considerados como menos importantes, por não formarem os tempos compostos. Pontes (1971: 37) afirma que “são quase sempre tratados como auxiliares de segunda categoria por não entrarem na formação dos tempos compostos” e designados como “auxiliares acidentais” ou “semi-auxiliares””; ao terceiro grupo pertencem, segundo a autora, os verbos “*causativos e modais*”. A linguista observa também que, nas construções perifrásticas o verbo auxiliar veicula valores de pessoa, tempo e aspeto, enquanto o verbo principal está sempre numa das formas seguintes: no infinitivo, no particípio passado ou no gerúndio.

Como podemos ler em Cunha e Cintra ([1984]2014: 495) com base nos diferentes empregos e funções, destacam-se os seguintes grupos dos verbos auxiliares em português:

- verbos auxiliares dos tempos compostos: *ter* p.ex.: *A Paula tem falado com os seus pais.*
- verbo auxiliar da passiva: *ser* p.ex.: *O filho foi abraçado pelo pai.*
- verbos auxiliares temporais: *ir* p.ex.: *Vou falar com o meu amigo, vir e haver* seguido de preposição *de* p.ex.: *Eu hei de ir a Portugal*, que denotam uma ação que se realiza no futuro.

- verbos auxiliares aspetuais: *começar* seguido da preposição *a*, para indicar o começo da ação p.ex.: *Começo a ver o filme hoje.*
- verbos auxiliares modais: *poder* p.ex.: *Eu posso ver o filme?*, indicando possibilidade ou probabilidade.

Segundo Gonçalves e Costa (2002:11), a “tradição gramatical luso-brasileira é consensual quanto à existência de uma classe de verbos auxiliares”, mas as diversas gramáticas apresentam diferenças na classificação dos mesmos. A título de exemplo, Cintra e Cunha ([1984]2014: 495) apresentam os seguintes verbos auxiliares: *ter, haver, ser, estar, ir, vir, andar, ficar, acabar* enquanto Bechara ([1961]1999) destaca *ter, haver, ser, estar, ficar, começar a, estar* (a, para, por), *continuar a, vir, andar, ir, haver de, ter de, dever, poder, precisar de, querer, desejar, odiar, buscar, pretender, tentar, ousar, conseguir, lograr, parecer, vir a, chegar a* como auxiliares. Como podemos observar, ao mencionarmos as propostas de auxiliares dos linguistas citados *supra*, o leque de verbos auxiliares varia de gramática para gramática.

Tendo em conta o carácter do presente estudo, retomamos nove critérios⁵¹ apresentados em Gonçalves e Costa (2002) que servem para identificar um verbo auxiliar do português europeu. As autoras destacam as seguintes propriedades:

- a) impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas;
- b) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa;
- c) impossibilidade de coocorrência de duas posições de Sujeito;
- d) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente;

⁵¹ Raposo (2013: 1253) refere os seguintes critérios: os verbos auxiliares não seleccionam orações subordinadas finitas introduzidas por *que*; não ocorrem com o infinitivo flexionado; quando o complemento do verbo pleno de uma perífrase verbal é um pronome clítico, este pode ligar-se ao verbo auxiliar; uma frase ativa transitiva contendo uma perífrase verbal tem o mesmo significado básico da sua contraparte passiva.

- e) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito e a ausência de flexão do infinitivo;
- f) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar;
- g) não seleção do Sujeito;
- h) coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais;
- i) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetam apenas a interpretação do domínio não finito.

Tomando em conta os critérios acima citados, tentaremos pôr à prova algumas destas características, começando pela propriedade considerada mais importante, que é a da impossibilidade de coocorrência com orações subordinadas finitas (10b). Como se poderá observar nos exemplos a seguir, pelo contrário, neste caso o operador aspetual *andar a* pode combinar-se com a maioria dos verbos plenos, como evidencia o exemplo (10a).

A este propósito, comparem-se os exemplos (10a) com (10b) abaixo citados:

- (10) a. *Também ando a juntar papéis sobre o bispo e nem por isso estou interessado em falar algum dia com ele.* (TN: 83)
- b. **Também ando a que juntou papéis sobre o bispo e nem por isso estou interessado em falar algum dia com ele.*

De acordo com o que ficou exposto, o verbo *andar* funciona como o auxiliar, pois não pode ocorrer separadamente do verbo principal *juntar* (10a). Retomando ainda o enunciado (10a) podemos acrescentar que o verbo de operação aspetual *andar a* forma com o verbo principal um grupo indissociável, pois, estamos perante a impossibilidade de desdobramento da oração ou da existência de sujeito único. Estas duas características estão relacionadas uma com a outra e completam o critério acima apresentado. Portanto, se pudermos separar o grupo verbal em dois núcleos oracionais, não estaremos na presença de uma perífrase verbal. Os exemplos abaixo apresentados ilustram as considerações feitas (cf. 11 com 12a e 12b):

- (11) *Não é o meu costume andar a espreitar as vidas alheias, disse o Sr. José, esquecido das cento e quarenta e tantas que tinha no armário.* (TN: 62)
- (12) a. *Ele sonhava comprar um carro.*
 b. *Ele sonhava que compraria um carro.*

Outra propriedade para refletir é a ausência de flexão do infinitivo, ou por outras palavras, na sequência formal: verbo auxiliar + verbo principal, o segundo elemento deste conjunto, no nosso caso, o verbo principal *apregoar* não pode ocorrer no infinitivo flexionado. Para isso, verifiquemos os seguintes enunciados, retirados do *corpus* de exemplos:

- (13) a. *É certo que fraudulentíssima vitória, mas se andam tantas pessoas por aí a apregoar que os fins justificam os meios, ele quem era para as desmentir.* (TN: 60)
 b. * *É certo que fraudulentíssima vitória, mas se andam tantas pessoas por aí a apregoarem que os fins justificam os meios, ele quem era para as desmentir.*

Para além dos enunciados apresentados acima e para evidenciar a complexidade da determinação da perífrase verbal, propomos ainda destacar um outro critério que consiste na seleção do sujeito ou do complemento pela forma do verbo principal, isto quer dizer, pela forma não finita.

- (14) a. *Não estou informado de que o Sr. José ande a procurar alguém, de qualquer modo não é questão que diga respeito à Conservatória Geral.* (TN: 147)
 b. *Não estou informado de que o gato ande a procurar alguém, de qualquer modo não é questão que diga respeito à Conservatória Geral.*

Nos exemplos referidos, o operador aspetual *andar a* “perde o seu poder” de seleção do sujeito e a própria escolha do sujeito depende, no nosso caso, do verbo principal *procurar*. A impossibilidade de coocorrência com orações subordinadas finitas, a impossibilidade de combinação com um verbo no infinitivo flexionado e a seleção do sujeito ou do complemento

pela forma do verbo principal são consideradas as propriedades fundamentais que caracterizam as perífrases verbais.

Entre as características destacadas por Gonçalves e Costa (2002) encontra-se o critério da coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais. Desta forma, um verbo auxiliar deve combinar-se com qualquer classe aspetual de predicados verbais: estados (*cf.* 15c), atividades (*cf.* 15d), eventos prolongados (*cf.* 15b) e eventos instantâneos (*cf.* 15a)⁵². No entanto, há verbos auxiliares que coocorrem com todas as classes de predicados verbais e outros que limitam a classe dos predicados verbais que com eles se combina. As autoras propõem dois grupos de verbos:

Grupo I: verbos que não impõem restrições ao predicado

Grupo II: verbos que impõem restrições ao predicado (Gonçalves e Costa, 2002: 42)

Tendo em conta o critério *supra* evidenciamos que o verbo auxiliar *andar* ocorre com as classes aspetuais de predicados verbais que são estabelecidas conforme o tipo de situações que estes podem descrever.

- (15) a. (...) *desde há quatro séculos que andam a cair anátemas.* (TN: 214)
 b. (...) *parece que andou a esfregar uma parede.* (TN: 132)
 c. (...) *durante uns dias andei a pensar em lhe telefonar.* (TN: 188)
 d. (...) *a pessoa que ando a procurar.* (TN: 62)

Entre outras características, podemos destacar também os critérios de pronominalização e da falta do imperativo⁵³. Segundo o primeiro critério, quando o auxiliado pode ser substituído por um pronome não nos encontramos perante uma perífrase verbal. O segundo critério, o da falta do imperativo, não se verifica com todos os verbos auxiliares. Evidentemente alguns dos verbos aparecem com pouca frequência no

⁵² A tipologia das classes aspetuais de predicados verbais foi apresentada no subcapítulo 1.1.

⁵³ Lobato Pinheiro (1975), Alarcos Llorach (1996), entre outros.

imperativo. É o caso dos verbos que representam os estados. A forma *esteja a ver*, substitui-se por *veja* enquanto *continue a ver* é aceitável.

2.6. Conclusão

No presente capítulo foram abordadas as questões teóricas relativas às construções perifrásticas. Tendo em conta os estudos dos linguistas – Barroso (1994), Gómez Torrego (1999), Raposo *et al.* (2013), definimos a perífrase verbal como uma ocorrência de dois ou três constituintes (um verbo auxiliar, um verbo principal, uma preposição) em que cada um deles se caracteriza pelas suas propriedades e um conjunto de todas as propriedades forma uma unidade superior que é uma perífrase verbal. A seguir, tentámos destacar algumas características que determinam e ao mesmo tempo diferem a perífrase verbal da locução verbal ou do tempo composto. Com certeza, o termo construção perifrástica abrange os três tipos de estruturas que acabamos de destacar. De facto, uma perífrase verbal, uma locução verbal ou um tempo composto constituem o tipo de complexo verbal, estruturas analíticas, compostas por mais do que um constituinte. Mas tal como evidencia Oliveira (2013) os tempos compostos podem ser considerados como “um tipo de perífrase verbal” devido a sua estrutura interna, quer dizer, um verbo auxiliar e um verbo principal na forma do particípio passado. Nos tempos compostos, o verbo auxiliar é sempre o verbo *ter*, é o que também difere um tempo composto de outras perífrases verbais propriamente ditas. Quanto à diferença entre a locução verbal e a perífrase verbal, a proposta de Gómez Torrego (1999) parece explicar bem algumas nuances entre os dois tipos de construções. Para o linguista, as locuções verbais podem ser caracterizadas como unidades formadas por várias palavras e neste conjunto o núcleo é sempre constituído por um verbo. Gómez Torrego (1999: 3326) sublinha a importância da verificação das características sintáticas do verbo principal para decidir se uma construção pode ser considerada uma perífrase verbal. Sendo assim, se a forma do infinitivo do verbo principal possui “a carga nominal”, ou a forma do particípio ou gerúndio “a carga adjetival” não estamos perante

uma perífrase verbal porque de acordo com o que explica o linguista “estas formas não pessoais se subordinam ao verbo anterior como o fazem os substantivos e pronomes no caso do infinitivo e os adjetivos e advérbios no caso do particípio ou gerúndio”.

Nesta secção foram também discutidos dois conceitos: gramaticalização e auxiliaridade. A gramaticalização é compreendida como um dos fenómenos linguísticos determinado como uma transformação de uma forma do significado lexical numa forma do significado gramatical. Relativamente ao conceito de auxiliaridade, podemos defini-lo como uma combinação de duas formas verbais e nesta ocorrência o verbo auxiliar envolve uma relação com o verbo principal. Nesta parte do estudo foram evidenciados também os critérios que permitem determinar os verbos auxiliares.

3. As perífrases verbais como marcadores do valor aspetual de iteratividade

No capítulo anterior foram abordadas as questões relacionadas com a definição, estrutura e classificação das construções perifrásticas. Nesta secção, estudaremos, as perífrases verbais formadas pelos auxiliares *voltar a*, *andar a*, *começar a*, *continuar a*, *estar a* seguidas de infinitivo e como última submetida à análise será a perífrase *ir + gerúndio*⁵⁴. Num primeiro momento, descrevemos de maneira breve o comportamento dos verbos *voltar*, *andar*, *começar*, *continuar*, *estar* e *ir* como verbos plenos ou autónomos. Num segundo momento, como o próprio tema do presente estudo indica, serão analisadas as perífrases que podem exprimir o valor aspetual de repetição. Tentamos, como mencionamos na introdução, atestar a hipótese de que o valor aspetual de repetição depende de vários constituintes presentes numa dada frase, nomeadamente, das construções perifrásticas e dentro delas das características do verbo auxiliar e verbo principal, da ocorrência das mesmas com outros elementos p.ex.: classe aspetual do predicado verbal, a quantificação do sujeito ou do complemento, entre outros. Finalmente, esperamos que os exemplos do *corpus* evidenciem o carácter composicional do valor aspetual de iteratividade.

⁵⁴ No presente capítulo retomamos e desenvolvemos alguns pontos de Wiśniewska (2014).

3.1. A perífrase verbal *voltar a + infinitivo*

O verbo *voltar* como pleno representa o grupo dos verbos de movimento. A função que podemos atribuir a este verbo é a de deslocação ou mudança de lugar. Tomemos, a título de exemplo, os enunciados que ilustram esta afirmação:

- (1) *A Maria volta para Portugal no próximo ano.*
- (2) *A Maria volta a casa almoçar.*
- (3) *A Maria volta de Portugal na sexta-feira.*

Como estes exemplos mostram o que caracteriza o verbo *voltar* são os semas de movimento. Por outras palavras, podemos dizer que o verbo *voltar* é o portador do significado lexical de mover-se no espaço. Se tomarmos em consideração a função de deslocação, o verbo em causa é télico. A delimitação intrínseca de *voltar* é assumida pela combinação do verbo em questão com as preposições *apara* e *de*. Nos enunciados acima é construída a significação de deslocação no espaço: nestes casos concretos a Maria desloca-se desde o ponto em que se encontra até ao outro ponto, marcando curta permanência (com a preposição *a*), longa permanência e tendência para um limite (ocorrendo com a preposição *para*) ou afastamento de um ponto (com a preposição *de*).

No que diz respeito ao verbo auxiliar *voltar* que coocorre com a preposição *a* e o verbo principal na forma do infinitivo, como sublinham os linguistas (entre outros Almeida (1980)) a construção em análise exprime as simples repetições da situação descrita. Isto significa que a ação verbal se pode apresentar, nos casos abaixo analisados, como repetida só uma vez. Para ilustrar esta opinião consideremos um enunciado:

- (4) *Voltei a falar aos estudantes.* (FN)

A construção aqui referida significa *falar de novo*. Repare-se que a ação principal volta a ocorrer outra vez. No entanto, um exemplo acima citado coloca uma observação. A iteratividade expressa pela perífrase

verbal *voltar a + infinitivo* evidencia a repetição que é dada pelo auxiliar *voltar*, mais a preposição *a* e *infinitivo*⁵⁵. A própria significação do auxiliar indica a repetição da ação expressa pelo infinitivo *falar*. A repetição com este auxiliar corresponde à realização da ação exatamente pela segunda vez “sem implicação de iteração múltipla” (Raposo *et al.*, 2013: 1272), equivalendo assim à expressão do verbo principal acompanhado dos adverbiais *outra vez*, *novamente*, *de novo*. A repetição pode acumular-se, isto é, ao mesmo tempo o verbo auxiliar e o verbo principal podem conter os semas de repetição. O enunciado abaixo confirma esta observação:

(5) *Ele voltou a repetir as informações.* (FN)

Neste caso, a ação simples expressa pela perífrase verbal torna-se mais complexa. Pode dizer-se que estamos perante uma dupla iteração, representada pelo verbo principal, além do auxiliar de que tratamos. A informação, já repetida, pela segunda vez, volta a ocorrer. Neste exemplo a quantificação do objeto direto, podemos dizer que sublinha o valor de repetição.

Ao analisarmos todos os exemplos da perífrase estudada, reparamos que, esta construção se atualiza na flexão verbal de passado ou de presente. Isto se justifica pelo facto de que só assim se realiza objetivamente a repetição. Os exemplos abaixo citados evidenciam estas considerações:

(6) *O Nuno volta a correr na maratona.* (FN)

(7) *Contudo há perguntas tenazes (...) e esta voltou a atacá-lo.* (TN: 81)

É preciso mencionarmos que a perífrase analisada ocorre também combinada com outros tempos. No entanto, o auxiliar *voltar* no tempo gramatical – futuro, apresenta a ação principal na eventualidade da sua realização, podendo não ocorrer a repetição. Não eliminamos a possibilidade de uso do futuro ou de outro modo que não é o indicativo. Apenas se observa que são mais raros os casos, pelo facto de que a repetição fica em promessa ou conselho.

⁵⁵ Na terminologia de Pottier (1976) é o caso de incidência indireta.

Consideremos, para isso, os seguintes exemplos:

- (8) *O conservador voltará a ser o chefe.* (TN: 210)
 (9) (...) *para que não voltasse a repetir-se o facto.* (TN: 32)
 (10) (...) *mais ninguém voltaria a entrar neste sótão.* (TN: 112)
 (11) (...) *É impossível que os volte a ter alguma vez.* (TN: 214)

O verbo *voltar* pode coocorrer com todas as classes semânticas de predicados verbais, não existindo incompatibilidade entre o conteúdo semântico do referido auxiliar e as características semânticas de nenhum dos tipos de predicados de Vendler:

- (12) *Vou estar de olho alerta para o caso de ele voltar a aparecer por aqui.* (TN: 155)
 (13) *A mulher tornou a entrar na loja. Tinha-se esquecido de comprar o pão.* (FN)
 (14) *Desejo que volte rapidamente a ser um funcionário correcto que era antes.* (TN: 79)
 (15) *Não voltou a vê-lo.* (TN: 151)
 (16) *Não tenciono voltar a usá-la.* (TN: 278)
 (17) (...) *deitar abaixo a parede do fundo e voltar a levantá-la uns quantos metros adiante.* (TN: 166-167)
 (18) *E voltou a falar do caso da véspera, do famoso artigo da Gazeta.* (M I: 165)
 (19) *Quatro dias depois Marta voltava a telefonar, apareceremos aí amanhã à tarde.* (JSC: 345)

Os enunciados acima transcritos confirmam a compatibilidade do auxiliar *voltar* com o evento instantâneo (12), (13), o estado (14), (15), as atividades (18), (19) e os eventos prolongados (16), (17). Assim, podemos dizer que o próprio auxiliar decide o valor da perífrase verbal analisada independentemente do tipo da combinação com o verbo auxiliar, expressando o valor aspetual iterativo.

A variante estilística da construção acima analisada é constituída pela perífrase *tornar a + infinitivo*. Os linguistas apontam poucas

diferenças na alternância *tornar a + infinitivo* e *voltar a + infinitivo*, do ponto de vista semântico, já que a estrutura fónica de cada um oferece possibilidades diversas de uso expressivo. Também com *tornar a + infinitivo* a repetição equivale à realização da ação principal outra vez.

É de sublinhar também que a atualização da categoria de tempo, nesta perífrase, revela a predominância da flexão verbal do tempo passado. No *corpus* de exemplos pouco houve de tempo verbal do futuro. A mesma razão, a nosso ver, da perífrase anterior: as flexões do passado e do presente coocorrem com a perífrase, porque com este auxiliar nestes tempos se realiza perfeitamente a repetição. Vejam-se a este propósito os seguintes enunciados:

(20) *Torno a dizer que não faça caso daquela minha ideia.* (TN: 200)

(21) *O Sr. José tornou a entrar no prédio.* (TN: 275)

(22) *Dizia e tornava a dizer que os assuntos (...) não lhe interessavam.*
(TN: 59)

Vale a pena notar que os tempos do futuro, assim como os de modos que não seja o indicativo, podem também ocorrer, não encontramos muitos exemplos mas este tipo de combinação também é possível. O que observamos é que a repetição não se realiza realmente. Mas a realização ou não realização da repetição não depende, a nosso ver, da perífrase verbal referida. Nestes casos, o uso do modo e tempo veiculam estas características da realização da repetição. O modo conjuntivo apresenta um facto como incerto, duvidoso ou mesmo irreal. Apresentamos para a análise, enunciados que permitem ilustrar esta confirmação:

(23) *Pode ser que tornem a ligar.* (TN: 275)

(24) *Tornaria a ser verdade.* (TN: 243)

A questão que se põe agora é a de saber se o auxiliar *tornar* é compatível com todas as classes semânticas da tipologia de Vendler: com os estados, com as atividades, com os eventos prolongados e com eventos instantâneos. Os enunciados abaixo confirmam o uso do auxiliar *tornar* com as classes dos predicados verbais acima citados:

- (25) *Voltou ainda três vezes ao Aterro, não a tornou a ver.* (M I: 152)
- (26) *Tornar a ser véspera, ao menos por uma hora, é o desejo impossível de cada ontem que passou e de cada hoje que está passando.* (JSC: 274)
- (27) *E depois tornariam a perguntar.* (TN: 100)
- (28) *Tornei a fumar.* (FN)
- (29) *O auxiliar de escrita tornou a guardar o cartão.* (TN: 223)
- (30) *Tornei a calçar os sapatos.* (TN: 43)
- (31) *Tornou a entrar na Conservatória.* (TN: 252)
- (32) *Tornou a acender a lanterna.* (TN: 88)

Como podemos observar, o auxiliar *tornar* exprime uma única repetição da situação descrita pelo verbo principal, combinando-se perfeitamente com todos os tipos de verbos, não existindo incompatibilidade entre o conteúdo semântico do referido auxiliar e as características semânticas de nenhum dos tipos de predicados de Vendler. Os exemplos acima citados evidenciam todas as nossas observações. Vale a pena acrescentar ainda que a perífrase analisada pode exprimir um valor pontual ou durativo do conjunto, isto depende do verbo principal que pode ser respetivamente perfeito ou imperfeito (Almeida, 1980: 114). Os exemplos (27), (28) e (29) evidenciam o carácter durativo devido a nuances imperfeitas dos verbos principais *perguntar*, *guardar*, *fumar* enquanto os enunciados (31) e (32) exprimem o carácter pontual, em razão da perfeição de *entrar na conservatória* ou *acender a lanterna*. No entanto, esta observação põe algumas observações. O primeiro é que temos que “diferenciar o aspecto particular do verbo principal daquela que revela a perífrase verbal no seu todo. Nos casos em questão, por exemplo, a oposição que mencionamos não afeta a totalidade perfeita de ambas as perífrases, aí determinada pela flexão temporal do auxiliar” (*ibidem*: 114). A oposição apenas nos mostra que a perífrase é um conjunto, que é preciso analisar na sua totalidade.

Veja-se dois casos: enquanto o enunciado (33) tem o carácter durativo, o exemplo (34) é de carácter pontual:

- (33) *A minha irmã tornou a estudar.* (FN)
- (34) *O Rui tornou a receber a carta dos seus pais.* (FN)

Recordemos ainda que o valor iterativo da perífrase analisada depende, o que tentámos mostrar, de todos os constituintes da construção perifrástica tomados juntamente e não de cada um deles tomados separadamente.

3.2. A perífrase verbal *andar a + infinitivo*

Acabamos de confirmar na secção 2.5. que a construção *andar a + infinitivo* constitui o exemplo da perífrase verbal. Comparando-a com as duas perífrases do subcapítulo 3.1. que expressam uma única repetição, esta representa uma repetição múltipla. Para continuarmos as nossas considerações, propomos o confronto do seguinte paradigma de exemplos:

(35) *Ando na escola.*

(36) *Ando a estudar português.*

(37) *Ando a sair à noite.*

Estes dados permitem-nos, de imediato, perceber que os enunciados acima referidos são semanticamente distintos. No exemplo (35) o verbo *andar* ocorre como verbo autónomo ou também chamado pleno, portador de significado lexical *movimentar-se no espaço* (Barroso, 1994: 25) enquanto nos exemplos (36) e (37) é instrumento gramatical, portador de uma significação aspetual (Barroso, 1994: 25). O exemplo (35) evidencia o facto do verbo pleno *andar* conservar todos os semas caracterizadores enquanto nos exemplos (36) e (37) observamos a transformação do verbo pleno *andar* em unidade superior que é a perífrase verbal *andar a + infinitivo*. Estamos, então, perante o fenómeno de gramaticalização que abordamos no subcapítulo 2.4.

No entanto, voltando à análise dos exemplos, retomamos ainda os enunciados (36) e (37). Como demonstram as frases, a mesma construção

*andar a + infinitivo*⁵⁶, nem sempre concorre para a marcação do mesmo valor aspetual – no enunciado (36) observamos o valor durativo ou até habitual enquanto o enunciado (37) ganha o valor iterativo⁵⁷. Desta forma, partimos do princípio de que a perífrase verbal *andar a + infinitivo*, pode descrever as situações como durativas/continuativas, iterativas e habituais⁵⁸. Para identificar os valores aspetuais referidos será necessário analisar as configurações em que esta construção ocorre e estabelecer possibilidades e as restrições de coocorrência, permitindo,

⁵⁶ A complexidade que apresenta a construção perifrástica analisada ofereceu uma rica matéria para diversos estudos. Alguns linguistas sublinham o valor durativo expresso por esta perífrase, outros mencionam a expressão do valor iterativo. Citemos a opinião do linguista espanhol Roca Pons (1958: 66), a propósito do emprego do auxiliar *andar*: *andar – con idea de movimiento reiterado y sin dirección, será apto, sobre todo, para el iterativo y también para el intensivo*. Cunha (1998: 30) define de maneira seguinte os valores expressos pela perífrase em questão: valor aspetual imperfeito, descrevendo „a ocorrência, iterada, prolongada ou frequente da situação descrita”. Em Mateus *et al.* (2004:150) podemos ler que esta perífrase possui algumas semelhanças com *estar a + infinitivo* no que diz respeito “aos tipos aspetuais de predicados base sobre os quais opera, isto é, eventos e estados faseáveis. No entanto, a leitura final diverge, *andar a + infinitivo* expressa o valor habitual ou frequentativo”.

⁵⁷ Barroso (2009), por exemplo, considera que, “em PE contemporâneo, todas as construções (*estar; andar, viver, ir e vir + VinflVger*) têm como características comuns, entre outras: “(i) combinação dos predicados verbais de processo e de processo culminado (dinâmicos, durativos e menos e mais tólicos) com todas as construções; (...) (vi) manifestação dos fenómenos linguísticos 'variação' e 'especialização' e do processo de 'gramaticalização'; (vii) implicação mútua aspecto lexical / aspecto gramatical (...): transformação pelo progressivo, dos 'estados faseáveis' e 'eventos' em 'estados progressivos', pelo progressivo comitativo, em 'estados habituais ou frequentativos' e, pelo progressivo gradativo, em 'processos que avançam progressivamente' (+ 'interpretação iterativa')” (Barroso, 2009: 3613).

⁵⁸ Valor iterativo – “valor aspetual durativo. Um estado de coisas, localizado num dado intervalo de tempo, ocorre um número significativo de vezes nesse intervalo de tempo e em intervalos de tempo anteriores”. (*Dicionário de termos linguísticos*, 1992: 53).

Valor habitual – um estado de coisas, localizado num dado intervalo de tempo I_t , ocorre em I_t em intervalos anteriores adjacentes a I_t e, presumivelmente, em intervalos posteriores adjacentes a I_t , sendo apresentado como um comportamento ou característica habitual de um dos participantes no estado de coisas descrito, nos intervalos em questão (Mateus *et al.*, 1992: 98).

dessa forma, evidenciar o carácter composicional dos valores aspetuais expressos pela perífrase.

Relativamente às diferentes interpretações semânticas, de diferentes combinações entre os dois constituintes no interior da perífrase, vejamo-se os seguintes exemplos:

- (38) *Deles, só me interessa o que tiver que ver com a pessoa que ando a procurar aliás, nem me foi concedida autorização para mais.* (TN: 62)
- (39) (...) *... você até parece que andava a esfregar uma parede com os joelhos.* (TN: 132)
- (40) *A paciência esgotou-se-lhe, pensaram com alegria os auxiliares de escrita, ultimamente escandalizado pelo tratamento de imerecido favor de que o Sr. José andara a ser objecto por parte do chefe.* (TN: 203)
- (41) *Pelo contrário, desde há quatro séculos que andam a cair anátemas, insultos, calúnias e exames sobre a memória do infeliz inovador.* (TN: 214)

Os enunciados referidos permitem-nos, perceber que as situações descritas nos exemplos (38–40) confirmam a compatibilidade do auxiliar *andar a* com as atividades, os eventos prolongados e com os estados. *Andar a + infinitivo* ocorre também com os eventos instantâneos o que se verifica com a leitura do enunciado (41). Ao analisarmos os exemplos (38), (39) e (40), reparamos que a perífrase assume um valor de continuidade e de duração ou até possibilitando uma interpretação de valor de habitualidade. As configurações de habitualidade exigem um intervalo de comparência obrigatoriamente longo e estável, verificável nos exemplos citados acima. Portanto, confirmamos que a combinação do verbo auxiliar durativo *andar* com as propriedades semânticas dos verbos principais *procurar*, *esfregar* e *ser*, isto é, com os predicados que possuem no seu conteúdo o traço (+ durativo) permite a leitura habitual das situações descritas. O último exemplo (41) em que observamos a ocorrência do verbo de operação aspetual *andar a* com o verbo instantâneo *cair*, evidencia a realização

iterativa dos acontecimentos linguísticos apresentados. Neste caso concreto a pluralidade do complemento de objeto direto de cada ocorrência, tratada separadamente p.ex.: *anátemas* etc. e de todas as ocorrências presentes na frase (*anátemas, insultos, calúnias e exames*), acrescenta a todo o enunciado um valor de repetição. Assim, podemos constatar que todas as categorias aspetuais podem combinar-se com esta perífrase. No entanto, parece haver uma restrição de combinação com os estados “não faseáveis”, o que é verificável nos exemplos (42) e (43). A propósito disso, citamos a opinião de Cunha (1998: 31) que confirma o seguinte: “*andar a + infinitivo* é incompatível com os estados não faseáveis. Isto quer dizer, se um verbo de estado não for suscetível de ser convertido num processo não poderá, combinar-se com a forma *andar a*”. Os exemplos de Cunha (1998: 31) comprovam a impossibilidade da ocorrência em questão (cf. 42 e 43 com 44):

(42) **O meu casaco anda a ser verde.* (estado não faseável)

(43) **O João anda a ser português.* (estado não faseável)

(44) *O João anda a ser simpático.* (estado faseável)

Retomando ainda os enunciados (38–41) podemos dizer que, em termos gerais, os exemplos referidos confirmam que os valores aspetuais, o de duratividade como também o de iteratividade, da perífrase verbal em análise dependem da coocorrência das propriedades semânticas do operador aspetual *andar a* com o tipo do predicado verbal do verbo principal. Mas esta constatação não pode ser considerada completa e exige ainda outras observações. A este propósito, retomando os dois exemplos, um com a ocorrência do verbo (-durativo) e outro com a ocorrência do verbo (+durativo)

(45) *A Maria andou a espirrar durante um mês.*

(46) *A Maria andou a estudar durante um mês.*

vemos que em (45) com o verbo (-durativo) é apresentada a classe teoricamente infinita de acontecimentos, enquanto em (46), a situação é singular e homogénea. Outra observação dos dois enunciados

referidos consiste na combinação dos valores do tempo gramatical pretérito perfeito simples com o tipo de predicado verbal dos verbos principais. De facto, nos enunciados citados ocorre uma situação com um valor aspetual perfeitivo (45 e 46) em que se identificam valores de iteratividade (45) ou de duração/continuidade (46) que dependem da interdependência com valores definidos pela natureza semântica do verbo principal *espirrar* e *estudar*. O marcador *durante um mês* indica o intervalo de tempo em que o processo representado pelo verbo *espirrar* repete-se (45) e pelo verbo *estudar* dura (46). Desta forma, estes dois enunciados confirmam a importância da inter-relação entre o tempo gramatical, a natureza semântica do verbo auxiliar e do verbo principal na construção dos valores aspetuais expressos pela perífrase verbal *andar a + infinitivo*.

Como já foi mencionado os adverbiais também influem o valor expresso pela perífrase em questão. Retomamos abaixo um enunciado com a combinação do verbo de operação aspetual *andar a* com o verbo principal, que contém o traço (+durativo):

(47) *O João anda a estudar inglês.*

Em contexto deste tipo (47), ocorre o verbo principal durativo *estudar*, sendo compatível com o auxiliar *andar a*, como já ficou exposto acima. É construída uma classe de ocorrências de uma situação ao mesmo tempo com um valor de duratividade e de habitualidade. O valor aspetual de habitualidade implica de certa forma a repetição dos acontecimentos descritos ao longo do tempo para estes poderem ser tratados na sua repetição como habituais. Se nós determinarmos a ocorrência gramaticalmente e semanticamente correta *O João anda a estudar inglês* por um adverbial, evidenciaremos uma alteração relativa à expressão do valor aspetual. Deste modo, o *corpus* facultanos ainda um outro exemplo que ativa uma interpretação distinta da anterior com um valor de habitualidade. Retomamos aqui a frase (47), e comparamo-la com o enunciado (48), para ilustrar essa outra leitura.

(48) *O João anda a estudar inglês às sextas-feiras.*

Neste exemplo concreto, ao contrário do que acontecia no anterior, o adverbial parece adicionar uma informação aspetual suplementar. Através da ocorrência de um adverbial *às sextas-feiras* com a perífrase verbal em questão, é construída uma situação com um valor de iteratividade. A situação descrita de *estudar* caracteriza-se pela duração e repete-se cada *sexta-feira*. Sendo assim, constatamos que a determinação dos elementos do enunciado, não altera o valor global do enunciado – o valor aspetual imperfetivo, mas faz com que a situação descrita possua um valor de iteratividade e não, como no exemplo (47), de habitualidade.

Para além dos exemplos apresentados acima propomos ainda discutir as seguintes combinações:

(49) *A *Maria anda a comer uma maçã*⁵⁹.

(50) A *Maria anda a comer uma maçã, por dia*.

(51) A *Maria anda a comer maçãs*.

Uma primeira constatação ao observarmos os enunciados (50) e (51) é o facto da determinação do objeto direto também interferir no valor aspetual da situação descrita. No exemplo (49) verificamos a incompatibilidade do verbo auxiliar *andar a* com a singularidade do complemento de objeto direto de *comer uma maçã*. Neste enunciado é construída uma situação única, localizada em relação a T_0 . A perífrase verbal em questão exige um complemento de objeto direto indeterminado, como é o caso do exemplo (51) em que a quantificação do mesmo resolve a referida incompatibilidade e todo o enunciado ganha a interpretação habitual. Retomando ainda o exemplo (50) em que ocorre um adverbial frequencial *por dia*, observamos que este adverbial desempenha a função de delimitar os acontecimentos descritos e, desta forma, permite considerar o enunciado gramaticalmente aceitável. A situação de *comer uma maçã* é bem delimitada e única mas, entrando em interação com um adverbial *por dia*, é apresentada como sucessiva. Este contexto de ocorrências possibilita, a nosso ver, uma leitura iterativo-habitual, que

⁵⁹ Os exemplos (49–51) foram retirados de Sousa (2007b: 644–645).

como podemos ver é determinada pela combinação do adverbial com os valores do tempo verbal presente e o complemento de objeto direto, que são portadores da informação semântica imprescindível na construção dos valores aspetuais de *andar a + infinitivo*.

Quanto à ocorrência dos tempos, no *corpus* por nós analisado, encontramos a predominância do tempo presente e dos tempos passados – pretérito imperfeito, pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto, o que evidenciam os exemplos seguintes:

- (52) (...) *por que é que andas a investigar-lhe a vida. Também ando a juntar papéis sobre o bispo e nem por isso estou interessado em falar algum dia com ele.* (TN: 83)
- (53) (...) *mas o seu pensamento não estava ali, andava a vaguear pela escuridão da Conservatória, como um cão negro que tivesse encontrado o rasto do último segredo.* (TN: 35)
- (54) *Se não está doente, como explica então o mau trabalho que andou a fazer nos últimos dias.* (TN: 136)
- (55) *Talvez o diário que encontrei seja de algum parente da pessoa que tem andado a procurar* (TN: 147)

Os enunciados apresentados permitem-nos constatar que com o tempo presente e pretérito imperfeito associa-se à construção *andar a + infinitivo* um valor de habitualidade. Isto tem a ver com as propriedades de duração e imperfetividade do operador aspetual *andar a*. Evidentemente a combinação da perífrase no presente ou no pretérito imperfeito com outros fatores pode possibilitar a ocorrência iterativa e não necessariamente habitual, o que ficou verificado no exemplo (48). O pretérito perfeito simples, que é o tempo gramatical com um valor aspetual perfeitivo, ocorre com a perífrase verbal *andar a + infinitivo* mas para determinar os valores expressos pela perífrase verbal na comparência deste tempo gramatical, é preciso fazer uma avaliação de todos os constituintes de um enunciado, o que se evidencia nos exemplos referidos (45) e (46).

No caso da combinação do pretérito perfeito composto com *andar a + infinitivo*, em termos gerais, pelas próprias características deste tempo

gramatical, estamos perante duas ocorrências – iterativa ou durativa – dependendo da classe do predicado verbal e dos outros constituintes do enunciado. O exemplo (55) ganha a leitura durativa enquanto no exemplo – *Ultimamente tem andado a sair com o Pedro* – verificamos a interpretação iterativa, pelas propriedades do verbo pontual *sair* e características do próprio tempo verbal. Se entretanto determinarmos o enunciado (55) por um adverbial, o mesmo pode ganhar um outro valor aspetual, dependendo do tipo de um adverbial. Mais uma vez, confirma-se que a contribuição de uma dada estrutura para o valor aspetual de um enunciado não é estável. É preciso observar e avaliar a interação de todos os elementos e fatores de um enunciado.

3.3. A perífrase verbal *costumar + infinitivo*

O valor construído pela perífrase *costumar + infinitivo*⁶⁰ é diferente dos valores expressos pelas construções expostas acima. A perífrase em causa exprime o valor aspetual habitual, isto é, a situação descrita ocorre num intervalo de tempo tão repetidamente que é considerada um hábito. Esta construção apresenta uma ação que se tem ou se tinha o hábito de fazer. Como repara Almeida (1980: 115) uma oposição *voltava a falar* e *costumava falar* evidencia dois tipos de repetição: no primeiro caso, como já tivemos a oportunidade de evidenciar nas nossas análises acima, é uma repetição simples, no outro caso o acontecimento apresenta uma repetição da situação descrita que se prolonga no tempo, tornando-se habitual.

Consideremos agora um enunciado para explicar de maneira melhor o uso desta perífrase na língua portuguesa:

⁶⁰ Há outras expressões que assumem o valor habitual: *ser costume + infinitivo*, *ser habitual + infinitivo*, *ter hábito + infinitivo*. Não consideramos estas construções nas nossas análises porque, para nós, não são as perífrases verbais. O segundo elemento da perífrase verbal tem de estar na forma do infinitivo, gerúndio ou participio. Nos casos acima mencionados estamos perante a construção: o verbo auxiliar *ser* + adjetivo ou substantivo.

(56) *O Jorge costumava ler os livros ao fim de semana.* (FN)

Constatamos que anteriormente *o Jorge* teve costume de *ler os livros* mas isto, não deve significar *em todos os fins de semana*, podem existir *os fins de semana*, em que ele não leu os livros. Vale a pena ainda sublinhar que este enunciado não implica a situação de *o Jorge* ainda *ler os livros* aos fins de semana. Ele podia deixar de ler os livros sem voltar a fazê-lo mas também pode voltar a ler. Vejamos ainda um exemplo da perífrase analisada, mas desta vez, o verbo auxiliar ocorre no presente do indicativo:

(57) *À noite a minha irmã costuma sair* com os amigos dela. (FN)

O exemplo (57) apresenta o hábito de realizar a ação principal. A ação de *sair* não está realizada no ato da palavra, mas evidentemente o será por hábito. Temos de tomar em conta também um fator: para falar do valor habitual, a situação tem de repetir-se muitas vezes e durar para podermos considerá-la como o costume. Como podemos observar, o verbo auxiliar *costumar* coocorre particularmente com o presente do indicativo como também com o imperfeito do indicativo, o que evidenciam os exemplos já apresentados acima. Não encontramos no nosso *corpus* o uso do auxiliar *costumar* com outros tempos do indicativo. Há realmente uma incompatibilidade com os tempos que não se adaptem à ideia frequentativa. A explicação desta falta de ocorrência da construção analisada mostra-nos que só no presente e no imperfeito do indicativo é que se realiza bem a expressão do valor habitual de todo o conjunto perifrástico.

Vale a pena ainda tomar em consideração que esta construção pode assumir o valor iterativo através do próprio semantema do verbo principal. Evidentemente, a expressão da iteração pelo verbo principal vê-se aqui tomada na sua globalidade, no todo perifrástico. Os verbos principais citados abaixo contêm em si mesmos a ideia de repetição que ainda reforça mais o valor habitual iterativo de toda a perífrase verbal. A este propósito, vejam-se dois exemplos em que *repetir* e *frequentar* são os verbos iterativos:

(58) *Ele costuma repetir sempre as mesmas coisas.* (FN)

(59) *Os estudantes costumam frequentar as bibliotecas.* (FN)

Falta-nos ainda falar das possíveis combinações do auxiliar *costumar* com todas as classes semânticas dos tipos de predicados verbais de Vendler. Se nós analisarmos os seguintes exemplos:

(60) *Normalmente ele costuma comer um bolo e beber um sumo de laranja.* (FN)

(61) *Os portugueses não se costumam deitar cedo.*(PXXI: 51)

(62) *A Ana sempre costumava estudar.* (FN)

(63) *Era esta hora em que as duas costumavam ir para o caramanchão.*
(CP: 24)

(64) *O João costuma sair muito durante as aulas.* (FN)

(65) *A Ana costumava chegar atrasada ao trabalho.*(FN)

(66) (...) *não costuma ser fácil a vida nas repartições oficiais...*
(TN: 77)

(67) (...) *isto quis Manuel Milho saber provavelmente por ser ele o que costumava ver o rio passando...* (MC: 166)

verificamos que o verbo *costumar* ocorre com todos os tipos de predicados verbais de Vendler (com os eventos prolongados (60), (61), com as atividades (62), (63), com os eventos instantâneos (64), (65) e com os estados (66), (67) não existindo, pois, nenhuma incompatibilidade entre os casos em questão.

Vale a pena mencionar que esta perífrase não admite imperativo. Não se pode dizer, *costuma falar!*

3.4. A perífrase verbal *começar a + infinitivo*

É preciso sublinhar que a análise das perífrases verbais seria incompleta sem referirmos os casos da interferência do valor aspetual iterativo nas perífrases formalmente caracterizadas para outros valores aspetuais. Como

mencionámos, um valor aspetual da perífrase verbal é a configuração das propriedades do verbo auxiliar e principal e de vários elementos do enunciado. Tentamos agora observar como as perífrases não iterativas podem expressar o valor em questão. Queríamos, em princípio tratar dos casos de relação com o valor aspetual inceptivo representado por *começar a + infinitivo* para depois passar à perífrase *estar a + infinitivo* que é considerada construção progressiva e à perífrase *continuar a + infinitivo* de valor permansivo.

O verbo pleno *começar* marca o início de uma situação descrita o que podemos observar no seguinte enunciado: *As aulas começam às 8h*. O verbo auxiliar *começar a + infinitivo* representa também o começo de uma situação. Tal como consideram Raposo *et al.* (2013: 1229) “o verbo pleno significa o mesmo que o verbo auxiliar (...) a diferença entre o uso pleno e o uso auxiliar deste verbo é puramente gramatical: no uso auxiliar, este verbo integra uma perífrase verbal, no uso pleno não.”

Tal como se mencionou, *começar a + infinitivo* representa um valor aspetual de inceptividade, sendo o verbo *começar* o auxiliar típico da sua representação. Na *Gramática da Língua Portuguesa* (1992: 97) define-se o valor aspetual de inceptividade como “um estado de coisas (p) localizado num dado I_t e diferente do que ocorrera no I_t anterior adjacente a I_t (~p) é apresentado como começando a ocorrer em I_t^{3p} ”. A situação descrita localiza-se apenas na sua fase inicial sem se preocupar com as fases seguintes.

Portanto, repare-se que os exemplos consultados com o auxiliar em questão, nos revelam a diversidade do *começar a*, quanto à pessoa, quanto ao seu aspeto. O começo de uma ação manifesta-se da mesma forma, esteja o auxiliar no passado, no presente ou no futuro. Para se poder verificar esta interpretação, observemos abaixo os exemplos:

(68) *A cabeça começou a doer-lhe mais.* (TN: 105)

(69) *A partir de certa altura começa a reinar a escuridão.* (TN: 14)

É de sublinhar que a perífrase *começar a + infinitivo* apresenta um paradigma completo e uma grande rentabilidade funcional do valor inceptivo, podendo ocorrer com todo o tipo de verbos exceto, em princípio, os verbos instantâneos que são de pouca duração, em que não se pode

distinguir nem a fase inicial, nem a fase final. Os exemplos abaixo citados ilustram diferentes classes de predicados de Vendler:

- (70) (...) *além disso começou a ter a impressão.* (TN: 109)
 (71) (...) *começou a ser objecto de avisos severos.* (TN: 78)
 (72) *Era tempo de começar a tomar notas.* (TN: 74)
 (73) (...) *comecei a trocar as chapas...* (TN: 241)
 (74) *Agora é um pequeno José que começou a ir à escola.* (TN: 175)
 (75) *Não tardou que começássemos a chorar.* (TN: 191)

Como observamos a perífrase *começar a + infinitivo* é compatível com diferentes tipos de verbos. No nosso *corpus* não encontramos muitos exemplos que evidenciam a coocorrência do auxiliar *começar* com os verbos do estado. De ponto de vista semântico não há nenhuma razão para bloquear esta combinação. No verbo estativo, ao contrário do verbo instantâneo, é possível distinguir as fases sucessivas da sua duração.

É preciso agora fazer observações sobre a coocorrência do auxiliar *começar a* com os eventos instantâneos. Já mencionámos a incompatibilidade do auxiliar referido com os verbos momentâneos por causa da sua duração mínima. Vejam-se os exemplos:

- (76) **A Maria começou a chegar mais cedo.*
 (77) *A Maria começou a chegar mais cedo quando soube do acidente dos colegas do trabalho.*

No exemplo (76) há incompatibilidade entre o verbo auxiliar *começar a* e o verbo instantâneo *chegar* mas a situação altera-se quando tratamos a situação de *chegar mais cedo* como uma situação habitual e não como um evento. Neste caso o enunciado ganha o valor iterativo e a perífrase indica o começo do hábito de *chegar mais cedo* (77). Neste contexto concreto o predicado verbal *chegar mais cedo* representa a classe dos eventos prolongados, indicando a fase inicial dum processo composto de atos que se repetem e todo o enunciado exprime o valor iterativo. Para que os enunciados com os verbos instantâneos sejam aceitáveis,

podemos usar também outro recurso, isto é, a quantificação do sujeito, que pode influenciar o valor aspetual de todo o enunciado como no exemplo seguinte:

(78) *As mulheres começaram a sair de casa.* (FN)

Como sabemos o verbo *sair* é o verbo momentâneo em que não se pode distinguir nem a fase inicial nem a fase final. Mas embora exista certa incompatibilidade entre o auxiliar pontual e o verbo principal instantâneo, no exemplo (78) esta incompatibilidade desaparece devido à pluralidade do sujeito. O que muda é o valor, o enunciado (78) ganha o valor aspetual iterativo. Podemos dizer assim: a interpretação iterativa do sujeito e do complemento determina o desaparecimento da referida incompatibilidade. Propomos ainda analisar um enunciado que mostra a influência da pluralidade do sujeito e do complemento de objeto direto:

(79) (...) *pelo menos, não começariam a acender os candeeiros...*
(TN: 183)

No exemplo (79) observamos que do auxiliar parte a ideia do início da ação principal que não ocorre simultaneamente para os sujeitos no plural. Pois, a pluralidade do auxiliar transmite-nos a ideia de sucessão, de repetição da situação descrita. Assim, podemos dizer que a quantificação do sujeito e/ou do complemento altera o valor aspetual da perífrase verbal referida.

Para resumir, podemos dizer que a construção aqui apresentada *começar a + infinitivo* conserva o significado do verbo autónomo. Observa-se a tendência para a interpretação iterativa da ocorrência: verbo auxiliar *começar a* com o verbo principal pertencente à classe dos predicados instantâneos. A perífrase em análise marca o início de uma situação durativa o que foi evidenciado pelos exemplos apresentados. As situações apresentadas podem ser simples, como demonstram, por exemplo, os enunciados (70), (71), (74) ou complexas evidenciando uma sucessão múltipla, por exemplo (72), (77) ou (79).

3.5. A perífrase verbal *continuar a + infinitivo*

Por meios parecidos àqueles vistos na inceptividade, também ocorre a ligação do carácter iterativo com as perífrases durativas. Convém aqui remeter não só a iteração que envolve as expressões propriamente cursivas, onde a iteração se insinua por influência principalmente de advérbios, mas também as perífrases de valor aspetual permansivo, isto é, “um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorrera também no I_t anterior adjacente a I_t^6 ” (*Gramática da Língua Portuguesa*, 1992: 97). Como representante do valor aspetual permansivo, apresentamos, no nosso estudo, a perífrase *continuar a + infinitivo*.

O verbo pleno *continuar* tem o mesmo significado que o verbo auxiliar *continuar a* e conduz o pensamento a uma situação anterior. Isto quer dizer que a diferença entre eles, como já foi destacado, no caso do verbo *começar*, é gramatical. A propósito disso, podemos ver os dois enunciados: *Os convidados continuaram a festejar o aniversário do Pedro durante a noite. A festa do Pedro continuou durante toda a noite*. Tal como podemos ler em Raposo *et al.* (2013: 1229) “não há qualquer perda de significação na transição entre os usos, pelo simples motivo de que a componente descritiva deste verbo se esgota na sua componente aspetual”. O verbo *continuar* como verbo copulativo representa “continuidade temporal da propriedade atribuída ao sujeito ou do estado em que se encontra” (*ibidem*: 1312). A título de exemplo, podemos ver os seguintes exemplos: *O Pedro continua triste. A loja do bairro continua fechada*. Os dois enunciados confirmam que o verbo copulativo *continuar* apresenta o prolongamento das situações descritas, conduzindo os pensamentos as situações anteriores, ou seja, o Pedro começou a estar triste e continua triste.

Ao fazermos um breve esboço do verbo pleno e copulativo *continuar*, vejamos em primeiro lugar as possíveis combinações do auxiliar *continuar a* com predicados verbais de Vendler:

(80) *O conservador continuava a falar*. (TN: 206)

(81) *Lá fora continuava a chover*. (TN: 94)

(82) (...) *sendo, como havia sido e continuava a ser*. (TN: 103)

(83) *Então, continuo a ter razão*. (TN: 109)

(84) *Tirando da secretária do chefe, por cima da qual continua a brilhar a lâmpada*. (TN: 168)

(85) *O autocarro já saíra da praça, e o Sr. José continuava a rebuscar os motivos profundos que o tinham impelido*. (TN: 184)

Os exemplos acima citados mostram as possíveis combinações com as atividades, os estados e eventos prolongados, assumindo, portanto o valor aspetual permansivo.

Este auxiliar, porém, não apresenta o mesmo valor com os predicadores de eventos momentâneos, com os quais pode expressar o valor aspetual iterativo, indicando a continuidade, mas também a repetição de uma ação. Para confirmar o que acabámos de mencionar, apresentamos abaixo os seguintes exemplos:

(86) *Continuou, pois, a abrir e fechar as portas*. (TN: 96)

(87) *Podia lembrar-se de vir espreitar a chuva que continuava a cair forte*. (TN: 87)

Como podemos observar, os verbos principais nos exemplos acima citados são os verbos instantâneos, em que não se pode selecionar as fases do desenvolvimento de uma situação apresentada. Em (86) *continuar a abrir e fechar as portas* significa repetir várias vezes esta situação. A leitura iterativa resulta da cocorrência do auxiliar durativo no pretérito perfeito simples com os dois verbos auxiliados instantâneos e com a pluralidade do complemento direto. Entretanto *continuar a cair* de (87) significa *a chuva cair* repetidamente. Observa-se, no enunciado em causa, a leitura repetitiva, o enunciado ganha a interpretação habitual também pelo uso do verbo auxiliar no pretérito imperfeito. O valor iterativo desta perífrase pode surgir também com predicados de eventos prolongados mas neste caso a leitura repetitiva depende do contexto em que ocorre a perífrase em questão. A este propósito, consideremos abaixo um exemplo de Casanova (1985: 95):

(88) *Disse-lhe que não pintasse mais vezes o prédio mas o João continua a pintar o prédio*.

A maioria dos exemplos consultados mostra que a perífrase analisada ocorre preferencialmente com o presente e o imperfeito do indicativo, podendo também ocorrer com todos os tempos e modos verbais. Propomos citar abaixo dois exemplos da ocorrência mais frequente desta perífrase, quer dizer, no presente e no imperfeito do indicativo:

(89) *E só porque a moinha continuava a descer do céu.* (TN: 70)

(90) *Continua a olhar para mim.* (TN: 157)

Os exemplos analisados sublinham que no presente e no imperfeito do indicativo se realizam objetivamente os valores aspetuais assumidos pela perífrase analisada.

3.6. A perífrase verbal *estar a + infinitivo*

O verbo *estar* como verbo pleno pode ter vários significados. Vieira (1998: 705–706) distingue cinco valores associados ao verbo *estar*:

- descritivo: acho que Botafago está muito poluído.
- situativo espacial: a Tijuca na época em que eu estive lá...
- situativo temporal: estávamos no inverno.
- situativo nocional: a associação cristã feminina está num problema muito sério.
- existencial: agora está esse movimento de se deslocar para os shopping center.

O verbo *estar* pode ocorrer também como verbo auxiliar. Cunha e Cintra ([1984]2014: 496–497) destacam que o auxiliar *estar* combina-se:

- “com o particípio do verbo principal para formar tempos da voz passiva do estado, p.ex.: *Estamos impressionados com o facto*”.
- “com o gerúndio, ou com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada, p.ex.: *Estava ouvindo música, Estava a ouvir música*”.
- “com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *para*, para exprimir a iminência de um acontecimento, ou o intuito de

realizar a ação expressa pelo verbo principal, p.ex.: *O avião está para chegar, Há dias estou para visitá-lo.*

- “com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma ação que já deveria ter sido realizada ainda não o foi, p.ex.: *O trabalho está por terminar. A carta ficou por escrever*”.

A construção à qual agora gostaríamos de dedicar a nossa atenção, é a perífrase *estar a + infinitivo*. É uma das mais representativas e mais frequentes construções não só da língua portuguesa mas também das outras línguas românicas⁶¹. Em português, segundo a maioria dos linguistas (entre outros Cunha, 1998; Campos, 1991) esta construção expressa o aspeto durativo progressivo. A forma progressiva expressa uma situação no seu desenvolvimento. Na opinião de Mateus *et al.* (2004: 146) a perífrase referida apresenta uma situação descrita “como estando a decorrer”. As linguistas acrescentam a esta característica dois elementos que se associam a *estar a + infinitivo* a duração e a incompletude, explicando o seguinte “se uma eventualidade está no seu decurso, é natural que tenha duração e que não esteja completa, ou não tenha atingido o seu ponto terminal”⁶². Com certeza podíamos perguntar porque esta perífrase é analisada entre as construções que assumem o valor aspetual iterativo. A resposta parece ser simples, como sublinhámos várias vezes, o valor aspetual da perífrase depende da relação entre todos os constituintes do enunciado. Com esta apresentação, queríamos sublinhar a importância das expressões adverbiais que acrescentam a *estar a + infinitivo* nuances da iteratividade.

No entanto, vale a pena sublinhar que esta perífrase se combina, em geral, com todas as classes de predicados verbais de Vendler. Citemos os exemplos que confirmam o que acabamos de dizer:

⁶¹ Assim por exemplo o seu equivalente em francês é: *être en train + de + infinitivo* enquanto em espanhol é a construção: *estar + gerúndio*. Vale a pena sublinhar que no português do Brasil a construção equivalente é *estar + gerúndio*.

⁶² „valor aspectual durativo, um estado de coisas num dado intervalo de tempo é apresentado como estando em curso nesse intervalo de tempo” (Xavier e Mateus, 1992: 54).

(91) *A Maria está a gostar do livro.*

(92) *O Pedro está a cantar.*

(93) *O Pedro está a ler o livro.*

Os exemplos apresentados permitem constatar que, em português, a perífrase *estar a + infinitivo*, no presente do indicativo marca o presente atual. As situações descritas nos exemplos citados estão em curso. O valor da perífrase verbal é marcado pela forma analítica e pelo tempo verbal.

Como evidenciam as gramáticas, esta perífrase possui a característica de duração e apesar de ser uma perífrase durativa nota-se que *estar a + infinitivo* é incompatível com adverbiais que quantificam uma duração. Sousa (2007a: 186) analisa a frase *O Miguel estava a ler durante três horas* e sublinha a mencionada incompatibilidade. Repara também que se a perífrase verbal ocorrer com o tempo gramatical pretérito perfeito simples, o enunciado torna-se completamente aceitável: *O Miguel esteve a ler durante três horas*. Estes dois exemplos mostram que o tempo gramatical, no caso da perífrase tratada pode influenciar o valor aspetual de *estar a + infinitivo*.

Nos exemplos acima citados, não apresentamos a ocorrência do auxiliar *estar a* com eventos instantâneos. Como se verifica, esta perífrase também se combina com verbos que pertencem à classe dos eventos momentâneos mas, neste caso, as situações descritas podem ganhar o valor iterativo. Citando os seguintes exemplos (Sousa, 2007a: 186)

(94) *Ele esteve a bater à porta.*

(95) **Esteve a chegar.*

(96) *Ele esteve a chegar às cinco em ponto toda a semana passada.*

(97) *A Maria está a espirrar.*

a autora constata que no enunciado (94) é construída uma classe de ocorrências de *bater à porta*, em que cada uma das ocorrências é pontual, enquanto a situação vista de maneira global é construída como aberta. Este enunciado tem de ter esta interpretação, no outro caso torna-se não aceitável. O enunciado (95) é agramatical mas quando for construída a ocorrência repetitiva o enunciado (95) torna-se completamente correto,

o que podemos observar no exemplo (96). O carácter cursivo do auxiliar conduz a uma interpretação do auxiliado através da iteração. Quanto à combinação do verbo auxiliar *estar a* com os eventos instantâneos, temos de sublinhar que este tipo de ocorrência pode também designar uma fase preparatória do acontecimento descrito, p.ex.: *o comboio está a chegar* significa que está quase a chegar, ainda não chegou. O valor aspetual do auxiliar relaciona-se com o auxiliado, construindo a fase preparatória. Em (97) é construída uma leitura iterativa que depende da interdependência com os valores definidos pela *Aktionsart* (verbo *espírrar*).

Queríamos citar ainda exemplos para podermos observar a influência dos outros constituintes do enunciado, que também podem alterar o valor aspetual expresso por perífrase referida. Para analisar o comportamento do auxiliar *estar*, consideremos os seguintes enunciados:

(98) *Ele está a estudar.*

(99) *Ele tem estado a estudar regularmente desde o ano passado.*

(100) *Ele está a estudar das 5h às 6h, ao domingo.*

(101) *Ultimamente, eles têm estado a descer as montanhas todos os fins de semana.*

Qual é a diferença entre estes exemplos e os enunciados referidos acima (91), (92), (93)?

Como já foi confirmado, os enunciados tratados acima (91), (92), (93) apresentam o presente atual, enquanto os outros exemplos (99), (100), (101) expressam o valor iterativo. Embora *estar*, em geral, não seja responsável diretamente pelo valor iterativo, nestes casos evidentemente desempenha a função de portador da repetição. Repare-se que os elementos sublinhados como *regularmente*, *ao domingo* e *todos os fins de semana* acrescentam à perífrase analisada a possibilidade de expressar a iteratividade. Encontramos também outros fatores que reforçam o valor iterativo da forma verbal. Estamos a pensar nos dois enunciados acima apresentados (99) e (101), em que o tempo gramatical o pretérito perfeito composto junto com os elementos já mencionados introduz o valor referido. Vejamos mais um enunciado com a perífrase *estar a + infinitivo*:

(102) *Ultimamente, ele tem estado a arrumar a loja muitas vezes.*

O exemplo confirma, uma vez mais, que para além do verbo, há vários constituintes que podem concorrer para o valor aspetual iterativo de todo o enunciado. O valor iterativo é obtido, neste caso, pela marcação de operações suplementares.

Achamos que esta perífrase constitui um bom exemplo para mostrar que o valor de *estar a + infinitivo* depende das propriedades da forma e da interação desta com as formas que com ela coocorrem no dado enunciado.

3.7. A perífrase verbal *ir + gerúndio*

Como afirma Sousa (2007a) o verbo *ir* é uma forma polissémica. A própria linguista refere alguns dos valores que o verbo *ir* pode exprimir enquanto forma plena ou auxiliar. A título de exemplo evidenciaremos alguns dos valores que podem ser associados ao *ir*, os valores destacados por Sousa (2007a: 202):

- *A Maria vai a Lisboa.* (deslocação no espaço, *a Maria* desloca-se desde o ponto em que se encontra, até a um outro ponto – *Lisboa*);
- *Como vai?* (é uma forma de saudação que equivale a *Como está?*);
- *A bolsa de estudo vai para o Pedro.* (através de *ir*, neste caso, é anunciada a atribuição de uma bolsa de estudo);
- *A Maria vai para ficar.* (deslocação no espaço e duração);
- *A Maria vai falar com o chefe dela.* (o valor temporal do futuro próximo);
- *A Maria vai a subir à árvore.* (o valor da situação descrita em curso).
- *Estava muito doente. Ontem foi-se por fim.* (a forma *foi-se* pode ser parafraseada por *morreu*).

Podemos dizer que o valor do verbo *ir* depende do uso do mesmo em determinados contextos.

Como já foi destacado, uma perífrase verbal é composta por um verbo auxiliar, um verbo principal na forma do infinitivo, gerúndio ou participípio passado. Também é preciso ter em conta a presença das

preposições em algumas perífrases verbais em que ocorre a forma auxiliada no infinitivo. Agora, a perífrase que se propõe analisar é a da seguinte estrutura: *ir + gerúndio*. Quais são os valores que a construção em causa expressa?

Para Cunha e Cintra ([1984]2014: 498) *ir* com gerúndio indica “que ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas”. Brocardo e Correia (2012:123) referem que “*ir + gerúndio* ocorre em situações com verbos télicos, p.ex.: *A noite foi caindo e foi envolvendo todo o bosque, (...)*”. As linguistas sublinham que a perífrase em questão permite também “uma leitura iterativa, p.ex.: *Ele ia sempre tentando*”. Retomando a proposta de Hlibowicka-Węglarz (1998), a perífrase em questão assume o valor aspetual frequentativo gradual, isto é indica uma realização gradual de uma situação descrita pelo verbo principal. A autora caracteriza este valor aspetual da seguinte maneira: “um estado de coisas que ocorre n-vezes no intervalo de tempo em que está localizado (valor iterativo), sucedendo-se os intervalos de tempo, gradualmente, uns aos outros” (Hlibowicka-Węglarz, 1998:138).

Comecemos as nossas considerações com o seguinte exemplo:

(103) *Pessoas assim (...) vão tentando pôr alguma ordem no mundo.*
(TN: 23)

O exemplo (103) confirma a definição acima citada. Repara-se que uma situação descrita ocorre muitas vezes, nos intervalos de tempo que se sucedem uns aos outros. A construção *ir + gerúndio* combina-se com os predicados de todas as classes semânticas da classificação de Vendler. Pretendemos agora, analisar um conjunto de exemplos que ilustram o uso de vários tipos de predicados verbais:

– com os estados

(104) *Enquanto comia, ia pensando.* (TN: 83)

(105) *Já vai estando bom tempo para irmos até à praia*⁶³.

⁶³ O exemplo (105) foi retirado de Barroso (1994: 100).

– com as atividades

(106) *O Sr. José, enquanto ia bebendo, decidiu que tinha de mudar de tática.* (TN: 256)

(107) *Teria preferido ir andando.* (TN: 275)

– com os eventos prolongados

(108) *Ele ia subindo as escadas.* (FN)

(109) *Vai tirando outros objectos: livros antigos com dedicatórias, cartões com versos, declarações de amor muito respeitosas, flores murchas, folhas secas, frascos vazios de perfumes...* (JSC: 341)

– com os eventos instantâneos

(110) *Notava-se que a tarde ia chegando ao fim.* (TN: 66)

(111) *Como se alguém lhos estivesse lançando lá de cima, foram caindo papéis.* (TN: 178)

Os exemplos acima citados indicam a realização gradual das situações descritas pelos verbos principais. Embora não tenhamos escrito aqui mais exemplos, devemos sublinhar que apesar da construção perifrástica *ir + gerúndio* ocorrer com os verbos durativos, pode combinar-se com os verbos momentâneos, o que evidenciam os exemplos (110), (111).

Queríamos sublinhar que o valor aspetual da perífrase pode ser influenciado também por outros elementos do enunciado. Vejamos os exemplos:

(112) (...) *enquanto os papéis iam amarelecendo cada vez mais.* (TN: 16)

(113) *O rolo que a cada passo se vai desenrolado.* (TN: 168)

Observamos que os elementos como: *cada vez*, *a cada passo* e os outros aqui não mencionados acrescentam a esta perífrase o carácter gradual, frequentativo e progressivo.

A maioria dos exemplos consultados mostra que a perífrase analisada se integra preferivelmente com o presente e o imperfeito do indicativo, podendo também coocorrer com outros tempos e modos. Os exemplos citados acima evidenciam esta observação. No entanto, abaixo citemos ainda alguns enunciados:

- (114) *Por isso o Sr. José vai copiando com cuidado.* (TN: 161)
 (115) *Imaginemos um caçador, ia dizendo consigo mesmo.* (TN: 68)
 (116) *assim as sepulturas foram ganhando terreno.* (TN: 215)

Em contraste com *ir* + *gerúndio*, em português ocorre a perífrase *vir* + *gerúndio* que no que diz respeito à coocorrência verbal, combina-se com atividades e estados. O próprio verbo *vir* pertence ao grupo dos verbos de movimento, tal como o verbo *ir*, mas é o movimento de sentido inverso. Cunha e Cintra ([1984]2014: 498) destacam que a construção *vir* + *gerúndio* “indica que a ação se desenvolve gradualmente”. Por sua vez, Hlibowicka-Węglarz (1998:138) sublinha que a perífrase expressa o valor aspetual frequentativo gradual.

Os exemplos ilustram a combinação do auxiliar *vir* com atividades e estados na construção do valor frequentativo gradual:

- (117) (...) *consequências que incessantemente vêm caminhando na nossa direcção.* (TN: 48)
 (118) (...) *resolvi vir andando.* (TN: 238)
 (119) (...) *não obstante as irregularidades que nos últimos tempos vem cometendo.* (TN:34)

Sublinhamos que o verbo *vir* ocorre com os verbos auxiliares ou também chamados de ligação (p. ex.: *ser, estar*) e também com o verbo *vir*. Veja-se os exemplos:

- (120) *Estas crises políticas vêm sendo difíceis de resolver.*
 (121) *As condições climáticas vêm estando óptimas para darmos uma saltada à praia.*
 (122) *Sim. Nero, Augusto Massinissa e tu grande César, Que incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo⁶⁴.*

⁶⁴ Os exemplos (120), (121), (122) foram retirados de Barroso (1994: 101).

3.8. Conclusão

Agora, pretende-se fazer o resumo das observações a que chegamos nas análises, sublinhando os pontos essenciais para este trabalho. O objetivo principal do presente capítulo foi o de descrever as perífrases verbais de expressão de um dos valores aspetuais específicos, nomeadamente, a iteratividade.

Como já ficou exposto e até sublinhado várias vezes durante as nossas considerações, a perífrase verbal é uma estrutura composta e analítica. O que caracteriza as perífrases verbais é uma certa complexidade. A dita complexidade é bem visível na própria estrutura da perífrase verbal: um auxiliar, com ou sem preposição e um verbo principal numa das formas de infinitivo ou gerúndio⁶⁵. Cada um destes elementos possui as suas propriedades que juntamente formam a estrutura superior complexa que é perífrase verbal.

Entre as construções analisadas distinguimos estas que expressam uma simples repetição e que se combinam com todas as classes semânticas de predicados verbais sem alterar o valor aspetual do enunciado. Trata-se da perífrase *voltar a + infinitivo* e a sua variante estilística *tornar a + infinitivo*. Referimos também outra construção *andar a + infinitivo* que constitui um exemplo de ocorrência de um verbo auxiliar com preposição e um verbo principal na forma do infinitivo. O uso da perífrase em questão levanta algumas dificuldades para os falantes não nativos de português. É de realçar que a combinação das propriedades do auxiliar *andar* com as propriedades dos outros constituintes num enunciado faz com que a perífrase possa assumir diferentes valores aspetuais. A presente construção constitui um bom exemplo da perceção da característica que se atribui aos valores aspetuais expressas pelas perífrases verbais, nomeadamente, a composicionalidade. Esta perífrase é um exemplo de como os constituintes de um enunciado em que pode ocorrer *andar a + infinitivo* influem o valor de todo o enunciado. Parece que estamos perante a rede de relações das quais interdepende(m) o(s) valor(es) do

⁶⁵ Como não analisamos as perífrases com particípio passado, não destacamos aqui esse constituinte.

enunciado em que ocorre a perífrase em causa. Recorremos também a duas perífrases *costumar + infinitivo* que exprime o valor habitual sem a coocorrência dos outros constituintes e a perífrase *ir + gerúndio* que expressa o valor frequentativo gradual. Observamos também as perífrases que assumem outros valores que não são os de repetição, p.ex.: *continuar a + infinitivo* que com o traço [+durativo] expressa a permanência mas assume o valor de repetição quando combinada com os verbos instantâneos; *começar a + infinitivo* expressa o início de uma situação – o valor inceptivo, podendo assumir o valor de iteratividade quando aparece combinada com os verbos instantâneos; *estar a + infinitivo* de valor progressivo, ocorrendo uma leitura iterativa que depende da interdependência com os valores definidos pela *Aktionsart*, adverbiais e outros constituintes. A análise mostra também que funcionam combinações em que o valor aspetual de repetição é sublinhado ou até depende da ocorrência de um adverbial ou da quantificação do sujeito ou do complemento de objeto direto.

As duas hipóteses colocadas na introdução parecem ser justificadas. Uma vez mais repetimos que o valor de iteratividade depende da interação e inter-relação de todos os constituintes presentes num enunciado, quer dizer, das propriedades do auxiliar e do auxiliado, da classe aspetual do predicado verbal, dos adverbiais, da quantificação do sujeito e do complemento, entre outros.

4. O mundo das perífrases em uso

Pretende-se, com a presente secção, desenvolver oito atividades cujo objetivo consiste em ilustrar as particularidades das perífrases verbais. Como o português pertence à família das línguas românicas que se caracterizam pela abundância das construções perifrásticas, os falantes de uma das línguas eslavas, ou seja, polaco podem encontrar alguns obstáculos na hora de determinar os seus valores. Tal como já foi mencionado ao longo do presente estudo, as perífrases verbais envolvem vários aspetos de uma certa complexidade. Por isso, surgiu a ideia de pôr em prática as mesmas e desta forma contribuir para o desenvolvimento de uma consciência linguística pelos falantes não nativos de português. Usamos a língua para comunicar com outros, podemos também construir estruturas através das quais revelamos aos outros o que pensamos. Há vários tipos de estruturas, entre os quais, se encontram as perífrases verbais que servem para expressar nuances que o verbo simples não é capaz de exprimir. E estas nuances são imprescindíveis para podermos transmitir aos nossos interlocutores tudo em que pensamos. Sendo assim, as perífrases verbais devem ser estudadas pelos falantes de Português Língua Estrangeira. Tendo em conta todos estes aspetos, propomos nos pontos seguintes um conjunto de atividades que têm como objetivo:

- identificar as perífrases verbais e marcar a que tipo pertencem (aspetuais, temporais, modais),
- reconhecer que existem diferentes tipos de sequências verbais e substituir as formas verbais pelas perífrases verbais adequadas,
- completar com a preposição adequada,

- saber distinguir os enunciados que possuem na sua estrutura o verbo auxiliar dos que não o possuem,
- explicar algumas características dos verbos auxiliares,
- indicar que tipo de leitura aspetual é transmitida pelas perífrases verbais,
- saber apresentar os enunciados com a interpretação – aspetual, temporal ou modal, usando as perífrases verbais,
- explicar os valores expressos pelas perífrases nos contextos dados.

Atividade 1

Objetivos: identificar as perífrases verbais e marcar a que tipo pertencem (aspetuais, temporais, situadoras ou modais).

1. Tens de fazer estes exercícios em casa.
2. O músico deixou de tocar depois de dois bis.
3. Esta casa deve estar muito bem ventilada para os asmáticos.
4. O Benfica acaba de empatar com o Sporting.
5. Não posso correr tão depressa.
6. Mais tarde começamos a limpar a garagem.
7. A Paula continuou a visitar-nos depois do acidente.
8. O Pedro voltou a telefonar para casa da Maria mas ninguém atendeu.
9. Costumamos fumar dois cigarros depois de jantar.
10. Este trabalho está por acabar.
11. Deves estar pronto quando eu chegar a casa.
12. Não deixes de fazer este exercício.
13. Acabou por não ir connosco.
14. Ando a estudar português há muito tempo.
15. Depois de voltar para casa, fiquei a pensar no assunto.
16. Hoje à tarde vou almoçar a casa do Paulo.
17. Quando estava a descer a rua, o Rui ia caindo.
18. Hoje estou a trabalhar até à noite.
19. O carro foi deslizando pela rua abaixo.
20. Tornou a chover de manhã.

Atividade 2

Objetivos: (a) reconhecer que existem diferentes tipos de sequências verbais; (b) dizer se nas frases que seguem abaixo há uma perífrase ou não; (c) justificar a resposta.

1. Os alunos pretendem fazer os exercícios com a indicação feita.
2. No próximo ano voltamos a ver os meus amigos.
3. Os jovens não querem ouvir o presidente.
4. Durante o tempo livre, precisamos de fazer desporto.
5. Ultimamente tenho-me encontrado com os meus amigos.
6. Por muito mal que a equipa tivesse jogado, nunca poderia perder o jogo.
7. O senhor prefere vir mais tarde?
8. Eu posso ir lá levar o material.
9. É preciso que tenhas que vir à reunião.
10. Pensei em fazer-te uma pergunta sobre a situação política no país.
11. Desejaria ver os meus pais no próximo fim de semana.
12. Eles dizem-lhes para virem à reunião.
13. Ele nunca conseguiu perceber o problema.
14. Eu peço-lhe para me emprestar o livro.
15. Deus queira que viessem cá jantar às 8h.
16. Preferia que as miúdas estivessem a brincar.
17. No caso de veres a Joana, diz-lhe que quero falar com ela.
18. Embora ontem estivesse a chover, eu não fui andar de bicicleta.
19. Mal ele tenha acabado, diz-lhe que me telefone.
20. Os investidores já tinham previsto a situação há dois meses.

Atividade 3

Objetivos: substituir as formas verbais e os elementos em itálico pelas perífrases verbais adequadas.

1. Amanhã *vejo* o filme com os meus amigos.
2. Ele saiu de casa *sem lavar* a roupa.
3. O meu pai *telefonou de novo* à agência imobiliária.
4. A Maria *quase caiu* ao saltar do autocarro.
5. O meu marido *telefonou-me agora mesmo*.
6. Neste ano, *faço* exercícios para emagrecer.
7. *Trabalhamos* nesta empresa já desde há alguns meses.
8. Depois da conversa com o Rui, *pensei muito* nas palavras dele.
9. Não *percas* a última peça de teatro.
10. A cama *não foi feita*.
11. Ontem ainda *consegui* falar com o meu professor.
12. A Maria *prepara-se* para o exame de condução.
13. Tens *a obrigação* de ir visitá-la.
14. *Mantenho o hábito* de ler antes de adormecer.
15. *Tinha o hábito* de tomar café depois do almoço.
16. *Tenho muita vontade de* visitar os meus amigos em Portugal um dia desses.
17. Tenho muita pressa. *Saio já* e vou ter com vocês no centro da cidade.
18. *Deu início às idas* ao curso de natação aos fins de semana à tarde.
19. Ele *bebeu devagarinho* o vinho, olhando para o jardim.
20. Este ano, *estudo* espanhol.

Atividade 4

Objetivos: há perífrases que ocorrem com ou sem preposição. Se for o caso, complete com a preposição adequada.

1. Tens fazer este exercício agora.
2. Vamos viajar no próximo mês.
3. Não sei quando tem exame de matemática mas deve estudar mais.
4. Estou terminar estes exercícios.
5. A Maria começou ler o livro.
6. Acabámos chegar de férias.
7. Os preços continuam subir.
8. Deixámos nos ver há alguns anos.
9. Este trabalho está acabar.
10. A mãe ia ficando sem um sapato.
11. Costumavam correr à beira-mar depois de jantar.
12. O Pedro deve chegar pelas 10h.
13. Andamos procurar uma casa nova.
14. O João está se ir embora.
15. Costumo ler livros depois do jantar.
16. A Maria acabou não ir à festa de anos do Paulo.
17. Eles voltaramfalar com o chefe deles.
18. Vaisestar em casa hoje à tarde?
19. Tornou estudar francês.
20. Quando chegaram à festa, começaram cumprimentar toda a gente.

Atividade 5

Objetivos: (a) identificar os enunciados com verbos auxiliares; (b) saber distingui-los dos enunciados sem verbos auxiliares; (c) explicar algumas características dos verbos auxiliares⁶⁶.

1. O Pedro mandou a Maria ler o livro.
2. O Pedro tinha mandado a Maria ler o livro.
3. O João deixou a Maria sair.
4. O João deixou de falar com a Maria.
5. A preguiça tem feito o Rui desistir.
6. A preguiça fez o Rui desistir.
7. O Rui quer pescar.
8. O Rui tem pescado.
9. O Rui pescou um belo peixe.
10. O Pedro pretende estudar em Lisboa.
11. O Pedro tem estudado em Lisboa.
12. O Pedro estuda em Lisboa.
13. O rapaz foi visto pela mãe.
14. O repórter não tentou divulgar o assunto.
15. O repórter tentou não divulgar o assunto.

⁶⁶ Os exemplos foram retirados de Gonçalves e Costa (2002: 122–125).

Atividade 6

Objetivos: indicar que tipo de leitura aspetual é transmitida pelos conjuntos perifrásticos em itálico.

1. O João *continua a escrever* o livro.
2. *Andamos a estudar* espanhol ao sábado.
3. As pessoas *começaram a perder* o controlo do seu destino.
4. Ele *está a sair* do emprego há mais de dois anos.
5. Os cidadãos *deixaram de acreditar* nas palavras dos políticos.
6. A Susana *está a limpar* a casa.
7. A Maria *acabou de estudar* português.
8. O Rui *voltou a ler* o jornal.
9. O Eduardo *estava a chorar*.
10. O comboio *está para chegar*.
11. Eles *costumavam trabalhar* aos domingos.
12. Ele *ia modificando* a carta que escreveu.
13. *Ando a pintar* este quadro há muito tempo.
14. *Tornei a ver* a Mariana.
15. *Fiquei a pensar* no assunto durante toda a noite.
16. *Tornava a dizer* a mesma coisa.
17. O Pedro *continuou a abrir e fechar* a loja a mesma hora.
18. A minha empresa *vai baixando* os salários.
19. *Estou a sair* de casa.
20. *Volto a falar* com o meu chefe na próxima semana.

Atividade 7

Objetivos: apresentar os exemplos com a interpretação – aspetual, temporal ou modal – solicitada, usando as perífrases verbais.

1. Situação em curso com uma duração limitada no passado
2. Situação que apresenta a obrigação
3. Situação cessativa (a perspectiva da suspensão de um acontecimento dado)
4. Início da situação num intervalo de tempo presente
5. Continuidade ou prolongamento de uma situação no momento passado
6. Decurso da situação no momento presente
7. Expressão de necessidade de uma situação
8. Ação em curso mas com a duração mais longa
9. Situação que se desenvolve progressiva e gradualmente
10. Continuidade ou prolongamento de uma situação no momento passado com o valor de repetição
11. Término da situação num intervalo de tempo passado (expressão de um passado recente)
12. Situação que se repete num intervalo de tempo passado
13. Ação em curso com a duração mais longa e com repetição de acontecimentos dados
14. Proximidade da realização da ação
15. Expressão de obrigação da situação descrita
16. Situação habitual
17. Situação durativa com o valor de habitualidade
18. Intenção de realizar uma ação, com a certeza de que esta ação se efetua
19. Ação que começou no passado e continua ou se repete no momento presente e vai continuar
20. Expressão de probabilidade da situação descrita

Atividade 8

Objetivos: explicar os valores expressos pelas perífrases em itálico nos contextos apresentados

A

Eram cerca das 9h45 da manhã, quando se sentiu um abalo de terra muito violento. Em toda a cidade de Lisboa *começaram a ruir* casas e prédios e *a cair* pedras para a rua (...) Os cais da cidade afogaram-se completamente e a água do rio Tejo *começou a avançar* para a cidade. Além do terramoto, sentia-se o maremoto no mar e no rio. Os barcos que estavam no rio *começaram a rodopiar* e *a afundar-se* a pique. (AP: 65)⁶⁷

B

É verdade que ainda *continuamos a recorrer* aos *media* tradicionais como a TV e os jornais (frequentemente através dos seus *sites*) e a ver as suas reportagens e a ler os seus artigos, mas ninguém que queira saber o que se passa no terreno e compreender os factos para além da superfície se fica por aí. (AP: 134)

C

De uma forma simples, podemos prever que, de mês para mês, *vá havendo* cada vez menos telespectadores das classes A e B e mais das classes C e D. (AP: 123)

D

Foi quando *estava a acabar* o mestrado que a mãe lhe ligou a falar-lhe da existência dos Leigos para o Desenvolvimento e das missões em África feitas com recurso a voluntários. (AP: 101)

⁶⁷ As partes dos textos (de A a H) que contêm as perífrases verbais foram retiradas do manual *Avançar em Português* e o último exemplo do *Português XXI 1*.

E

Costumo ler quando ando no metro, o que não acontece muito. Tive de andar hoje e trouxe um livro. Nunca me esqueço. (AP: 127)

F

No metro trago de tudo. Se tiver muito trabalho, é um livro, se não, uma revista. É mais fácil ler no metro do que no autocarro, que *está* sempre *a trepidar*. (AP: 127)

G

Têm a sua “casa de férias” nas redes sociais; desafiam as suas e as nossas noções de dimensão e geografia e, nesse movimento perpétuo, *vão alargando* as vistas ao Continente, celebrando-o, se não nas certezas, pelo menos, na consciência lúcida das dúvidas. (AP: 158)

H

Na recente entrevista dada à RTP, ia ainda Manuel de Oliveira com escassos minutos de conversa e já *estava a anunciar* um novo filme, construído a partir de uma ideia para resolver a atual crise económica mundial. (AP: 105)

I

Tens uma profissão em que *andas* sempre *a viajar* e nem nas férias consegues ficar por cá muito tempo! Depois tens de me contar tudo! (PXXI: 164)

Bibliografia

- Alarcos Llorach, Emilio (1996), *Gramática de la lengua española*, Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello, Espasa.
- Almeida, João de (1980), *Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo*, São Paulo.
- Almeida, Napoleão Mendes de (1963), *Gramática metódica da língua latina*. 15. ed. São Paulo: Saraiva.
- Alves, Ana Teresa (1993), “Levantamento e análise da bibliografia sobre o Tempo na Língua Portuguesa”, *Cadernos de Semântica 13*, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Alzamora, Helena Isabel (2018), *As perífrases verbais no Português Europeu Contemporâneo*, Tese de Doutoramento em Linguística, Lisboa.
- Azeredo, José Carlos de (2008), “Oitavo capítulo: o período simples I: a predicação e as categorias do verbo”, Em: *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. S. Paulo, Publifolha, Houaiss.
- Barroso, Henrique (1994), *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo*, Porto, Porto Editora.
- Barroso, Henrique (2000), “Das perífrases verbais como instrumento expressivo privilegiado das categorias de natureza temporo-aspectual e simplesmente aspectual no sistema verbal do português de hoje”, Em: Gärtner E., Christine H. e Axel S., (eds.), *Estudos de Gramática Portuguesa (III)*. Frankfurt am Main, TFM, XIV, 89–103 [publicação eletrónica] <http://hdl.handle.net/1822/25018> [10.02.2021]
- Barroso, Henrique (2009), “Progressivo, progressivo comitativo e progressivo gradativo no PE da actualidade: expressão, combinatória e variação”, *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN – João Pessoa*, pp. 3603–3615.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (1989a), *A categoria linguística aspecto no discurso conversacional de uma criança bilingue aos cinco anos de idade*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FLUL.

- Batoréo, Hanna Jakubowicz (1989b), “Realizações pragmáticas do aspecto no discurso de uma criança de cinco anos de idade”, *V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Universidade de Lisboa, pp. 17–25.
- Bechara, Evanildo ([1961] 1999), *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna.
- Bello, Andrés ([1847] (1988), *Gramática de la lengua castellana*, Madrid, Arco.
- Benveniste, Emile (1966), *Problèmes de Linguistique Générale*, vol. 1, Paris, Gallimard.
- Benveniste, Emile (1974), *Problèmes de Linguistique Générale*, vol. 2, Paris, Gallimard.
- Boléo, Manuel de Paiva (1936), *O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas*, Coimbra, Biblioteca da Universidade.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1984), “Pretérito Perfeito Simples – Pretérito Perfeito Composto: uma oposição aspectual e temporal”, *Letras Soltas 2*, pp. 11–53.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1987), “O Pretérito Perfeito Composto: um tempo presente?”, *Actas do III Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 75–85.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1994), “Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais”, *Actas do Congresso Internacional sobre o português*, vol. 2. pp. 77–93.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1997), *Tempo, aspecto, modalidade*, Porto, Porto Editora.
- Campos, Maria Henriqueta Costa e Maria Francisca Xavier (1991), *Sintaxe e semântica do português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Carvalho, Herculano de, J.G. (1984), “Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe”, *Estudos Linguísticos*, Coimbra, Coimbra Editora, vol.3, pp. 199–235.
- Casanova, Isabel (1985), *O aspecto verbal – um estudo contrastivo de inglês-português*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FLUL.
- Castilho, Ataliba T. de (1968), “Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa”, *Alfa 12*, São Paulo, FFCL de Marília, pp. 11–135.
- Correia, Clara (2012), “Os tempos gramaticais em português europeu: as formas verbais e os valores de tempo, aspeto e modo(s)”, *Verba Hispanica*, XX/2, pp. 243–257.
- Comrie, Bernard (1976), *Aspect*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Coseriu, Eugenio (1980), “Aspect verbal ou aspect verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode”, Em: David, Jean e Robert Martin (eds.), *La notion d’aspect*, pp. 13–27.
- Costa, Ana e João Costa (2001), *O que é um advérbio?* Lisboa, Edições Colibri e APP.

- Costa, Sônia Bastos Borba (1990), *O aspecto em português*, São Paulo, Editora Contexto.
- Crystal, David (1988), *Dicionário de Lingüística e Fonética*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Cunha, Celso e Luís Lindley Cintra ([1984] 2014), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- Cunha, Luís Filipe (1998), “Os operadores aspectuais do português: contribuição para uma nova abordagem”, *Cadernos de Linguística* 1, Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 1–38.
- Cunha, Luís Filipe (2006), “Frequência vs habitualidade: distinções e convergências”, *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Linguística*, León, Universidad de León, publicação electrónica <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas.htm>
- Cunha, Luís Filipe (2013), “Aspetto”, Em: Raposo Eduardo Buzaglo Paiva *et al.* (org.) *Gramática do Português*, volume I, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 585–603.
- Dietrich, Wolf (1983), *El aspecto verbal perifrástico en las lenguas románicas*, Madrid, Gredos.
- Dowty, David R. (1979), *Word meaning and Montague grammar*, Dodrecht, D. Reidel.
- Drzazgowska, Joanna (2010), *As construções perifrásticas aspectuais no português europeu. Dificuldades de tradução para o polaco*, Tese de Doutoramento, Lublin, Universidade Marie Curie Skłodowska.
- Drzazgowska, Joanna (2011), “As perífrases verbais no Português Europeu”, *Romanica Cracoviensia*, nr 11, pp. 107–115.
- Duarte, Inês (1992), “A categoria linguística aspecto”, Em: *Gramática da língua portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Duarte, Inês (2000), *Língua Portuguesa. Instrumentos de análise*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Faria, Isabel Hub *et al.* (2005), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, Lisboa, 2.^a edição, Editorial Caminho.
- Flier, Michael S. (1985), “The scope of prefixal delimitation in Russian”, Em: Flier M.S. e A. Timberlake (eds.), *The Scope of Slavic Aspect*, vol.12, pp. 41–58.
- Gómez Torrego, Leonardo (1988), *Perífrasis verbales. Sintaxis, semântica, y estilística*, Arco/Libros.
- Gómez Torrego, Leonardo (1999), “Los verbos auxiliares. Las perífrasis verbales de infinitivo”, Em: Bosque Ignacio e Violeta Demonte, (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Real Academia Española, Madrid, Espasa Calpe, pp. 3323–3389.
- Gonçalves, Anabela e Teresa da Costa (2002), *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicação para o Ensino do Português como Língua Materna*, Lisboa, Edições Colibri e APP.

- Grzegorzczkova, Renata (1997), „Nowe spojrzenie na kategorię aspektu w perspektywie semantyki kognitywnej”, Em: Grzegorzczkova Renata e Zofia Zaron (org.), *Semantyczna struktura słownictwa i wypowiedzi*, Warszawa, pp. 25–38 .
- Hernández Alonso, César (1986), *Gramática funcional del Español*, Madrid, Gredos.
- Hlibowicka Węglarz, Barbara (1997), “Os auxiliares pontuais na língua portuguesa”, *Lubelskie Materiały Neofilologiczne*, nr 21, pp. 231–241.
- Hlibowicka Węglarz, Barbara (1998), *Processos de expressão do aspecto na língua portuguesa*, Lublin, Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej.
- Hricsina, Jan (2014), “Substituição do gerúndio pela construção a + infinitivo no Português Europeu (estudo diacrónico)”, *Studia Iberystyczne* 13, pp. 383–401.
- Karolak, Stanisław (2001), *Od semantyki do gramatyki*. Wybór rozpraw, Warszawa, Sławistyczny Ośrodek Wydawniczy.
- Leiria, Isabel (1991), *A aquisição por falantes de português-europeu língua não-materna dos Aspectos verbais expressos pelos Pretéritos Perfeitos e Imperfeito*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FLUL.
- Lobato Pinheiro Lúcia Maria (1975), “Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade”, Em: Lobato Lúcia Maria Pinheiro e Bernard Pottier *Análises Lingüísticas*, Petrópolis, Vozes, pp. 27–91.
- Longo, Beatriz e Odette Campos (2002), “A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado”, Em: Abaurre Maria Bernardete Marques e Angela Rodrigues (org.), *Gramática do português falado*, vol. VIII, pp. 445–474.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1995), “Tempo, Aspecto e Coesão Discursiva”, *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 74–112.
- Lopes, Óscar ([1971]1972), *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Instituto Gulbenkian.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (1992), *Gramática da Língua Portuguesa*, 3ª edição, Coimbra, Livraria Almedina.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2004), *Gramática da Língua Portuguesa*, 6ª edição revista e aumentada, Lisboa, Caminho.
- Mattoso Câmara Jr., J., ([1970]2001), *Estrutura da língua portuguesa*, 34ª edição, Rio de Janeiro, Editora Vozes.
- Mattoso Câmara Jr., J., (1979), *História e estrutura da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão.
- Moens, Marc (1987), *Tense, aspect and temporal reference*, Doctoral Dissertation, Edinburgh.
- Moens, Marc e Mark Steedman (1988), “Temporal ontology and temporal reference”, *Computational Linguistics*, nr 14, pp. 15–28.

- Oliveira, Fátima (1994), “Algumas peculiaridades do aspecto em português”, *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Lisboa, vol. 2.
- Oliveira, Fátima (2005), “Semântica”, Em: Faria, Isabel Hub *et al.*(orgs.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 2.ª edição, pp. 333–379.
- Oliveira, Fátima (2013), “Tempo verbal”, Em: Raposo *et al.* (orgs.), *Gramática do Português*, Volume II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 509–553.
- Oliveira, Fátima e Fátima Silva (2019), “O uso do Pretérito Imperfeito e do Pretérito Perfeito do Indicativo em português europeu por estudantes com cantonês como L1”, *Studia iberystyczne*, nr18, pp. 447–466.
- Osório, Paulo (2004), *Estudo sintático-axiológico do Livro de Falcoaria de Pero Menino*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- Pereira, Susana G. C. (2009), *A semântica do objecto. Aspecto e determinação nominal*. Lisboa, FCG/FCT.
- Polański, Kazimierz (1999), *Encyklopedia językoznawstwa ogólnego*, Wrocław, Zakład Narodowy im. Ossolińskich.
- Pontes, Eunice (1971), *Verbos auxiliares em Português*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Pottier, Bernard (1976), “Sobre el concepto de verbo auxiliar”, *Linguística moderna y filología hispánica*, Madrid, Gredos, pp. 194–202.
- Raposo *et al.* (2013), *Gramática do Português*, volumes I e II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Roca Pons, José (1958), “Estudios sobre perífrasis verbales del español”, *Revista de filología española*, Anejo LXVII, Madrid.
- Rojo, Guillermo (1974), “Perífrasis verbales en el gallego actual”, *Verba*, Anuario Gallego de Filología, Anejo 2.
- Santos, Diana (1991), “Sobre a classificação aspectual dos verbos portugueses”, *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga – Guimarães, pp. 389–401.
- Smith, Carlota (1993), *The Parameter of Aspect*, Dordrecht, Kluwer.
- Sousa, Otilia da Costa, (2007a), *Tempo e aspecto – O imperfeito num corpus de aquisição*, Lisboa, Edições Colibri, Instituto Politécnico de Lisboa.
- Sousa, Otilia da Costa (2007b), “Perífrases aspectuais: estar a / andar a + infinitivo”. *Actas do XXII encontro APL*, Lisboa, Colibri, pp. 637–648.
- Squartini, Mario (1998), “Motion periphrases in the other romance languages”, Em: *Verbal Periphrases in Romance: Aspect, Actionality, and Grammaticalization*, Berlin / New York, Mouton de Gruyter. pp. 1–34; pp. 207–299.
- Travaglia, Luis Carlos ([1985]2014), *O aspecto verbal no português: A categoria e sua expressão*, Uberlândia: EDUFU.
- Vendler, Zeno (1967), “Verbs and times”, *Linguistics and Philosophy*, Itaca, New York, University Press, pp. 97–121.

- Vieira, Sílvia Rodrigues (1998), “Predicados com verbo estar: configuração sintática”, Em: S.P. Bernardo e V.C de Meneses (org.), pp. 705–712.
- Vilela, Mário (1999), *Gramática da língua portuguesa*, Coimbra, Almedina.
- Wachowicz, Teresa Cristina (2003), “Marcas lingüísticas de iteratividade em PB”, *Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*.
- Wiśniewska, Justyna (2014), *As estratégias gramaticais de expressão da iteratividade em português*, Lublin, Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej.
- Wróbel, Henryk (2001), *Gramatyka języka polskiego*, Kraków.
- Xavier, Maria Francisca (1993), “Funções das preposições *de* e *a* em português. Um estudo diacrónico”, *Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, A Coruña, pp. 809–817.
- Xavier, Maria Francisca e Maria Helena Mira Mateus (1992), *Dicionário de termos lingüísticos*, APL, ILTC, Lisboa, Edições Cosmos.

As obras de que foram retirados exemplos (abreviações utilizadas):

- AP: Ana Tavares e Maria Tavares (2012): *Avançar em Português*, Lisboa, LIDEL.
- CP: Lúcia Fagundes Telles (1954): *Cirandela de Pedra*, Lisboa, Edição Livros do Brasil.
- FN: Falante nativo.
- GA: Isabel Coimbra, Olga Mata Coimbra (2002): *Gramática ativa 2*, Lisboa, LIDEL.
- HD: José Saramago (2002): *Homem Duplicado*, Editorial Caminho.
- JSC: José Saramago (2000): *A Caverna*, Lisboa, Editorial Caminho.
- MI: Eça de Queirós (2000): *Os Maias*, vol. I, Biblioteca Visão.
- MC: José Saramago (2000): *Memorial do Convento*, Editorial Caminho.
- PSF: Isabel Coimbra, Olga Mata Coimbra (1990): *Português sem fronteiras II*, Lidel.
- PXXI: Ana Tavares (2004): *Português XXI 1*, Lisboa, Lidel.
- TN: José Saramago (1998): *Todos os nomes*, Lisboa, Editorial Caminho.

Anexo

Andar a + infinitivo

Também ando a juntar papéis sobre o bispo e nem por isso estou interessado em falar algum dia com ele. (TN: 83)

Deles, só me interessa o que tiver que ver com a pessoa que ando a procurar aliás, nem me foi concedida autorização para mais. (TN: 62)

(...) você até parece que andava a esfregar uma parede com os joelhos. (TN: 132)

A paciência esgotou-se-lhe, pensaram com alegria os auxiliares de escrita, ultimamente escandalizado pelo tratamento de imerecido favor de que o Sr. José andara a ser objecto por parte do chefe. (TN: 203)

Pelo contrário, desde há quatro séculos que andam a cair anátemas, insultos, calúnias e vexames sobre a memória do infeliz inovador. (TN: 214)

(...) por que é que andas a investigar-lhe a vida. Também ando a juntar papéis sobre o bispo e nem por isso estou interessado em falar algum dia com ele. (TN: 83)

(...) mas o seu pensamento não estava ali, andava a vaguear pela escuridão da Conservatória, como um cão negro que tivesse encontrado o rasto do último segredo. (TN: 35)

Se não está doente, como explica então o mau trabalho que andou a fazer nos últimos dias. (TN: 136)

É certo que fraudulentíssima vitória, mas se andam tantas pessoas por aí a apregoar que os fins justificam os meios, ele quem era para as desmentir. (TN: 60)

Talvez o diário que encontrei seja de algum parente da pessoa que tem andado a procurar (TN: 147)

Não é o meu costume andar a espreitar as vidas alheias, disse o Sr. José, esquecido das cento e quarenta e tantas que tinha no armário. (TN: 62)

Não estou informado de que o Sr. José ande a procurar alguém, de qualquer modo não é questão que diga respeito à Conservatória Geral. (TN: 147)

(...) durante uns dias andei a pensar em lhe telefonar. (TN: 188)

Voltar a + infinitivo

Contudo há perguntas tenazes (...) e esta voltou a atacá-lo. (TN: 81)

O conservador voltará a ser o chefe. (TN: 210)

(...) para que não voltasse a repetir-se o facto. (TN: 32)

(...) mais ninguém voltaria a entrar neste sótão. (TN: 112)

(...) É impossível que os volte a ter alguma vez. (TN: 214)

Vou estar de olho alerta para o caso de ele voltar a aparecer por aqui. (TN: 155)

A mulher tornou a entrar na loja. Tinha-se esquecido de comprar o pão. (FN)

Desejo que volte rapidamente a ser um funcionário correcto que era antes. (TN: 79)

Não voltou a vê-lo. (TN: 151)

Não tenciono voltar a usá-la. (TN: 278)

(...) deitar abaixo a parede do fundo e voltar a levantá-la uns quantos metros adiante. (TN: 166–167)

E voltou a falar do caso da véspera, do famoso artigo da Gazeta. (M I: 165)

Quatro dias depois Marta voltava a telefonar, apareceremos aí amanhã à tarde. (JSC: 345)

Tornar a + infinitivo

Torno a dizer que não faça caso daquela minha ideia. (TN: 200)

O Sr. José tornou a entrar no prédio. (TN: 275)

Dizia e tornava a dizer que os assuntos (...) não lhe interessavam. (TN: 59)

Pode ser que tornem a ligar. (TN: 275)

Tornaria a ser verdade. (TN: 243)

Voltou ainda três vezes ao Aterro, não a tornou a ver. (M I: 152)

Tornar a ser véspera, ao menos por uma hora, é o desejo impossível de cada ontem que passou e de cada hoje que está passando. (JSC: 274)

E depois tornariam a perguntar. (TN: 100)

Tornei a fumar. (FN)

O auxiliar de escrita tornou a guardar o cartão. (TN: 223)

Tornei a calçar os sapatos. (TN: 43)

Tornou a entrar na Conservatória. (TN: 252)

Tornou a acender a lanterna. (TN: 88)

Ir + gerúndio

Pessoas assim (...) vão tentando pôr alguma ordem no mundo. (TN: 23)

Enquanto comia, ia pensando. (TN: 83)

Já vai estando bom tempo para irmos até à praia.

O Sr. José, enquanto ia bebendo, decidiu que tinha de mudar de tática. (TN: 256)

Teria preferido ir andando. (TN: 275)

Ele ia subindo as escadas. (FN)

Vai tirando outros objectos: livros antigos com dedicatórias, cartões com versos, declarações de amor muito respeitosas, flores murchas, folhas secas, frascos vazios de perfumes... (JSC: 341)

Notava-se que a tarde ia chegando ao fim. (TN: 66)

Como se alguém lhos estivesse lançando lá de cima, foram caindo papéis. (TN: 178)

(...) enquanto os papéis iam amarelecendo cada vez mais. (TN: 16)

O rolo que a cada passo se vai desenrolado. (TN: 168)

Por isso o Sr. José vai copiando com cuidado. (TN: 161)

Imaginemos um caçador, ia dizendo consigo mesmo. (TN: 68)

assim as sepulturas foram ganhando terreno. (TN: 215)

vir + gerúndio

(...) consequências que incessantemente vêm caminhando na nossa direcção.
(TN: 48)

(...) resolvi vir andando. (TN: 238)

(...) não obstante as irregularidades que nos últimos tempos vem cometendo. (TN: 34)

Estas crises políticas vêm sendo difíceis de resolver.

As condições climatéricas vêm estando óptimos para darmos uma saltada a praia.

Sim. Nero, Augusto Massinissa e tu grande César, Que incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo

Costumar + infinitivo

Normalmente ele costuma comer um bolo e beber um sumo de laranja.
(FN)

Os portugueses não se costumam deitar cedo.(PXXI: 51)

A Ana sempre costumava estudar. (FN)

Era esta hora em que as duas costumavam ir para o caramanchão.
(CP: 24)

O João costuma sair muito durante as aulas. (FN)

A Ana costumava chegar atrasada ao trabalho.(FN)

(...) não costuma ser fácil a vida nas repartições oficiais...(TN: 77)

(...) isto quis Manuel Milho saber provavelmente por ser ele o que costumava ver o rio passando... (MC: 166)

Começar a + infinitivo

A cabeça começou a doer-lhe mais. (TN: 105)

A partir de certa altura começa a reinar a escuridão. (TN: 14)

(...) além disso começou a ter a impressão. (TN: 109)

(...) começou a ser objecto de avisos severos. (TN: 78)

Era tempo de começar a tomar notas. (TN: 74)

(...) comecei a trocar as chapas... (TN: 241)

Agora é um pequeno José que começou a ir à escola. (TN: 175)

Não tardou que começássemos a chorar. (TN: 191)

(...) pelo menos, não começariam a acender os candeeiros... (TN: 183)

Continuar a + infinitivo

O conservador continuava a falar. (TN: 206)

Lá fora continuava a chover. (TN: 94)

(...) sendo, como havia sido e continuava a ser. (TN: 103)

Então, continuo a ter razão. (TN: 109)

Tirando da secretária do chefe, por cima da qual continua a brilhar a lâmpada. (TN: 168)

O autocarro já saíra da praça, e o Sr. José continuava a rebuscar os motivos profundos que o tinham impelido. (TN: 184)

Continuou, pois, a abrir e fechar as portas. (TN: 96)

Podia lembrar-se de vir espreitar a chuva que continuava a cair forte. (TN: 87)

E só porque a moinha continuava a descer do céu. (TN: 70)

Continua a olhar para mim. (TN: 157)

Estar a + infinitivo

Ele esteve a bater à porta.

** Esteve a chegar.*

Ele esteve a chegar às cinco em ponto toda a semana passada.

A Maria está a espirrar.

Ele está a estudar.

Ele tem estado a estudar regularmente desde o ano passado.

Ele está a estudar das 5h às 6h, ao domingo.

Ultimamente, eles têm estado a descer as montanhas todos os fins de semana.

Peryfrazy werbalne iteratywne w wariancie europejskim języka portugalskiego

Streszczenie

Peryfrazy werbalne stanowią jeden z bardziej reprezentatywnych środków wyrazu kategorii aspektu w języku portugalskim. Proponujemy czytelnikowi opis peryfraz werbalnych, zwracając szczególną uwagę na peryfrazy, które wyrażają wartość aspektową iteratywną. Nasze rozważania opieramy na teoriach takich językoznawców jak Costa Campos (1984, 1987), Comrie (1976), Barroso (1994), Hlibowicka-Węglarz (1998), Gómez Torrego (1999), Gonçalves & Costa (2002). Definiujemy peryfrazę werbalną jako konstrukcję analityczną, złożoną z czasownika posiłkowego, który jest nośnikiem znaczenia gramatycznego (informuje o czasie, aspekcie, trybie, osobie) i czasownika głównego, który jest nośnikiem znaczenia leksykalnego.

Biorąc pod uwagę przedmiot badań, formułujemy dwie hipotezy, które staramy się potwierdzić w następujących po sobie rozdziałach omawianej pracy. Pierwsza hipoteza: wartość aspektowa iteratywna zależy od interakcji wszystkich elementów wypowiedzi, a mianowicie właściwości czasownika posiłkowego, właściwości czasownika głównego, klasy aspektowej predykatu werbalnego, przyimka, kwantyfikacji podmiotu lub dopełnienia, między innymi. Druga hipoteza: peryfrazy werbalne aspektowe mogą wyrażać różne rodzaje iteratywności.

Uwzględniając powyższe hipotezy, w niniejszej pracy rozważamy problematykę konstrukcji peryfrastycznych: pojęcie peryfrazy werbalnej, jej gramatyzację i sposób definiowania czasownika posiłkowego. Poddajemy naszym rozważaniom kategorię aspektu i wartość

aspektową iteratywną. Zwracamy szczególną uwagę na różne warianty kombinatoryczne poszczególnych peryfraz werbalnych z różnymi typami predykatów werbalnych. Staramy się wykazać kompatybilność lub jej brak między czasownikiem posiłkowym a czasownikiem głównym, opierając się na klasyfikacji predykatów werbalnych, która została zaproponowana przez Vendlera. W poddanych analizie przykładach obserwujemy jak inne składowe wypowiedzi wpływają na aspektową wartość iteratywną, wyrażaną przez peryfrazy werbalne.

Jak już wspomniano, peryfrazy werbalne obejmują wiele aspektów, które charakteryzuje pewna złożoność. Należy również pamiętać, że konstrukcje peryfrastyczne wyrażają znaczenia i niuanse, których prosty czasownik nie jest w stanie wykazać. A te niuanse są niezbędne w procesie komunikacji, abyśmy mogli przekazać naszym rozmówcom wszystko to, o czym myślimy. Biorąc pod uwagę wspomniane wyżej kwestie, na zakończenie naszych rozważań podejmujemy się próby zilustrowania w praktyce zagadnień, które omówiliśmy w niniejszej pracy. Nasza propozycja obejmuje kilka aspektów i ma na celu, między innymi, rozpoznanie, że istnieją różne rodzaje sekwencji werbalnych; odczytanie właściwej interpretacji peryfraz werbalnych – aspektowej, temporalnej lub modalnej; rozpoznanie wartości aspektowych, głównie iteratywnej, wyrażanych przez peryfrazy w danych kontekstach.

Wydaje się, że przeprowadzona analiza pozwala stwierdzić, że wartość aspektowa iteratywna wyrażana przez peryfrazy werbalne jest sumą właściwości i wartości wszystkich elementów obecnych w danym zdaniu, między innymi czasownika posiłkowego i głównego, typu predykatu werbalnego i konstrukcji adverbialnych.

Iterative verbal periphrases in European Portuguese

Abstract

Verbal periphrases constitute one of the most representative means of expression in the aspect category in Portuguese. Therefore, we propose a description of verbal periphrases with particular attention to periphrases which express the iterative aspect value. We base our considerations on the theories of linguists, such as Costa Campos (1984, 1987), Comrie (1976), Barroso (1994), Hlibowicka-Węglarz (1998), Gómez Torrego (1999), Gonçalves & Costa (2002). We define a verbal periphrasis as an analytical construction that includes an auxiliary verb, which brings the grammatical meaning (informs about the tense, the aspect, the mood and the person), as well as the main verb, which brings the lexical meaning.

Taking the object of the studies into consideration, we formulate two hypotheses that we attempt to confirm in the consecutive chapters of the present work. First hypothesis: the iterative aspect value depends on interacting all components of an utterance, namely, among others: the values of an auxiliary verb, the values of a main verb, the aspect class of a verbal predicate, the preposition, and the quantification of the subject or the object. Second hypothesis: aspect verbal periphrases can express various types of iterativeness.

In the present work, regarding the hypotheses mentioned above, we consider the topic of periphrastic constructions: the notion of a verbal periphrase, their grammatization, and the way of defining an auxiliary verb. We examine the aspect category and the iterative aspect value.

We focus our particular attention on various combinatorial types of each verbal periphrasis with different types of verbal predicates. We attempt to prove the compatibility or lack of compatibility between the auxiliary verb and the main verb, basing on the classification of verbal predicates, proposed by Vendler. Furthermore, we observe in the examples analyzed that other componential utterances have an impact on an aspect iterative value expressed by verbal periphrases.

As it was mentioned before, verbal periphrases include numerous aspects that are characterized by a certain complexity. It is also worth remembering that periphrastic constructions express meanings and subtleties, which a simple verb is not able to prove. And these subtleties are essential for the communication process, so that we can provide our interlocutors with all our thoughts. Therefore, taking all the queries mentioned above into consideration, at the end of our research, we attempt to illustrate the topics discussed in the present work in practice. Our proposal includes several aspects and aims at, among others, recognizing that there are two different types of verbal sequence; reading out the appropriate interpretation of verbal periphrases – aspect, temporal or modal; recognizing the aspect values, particularly the iterative one, expressed by periphrases in particular contexts.

It may seem that the analysis conducted allows to claim that the iterative aspect value expressed by verbal periphrases is a summary of properties and values of all elements present in a particular sentence, for instance, an auxiliary verb and a main verb, a verbal predicate type and the adverbial constructions.

Justyna Wiśniewska é Professora Assistente na Cátedra de Estudos Portugueses da Universidade Marie Curie Skłodowska em Lublin. Licenciou-se em Estudos Ibéricos pela Faculdade de Letras da UMCS. Doutorou-se em Linguística pela Universidade Marie Curie Skłodowska. Leciona, entre outras, as disciplinas de Gramática do Português, Língua Portuguesa, Morfologia, Seminário de Linguística da Licenciatura em Estudos Portugueses. Atualmente desenvolve a investigação em Pragmática e em Aquisição e Aprendizagem de PLE. É coautora do *Dicionário temático polaco-português*.

Com o presente estudo pretendemos descrever sob o ponto de vista linguístico o funcionamento das perífrases verbais que exprimem o valor aspetual de iteratividade no Português Europeu. Portanto, propomos ao leitor o aprofundamento de um dos fenómenos linguísticos, nomeadamente, as construções perifrásticas que são de uso bem frequente em português. Definimos a perífrase verbal como uma construção complexa e composta por um verbo auxiliar que é o portador do significado gramatical (pessoa, modo, tempo, aspeto), por um verbo principal (também chamado auxiliado) que transmite a informação lexical. Entre os dois constituintes pode ocorrer também uma preposição se tivermos em conta algumas perífrases verbais em que o verbo principal está na forma do infinitivo. A análise efetuada evidencia que vários fatores, nomeadamente, as características do verbo auxiliar, as propriedades do verbo principal, as classes aspetuais do predicado verbal, a pluralidade do sujeito ou do complemento, entre outros, interferem no valor aspetual de iteratividade.